

# COVID-19

## A GRAMÁTICA DO INIMIGO

Vicente de Paula da Silva Martins

# COVID-19

## A GRAMÁTICA DO INIMIGO



Vicente de Paula da Silva Martins

# COVID-19

## A GRAMÁTICA DO INIMIGO

**Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

**Vicente de Paula da Silva Martins**

**Covid-19: a gramática do inimigo.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.  
137p.

**ISBN: 978-65-87645-00-1**

1. Estudos da linguagem. 2. Estudo da fraseologia. 3. O deboche. 4.  
Autores. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa:** Colorbrand Design

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2020

## **Nosso novo jeito de falar português**

“O novo coronavírus veio provocar abalos na nossa relação com quase tudo em volta, inclusive com uma ferramenta de importância que nem sempre levamos em conta –as palavras. Termos que usávamos raramente, como quarentena e pandemia, se tornaram correntes —já que pela primeira vez a nossa geração as vive na pele— e outras expressões entraram com o pé na porta no léxico do dia a dia, caso de “distanciamento social”, “achatar a curva” e, claro, o próprio “coronavírus”. (Walter Porto, Mundo, **Folha de São Paulo**, 01/05/2020)



## SUMÁRIO

<b>À Guisa de apresentação</b>	9
1. Covid-19, um inimigo declarado ou um velho conhecido?	13
2. A fraseologia do deboche. E daí?	37
3. A preposição “ante” nos tempos do coronavírus	53
4. Palavras de baixo calão em meio à Pandemia do coronavírus	71
5. Um estudo acerca do pronome “cujo” e suas flexões no contexto de pandemia do novo Coronavírus	89
6. Os “coprologismos” da reunião ministerial: “porra” e seus correlatos	109
<b>In(Conclusões)</b>	133
<b>Sobre o Autor</b>	135



## À GUISA DE APRESENTAÇÃO

Covid-19, parasita intracelular, um inimigo invisível. Doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, o vírus nos obriga a lutar sem armas. Sentimo-nos encurralados diante de um vírus causador de infecção respiratória e da pandemia em curso, que impiedosamente ceifa vidas e faz estragos imprevisíveis no sistema de saúde e mercado financeiro mundial.

Em meio à pandemia, descobri que, para abrandar a sensação de reclusão ou isolamento social, escrever textos para discussão ao longo dos dias, mesmo sem destinatários específicos, foi uma “forma de não deixar a chama da existência apagar”, como diria meu amigo José Paulo Morteira da Fonseca (RJ), escritor, poeta, ensaísta, teatrólogo, pintor e crítico de arte, com quem troquei, via postal, intensa correspondência nos anos 80, ainda estudante do Curso de Letras na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza. Após ler seu *Elegia Diurna* (1947) e *Poesias* (1949), passei a classificá-lo como um dos poetas da Geração de 45, enquadramento neoparnasiano que ele me dizia não concordar inteiramente comigo.

Bem longe dos anos dos 80, trocar ideias e opiniões com poetas e escritores, por correspondência postal, tornou-se algo raro atualmente. Por isso, tenho recorrido às mídias sociais, líquidas e instantâneas, para construir novos vínculos na área educacional, especialmente a de Letras. Após o Decreto Legislativo nº 6/ 2020, que reconheceu a ocorrência do estado de calamidade pública, e sem poder dar continuidade às minhas aulas presenciais na Universidade Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, senti-me estimulado a voltar escrever e a divulgar no *facebook* e em sites com publicações sem custo, textos com temas variados na área de atuação profissional.

Os primeiros textos, a que denominei “textos para discussão”, receberam boas críticas ou, ao menos, as reações foram positivas

quanto às temáticas abordadas por mim, em linguagem bem informal e simples. Citaria aqui, os comentários de Margarita Correia, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que considerou os textos como “ Bom material para aulas de lexicologia” e os do linguista e tradutor, meu amigo, Adail Sobral, docente Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que, ao se referir a um dos meus textos sobre o deboche bolsonariano, reagiu assim “ Deboche absolutamente espontâneo que revela o perfil do enunciador, insensível e sem qualquer empatia ou sentido do cargo.”

Não reuniria esta coletânea de textos para discussão sem a leitura compartilhada de muitos colegas da área e alunos de graduação (Letras, Pedagogia, Sociologia etc). Assim, não posso deixar de agradecer, publicamente, de maneira muito carinhosa e fraterna, ao meu amigo Valdemir Miotello, editor e linguista, docente aposentado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), enfim, um “camarada” com uma firme e saudável disposição para cultivar as coisas do espírito. Miotello, depois que se aposentou, parece-me que aumentou seu volume de trabalho e não aceita, nessa condição de aposentado, depor as luvas e continua profissionalmente atuando de forma muito ativa no meio acadêmico, com especial dedicação aos estudos bakhtinianos e líder do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGe/UFSCar. Sou muito grato às palavras edificantes e encorajadoras de Miotello, praticamente diárias, através do *whatsApp*, durante esse período de pandemia e não posso também deixar de mencionar seus sedutores (e bem-humorados) estímulos para continuar a escrever como estratégia de sobrevivência nesse “novo normal”, marcado com tantas incertezas e inquietações humanas.

Ao todo são seis textos que trago à baila. Estão dispostos, por ordem cronológica. O primeiro deles é sobre “Covid-19, um inimigo declarado ou um velho conhecido?”, em que me debruço um pouco sobre o termo médico ou acrônimo à luz da terminologia, lexicografia e classificação gramatical. O segundo

texto refere-se a umas das respostas do presidente Jair Bolsonaro aos repórteres que cobrem o Palácio do Planalto sob o título “A fraseologia do deboche. E daí?”. O terceiro texto resultou de uma atenciosa leitura que fiz da *Folha de São Paulo* e constatar o uso frequente da preposição “ante”. Assim, fiz uma coleta das principais ocorrências com a referida preposição durante este período de pandemia e acabei gerando um texto com rico exemplário da preposição “ante”. No quarto texto, voltei minha atenção ao calão palaciano e escrevi sobre “Palavras de baixo calão em meio à Pandemia do coronavírus”.

No mesmo ritmo de exploração de classes fechadas da língua portuguesa, surpreendeu-me que o pronome relativo “cujo”, na escrita, sobretudo em jornais de grande circulação nacional, é muito frequente nas matérias jornalísticas, especialmente em artigos de opinião. Assim, intitulei o texto sobre o relativo de “Um estudo acerca do pronome “cujo” e suas flexões no contexto de pandemia do novo coronavírus”.

O último texto denominei de “Os “coprologismos” da reunião ministerial: “porra” e seus correlatos”. Como linguista, sei que os palavrões fazem parte dos universais das comunidades linguísticas e como já bem escreveu Hélio Schwartzman (*Folha de São Paulo*, em 8/05/2020), “Não há idioma que não conte com um arsenal de palavras-tabu”; mas, no fundo, busquei e busco uma resposta para esta questão relacionada aos tabuísmos: afinal, por que brasileiros, governantes ou não, xingam tanto?

**Vicente de Paula da Silva Martins**

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA),  
em Sobral



## COVID-19, UM INIMIGO DECLARADO OU UM VELHO CONHECIDO?

“Corona-xenofobite. Substantivo feminino. Inflamação aguda provocada pelo preconceito e/ou medo em relação a estrangeiros em função da Covid-19. Infecciosa, espalha-se rapidamente. Agrava-se diante do nacionalismo exacerbado. Pode causar danos permanentes a terceiros.”  
(Tatiana Prazeres, *Folha de São Paulo*, em 24/04/2020)

### INTRODUÇÃO

Este texto traz as seguintes seções: “Fiat coronavírus” ou “Faça-se covid-19”, onde manifesto meu lado mais “religioso” nos tempos de pandemia; “Covid-19, um inimigo declarado ou um velho conhecido?”, onde mostro que o Covid-19 já aperece, desde 2003, como pauta de várias matérias do *Jornal Folha de São Paulo* sob a denominação de “pneumonia misteriosa”; “COVID-19/Covid-19 em Houaiss (2020)”, na qual discuto como o acrônimo foi dicionarizado ou lematizado, inclusive falo um pouco sobre a masculinização e feminização do verbete a partir de suas acepções já consagradas contemporaneamente pelo uso e para comprovar a analogia do termo coronavírus com outros da mesma família, e apresento o que chamei de “Quadro com doenças causadas por vírus”, bem sintético; “Covid-19, um acrônimo antitabuístico”, mostro que a OMS, com a criação do acrônimo Covid-19, tentou evitar uma onda de estigmatização dos serviços, do comércio, enfim, do setor produtivo da China; e, por fim, “Covid-19, a escrita do inimigo”, tema central deste artigo, e que ilustro com exemplos, sempre contextualizados, extraídos da *Folha de São Paulo*, nos meses de março a maio de 2020, e que acabam gerando dúvida, em pleno período de pandemia, quanto à sua grafia escorregada ou que segue a norma padrão da língua portuguesa, o que revela, por

sua vez (o que postulo ao longo do texto), que o acrônimo Covid-19 está em processo de lexicalização.

### **“FIAT CORONAVIRUS” OU “FAÇA-SE COVID-19”**

Na quarentena, voltei a ser um leitor obstinado da Bíblia e, claro, esforçando-me, espiritualmente, para não me tornar um religioso fundamentalista em meio a pandemia do coronavírus. Apego-me ora às ciências médicas ora às ciências religiosas, estas me levam a acreditar que a história do mundo se apoia, do ponto de vista religioso, no “fiat lux”, expressão latina frequentemente traduzida como “faça-se luz” ou “que haja luz”, que, por sua vez, nos remete à passagem bíblica “dixit que Deus fiat lux et facta est lux<sup>1</sup>), a da criação divina da luz descrita em Gênesis 1:3.

À guisa de um religioso (jamais religionário), postulo que a história da humanidade se apoia nos quatro fiats da revelação bíblica, colunas fundamentais do mundo, a saber: i) Gênesis 1:3: “Fiat lux” = “Faça-se luz...” ou simplesmente “o Fiat de Deus; ii) Lucas 1:38: “Fiat mihi secundum verbum tuum” = “Faça em mim conforme a tua palavra” ou “o Fiat de uma moça nazarena”; iii) Lucas 22:42: “Nom mea voluntas, sed tua Fiat = “Não se faça a minha vontade” ou “o Fiat do Filho de Deus”; iv) Mateus 6:10: “Fiat voluntas tua sicut in coele et in terra” = “Seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu de, mas a Tua” ou “o nosso Fiat”; e v) A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19), a que batizo aqui, em latim, de “Fiat coronavírus” = “faça-se covid-19” ou “o fiat da miséria e fome”. Não sei bem o que faço com tantas referências latinas e construções insólitas, mas, vamos nos agarrar em alguma coisa mais palpável, e faço a opção pela noção de tempo pandêmico.

---

<sup>1</sup> Numa tradução livre para o português, “Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita.”

No fundo, preciso compreender melhor a noção de tempo nos tempos de pandemia. Sei que aqui posso problematizá-lo diante de mundo cheio de confinamentos, interdições, máscaras, coronavirufobias, em pleno presente contínuo, não sabendo mais como conjugar o verbo vivenciar ou conviver no futuro do presente. Como um dos 7,7 bilhões de habitantes no Planeta Terra ou um dos 209 milhões brasileiros ou um dos 8,843 milhões de cearenses, de carne e osso, mascarados, vejo que há quatro meses, o mundo já conhecia o termo “coronavírus”, mas não na sua versão letal. Vou tentar explicar o que estou tentando aqui descrever.

O tempo na história das epidemias (ou pandemias) se impõe à reflexão. Desde o final da década de 60 já conhecíamos o termo “Coronaviruses”, que aparece 16 November 1968, na Revista *Nature* com a publicação do artigo sob o título “Virology: Coronavirus” ([https://www.nature.com/articles/220650\\_b0](https://www.nature.com/articles/220650_b0)). Se bem que, em 1937, a família dos coronavírus já havia sido identificada pela primeira vez e descrita, mais tarde, especificamente, como *corona* em 1965, quando se conheceram suas características morfológicas (<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52114980>). Para os lexicógrafos não havia interesse nenhum em registrar o termo coronavírus, da década de 60 aos nossos dias, exceto nesse momento de impacto e emergência na saúde pública mundial. Isso vale para o covid-19, como ficou mais amplamente conhecido pela comunidade internacional. Os dicionários gerais (Houaiss, Aurélio, Aulete etc), decerto, ficariam imensamente volumosos se acolhessem os termos técnicos da sociedade informática ou em contextos de epidemias ou pandemias; daí, os dicionários *especializados*, glossários e listas de termos, destinados exclusivamente a recolha de termos técnico-científicos e outros domínios, como, por exemplo, os da área médica.

Preciso evitar digressões. Por isso, antes de prosseguir com meu estudo sobre o termo “Covid-19”, insisto em me situar melhor, digo, historicamente animado, para levar o leitor ao discernimento do contexto de aparecimento do termo no Brasil. Aqui, no dia 22 de janeiro, o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde,

registrou, pela primeira vez, o termo “2019-nCoV”, definido como “doença respiratória, causada por agente novo coronavírus”. Foram determinantes para este registro, no Brasil, as informações e recomendações dadas pelo Escritório da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, ao informar à comunidade internacional sobre “casos de pneumonia de etiologia desconhecida (causa desconhecida) detectada na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China.”

Na semana seguinte, isto é, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou a epidemia da doença respiratória como uma *Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional*. Na ocasião, um total de 7.736 casos estava confirmados, 83 dos quais em países diversos. Isso tudo foi muito assustador para todos os brasileiros.

A partir daí, ou mais precisamente, em 11 de fevereiro de 2020, a doença causada pelo novo coronavírus, foi oficialmente denominada pela OMS como *Doença do Coronavírus 19* (do inglês *Coronavirus Disease 19* ou COVID-19, abreviadamente) e, em paralelo, o vírus passou a ser denominado SARS-CoV-2, hoje, mais conhecida como Covid-19 (em caixa-alta-baixa).

## **COVID-19, UM INIMIGO DECLARADO OU UM VELHO CONHECIDO?**

Deambulando na Internet, vi que, em 2003, a *Folha de São Paulo* publicou uma informação sob o título “Vírus misterioso infecta mais cinco pessoas em Hong Kong”, na qual informa que “Centro dos EUA diz que vírus da doença é outro.” O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA disse naquele ano ter identificado um coronavírus como provável causador da chamada pneumonia misteriosa. Igualmente, cientistas de Hong Kong haviam dito que seria um “paramixovírus.” São tantos termos especializados e muito opacos quanto à definição no âmbito da infectologia.

Confesso que, como linguista, não me interessei, no primeiro momento, em saber mais sobre coronavírus e essa história de

doenças virais sazonais, mas, claro, também não minimizei a doença, até que se deu o aparecimento devastador do Covid-19, porque muitas patologias sempre chegavam apavorando as populações (por exemplo, “Mal da Vaca Louca”) e com a mesma velocidade iam embora. Claro, isso mudou. Passo agora o dia capturando todas as informações possíveis sobre o coronavírus e já descobri que, desde 1937, os cientistas desconfiavam de um vírus dessa malignidade. Não ousaria em falar da história natural desse vírus. Voltarei ao meu mundo, o da linguagem.

Pois bem. Apesar de covid-19 se tratar de um acrônimo<sup>2</sup>, e já dicionarizado em Houaiss (2020), muitos sites de notícias confundem o termo como sigla<sup>3</sup>, como pude observar em vários sites: a sigla **Covid-19** advém do inglês e é uma junção ou combinação (gosto deste termo porque lembra muito o de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*), reporto-me à expressão em inglês “**Co**-rona-**Vi**-rus-**D**-isease” e do ano em que ela surgiu 2019.

Considerado por muitos sites como sigla, como disse anteriormente, a Covid-19 significa “Corona Virus Disease” (tradução: doença do coronavírus) e a designação “19” se refere ao ano de 2019, quando os primeiros casos em Wuhan (na China) se tornaram conhecidos.” O acrônimo COVID-19/Covid-19, a rigor, não é sigla, conforme vou apontar a seguir.

---

<sup>2</sup> Linguisticamente, “diz-se de ou palavra formada pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução, ou pela maioria destas partes (Sudam = Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia).” (Houaiss, 2020)

<sup>3</sup> No âmbito da Linguística, refere-se à “redução de um intitutivo complexo a suas: a) letras iniciais, sem formar palavra (ABCD ou A.B.C.D. = Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema, municípios da Grande São Paulo); b) letras iniciais, formando palavra (U.N.E. = União Nacional dos Estudantes, O.N.U. = Organização das Nações Unidas); c) sílabas iniciais, formando quase palavras (Benelux = Bélgica, Nederland [Países Baixos] e Luxemburgo); d) partes iniciais, formando quase palavras (Petrobras = Petróleo Brasileiro S.A.); acrógrafo, acrograma, acrografia [Não são redução apenas de letras iniciais, mas também de sílabas iniciais, que podem combinar-se com letras iniciais.]” (Houaiss, 2020)

Começo por dizer o seguinte: o padrão do acrônimo Covid-19 segue as orientações da União Europeia. Entre as recomendações para o emprego das Siglas e acrônimos, o *Código de Redação Interinstitucional* (2011) recomenda, primeiramente, a moderação do seu uso e a conveniente definição integral com a primeira citação. No caso da Covid-19, o padrão gráfico é o mesmo previsto no *Código*: as convenções de escritas para as siglas, com ou sem pontos, só são grafadas com maiúsculas, características que estabelecem importantes distinções entre siglas e acrônimos. Resumidamente, as regras adotadas são as seguintes:

— as siglas e acrônimos com menos de seis letras (incluindo nomes de programas) escrevem-se em maiúsculas, sem pontos nem acentos, salvo exceções como CEECOST (European Cooperation in Science and Technology), FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional) e SIDA (Síndrome da imunodeficiência adquirida) ou AIDS (Acquired Immuno deficiency Syndrome).

— a partir de seis letras (*inclusive*) escrevem-se com maiúscula inicial, sem pontos nem acentos, salvo exceções: Cnuced (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), entre outros exemplos. Em Covid-19, não temos seis letras, mas temos oito grafemas<sup>4</sup>. Portanto, trata-se realmente de um acrônimo no âmbito da Infectologia/Virologia.

Sempre bom lembrar (serei repetitivo ao longo deste texto) que no dia 31 de dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi alertada sobre vários casos de pneumonia em Wuhan, na província de Hubei, na China. Logo em seguida, as autoridades confirmaram a identificação de um novo coronavírus que estava

---

<sup>4</sup> Termo de grande aplicação nos estudos de Fonologia e Ortografia. Trata-se de “unidade de um sistema de escrita que, na escrita alfabética, corresponde às letras (e tb. a outros sinais distintivos, como o hífen, o til, sinais de pontuação, os números etc.), e, na escrita ideográfica, corresponde aos ideogramas.” (Houaiss, 2020)

sendo chamado temporariamente de 2019-nCoV ou Sars-CoV-2, e o nome da doença respiratória que ele causa é covid-19. A Estrutura do coronavírus passou a ter esse nome por causa dos picos de suas membranas que lembram uma coroa. Lembram uma coroa? Isso é tão icônico, tão metafórico, tão metonímico...

Sob o título “*Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2*”, a Folha de São Paulo, na sua edição de 22/01/2020, fez sua primeira publicação sobre o coronavírus, com foco no “Novo vírus foi identificado no início de janeiro na China” e, já naquele mês, havia atingido mais de 110 países. Trata-se de uma datação importante para a lexicografia brasileira.

## COVID-19 OU Covid-19 EM HOUAISS (2020)

Com pelo menos 228.500 verbetes, o Houaiss, definitivamente, é o dicionário mais completo e amplo da língua portuguesa à luz da Lexicografia. Hoje, Houaiss deu adeus ao papel e está disponível para consulta somente em versão digital ([houaiss.uol.com.br](http://houaiss.uol.com.br)), e traz, substancialmente, atualização permanente, conjugação em todos os tempos verbais, plurais, femininos, aumentativos e diminutivos, gênero, número, origem e datação, sinônimos e antônimos, homônimos, parônimos, gramática etc; enfim, o Grande Dicionário Houaiss foi o primeiro dicionário geral, nos tempos de pandemia, entre as línguas modernas, a registrar os termos COVID-19 ou Covid-19 em 2020. Com a nova versão digital, o Instituto Houaiss permitiu, de há muito, que seus consultantes possam contribuir na feitura do Grande Dicionário. Eu mesmo me tornei um assíduo colaborador de novos verbetes (ou contribuição para datações e novas acepções de verbetes) a partir de recolha no âmbito de obras literárias (*Capitães de Areia*, de Jorge Amado, por exemplo).

Ao consultar o Houaiss, surpreendentemente me deparei com o verbo **COVID-19/Covid-19** na atualização de março de 2020. O termo, originalmente nos dicionários especializados da Medicina,

agora, dicionarizado como verbete<sup>5</sup> técnico em um dicionário geral, no âmbito da Infectologia, oferece informações médico-enciclopédicas para os consulentes. Primeiramente, o verbete, na verdade, como disse anteriormente, um acrônimo, é registrado na forma **COVID-19** (em caixa-alta e ano) ou **Covid-19** (em caixa-alta-baixa e ano), de alguma maneira sinalizando para um fenômeno de lexicalização<sup>6</sup> em processo, ainda a merecer, no futuro, evidentemente, uma apurada investigação lexicográfica, mas já posso antecipar algumas questões sobre a matéria.

Na estrutura microestrutura da entrada ou lema, o verbete **COVID-19/Covid-19** traz as seguintes informações lexicográficas: i) sobre o gênero (categoria das línguas que distingue classes de palavras): *substantivo masculino*; ii) Rubrica (indicação geral do assunto e/ou da categoria de algo): *Infectologia* (especialidade médica que se dedica ao estudo e tratamento das doenças infecciosas); ii) acepções: 1<sup>a</sup>) “cepa de coronavírus causadora de doença infecciosa cujos primeiros sintomas são febre, cansaço e tosse seca, podendo, em pessoas com outros problemas de saúde, agravar-se e causar dificuldade de respirar”; e 2<sup>a</sup>) “a infecção por ele causada”, sendo que, nesta segunda acepção, o verbete passa a ser classificado, por metonímia, como substantivo feminino.

Para esta segunda acepção, e conseqüente recepção no gênero gramatical do verbete, merece de nossa parte uma breve explicação: existe um tipo qualitativo na relação metonímica de covid-19 com a infectologia em discussão. Nesse caso, postulo que a relação tipo de relação metonímica é por “consequência pela causa”: a infecção coronavírus é causada pela cepa (população homogênea de organismos com características definidas, criada para fins experimentais) do coronavírus (gênero de vírus da família dos coronavirídeos, causadores de infecções em seres humanos e

---

<sup>5</sup> Em lexicografia, é o conjunto das acepções, exemplos e outras informações pertinentes contido numa entrada de dicionário.

<sup>6</sup> Processo ao fim do qual um sintagma se lexicaliza, transforma-se em unidade lexical autônoma.

em animais. Em substância, a masculinização do COVID-19/covid-19 é associada ao termo médico “*coronavirus disease* ‘mal do coronavírus’ + (20)19”. As duas formas de gênero gramatical devem ser consideradas pelos consulentes e só são esclarecidas quando guiadas pelo contexto de uso.

Vou ilustrar para melhor clarear o que disse acima. Uma pesquisa combinada<sup>7</sup> no Houaiss (2020) indicará que o novo verbete segue, por analogia, o gênero masculino de 18 palavras cuja classificação gramatical é substantivo e o gênero masculino, a saber: adenovírus, citomegalovírus, enterovírus, herpes-vírus, lentivírus, leucovírus, papilomavírus, picornavírus, poliovírus, rhabdovírus, retrovírus, rinovírus, rotavírus, ultravírus, vírus, todos, inclusive coronavírus, substantivos masculinos de dois números. Faço um detalhamento destes verbetes abaixo:

#### QUADRO COM DOENÇAS CAUSADAS POR VÍRUS

ITEM	RUBRICA	DEFINIÇÃO	ETIMOLOGIA
ADENOVÍRUS	VIROLOGIA	vírus de ADN causador de infecções oculares e respiratórias.	Aden(o)- + vírus.
CITOMEGALOVÍRUS	VIROLOGIA	Herpes-vírus que infectam macacos, roedores e o homem.	Cito- + megal(o)- + vírus.
ENTEROVÍRUS	BIOLOGIA	grupo de picornavírus, presente no intestino, que podem causar doenças respiratórias ou do tecido nervoso.	Enter(o)- vir(i/o)-. e

<sup>7</sup> Recurso que fornece uma lista de verbetes com determinadas características como "iniciados por" ou "terminados por", ou classe gramatical: adjetivo, verbo etc

<b>HERPES-VÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	grupo de vírus causador dos herpes simples oral e genital	Herp- vir(i/o)- e
<b>LENTIVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	vírus de ARN que inclui o <i>HIV</i> e o vírus da imunodeficiência felina.	lat.cien. gên. Lentivirus
<b>LEUCOVÍRUS</b>	<b>MEDICINA</b>	vírus causador de tumores ou leucemia encontrado em aves e mamíferos.	leuco- + vírus.
<b>PAPILOMAVÍRUS</b>	<b>BIOLOGIA</b>	vírus de ADN responsável por como verrugas.	papiloma + vírus.
<b>PICORNAVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Vírus constituído por um único filamento de ARN encerrado em um capsídeo icosaédrico.	pico- + RNA + vírus.
<b>POLIOVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Grupo de três enterovírus causador da poliomielite.	pólio + vírus.
<b>RABDOVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Grupo de vírus de ARN causador de doenças como a raiva e a estomatite vesicular	rabd(i/o)- + vírus.
<b>RETROVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	vírus de ARN que se multiplica com o auxílio da enzima	retro- + vírus.

		transcriptase reversa	
<b>RINOVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Vírus causadores de infecções respiratórias no homem e em outros mamíferos; rinoviro [São os vírus do resfriado.	rin(i/o)- vírus +
<b>ROTAVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Grupo de vírus de ARN causador da diarreia em animais e crianças.	rota + vírus.
<b>ULTRAVÍRUS</b>	<b>MICROBIOLOGIA</b>	Agente infeccioso capaz de atravessar filtros muito finos.	ultra- + vírus
<b>VÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Grupo de agentes infecciosos que se replica somente no interior de células vivas hospedeiras.	Do latim vīrus,i no sentido de 'sumo, suco.
<b>CORONAVÍRUS</b>	<b>VIROLOGIA</b>	Vírus causador de infecções em seres humanos e em animais	Corõna + vírus.

Fonte: Houaiss (2020) (Adaptado pelo autor)

## **COVID-19, UM ACRÔNIMO ANTITABUÍSTICO**

Parto sempre da escrita fonética para chegar à escrita ortográfica. Em sala de aula, o ensino de ortografia tem a

aprendizagem garantida à medida que levamos conhecimentos fonético-fonológicos para a fixação das formas linguísticas. Em outras palavras, acho muito inspirativo se recorrer à transcrição fonética para reproduzir na escrita a palavra objeto de reflexão. É o caso de */koviddezen 'ɔvi/*, que posso reproduzir graficamente como “Covid-19”. Esta, já dicionarizada em Houaiss (2020), é um acrônimo formado pela sílaba */ko/* e */vi/* do inglês */korona vir 'uʃ dʒizi 'azi/* (= *coronavirus disease*), que pode ser traduzido por “mal do coronavírus” + *(tu 'θaʊzənd) nam 'ti:n* (20)19, com recorte da dezena */nam 'ti:n/* do ano em que foi relatado à OMS (a 31 de dezembro). O que se observa no acrônimo é a seguinte montagem: */ko/* + */vi/* + (-, meia-risca) + */nam 'ti:n/*, gerando, na rubrica infectologia, o substantivo masculino COVID-19/Covid-19 com acepção de “cepa de coronavírus<sup>8</sup> causadora de doença infecciosa cujos primeiros sintomas são febre, cansaço e tosse seca, podendo, em pessoas com outros problemas de saúde, agravar-se e causar dificuldade de respirar” e o substantivo feminino COVID-19/Covid-19 com acepção de “infecção por ele causada”. Acho que me empolguei na explicação lexicográfica, né? Mas a boa explicação linguística é por aí mesmo.

Resta-me dizer ainda um pouco sobre a questão a grafia do termo médico: o acrônimo COVID-19/Covid-19 surgiu para se evitar o tabuísmo<sup>9</sup> “vírus chinês”. Isso em razão de o secretário de Estado americano, Mike Pompeo, no início do mês de março de 2020, chamar a nova epidemia de COVID-19 de “*vírus Wuhan*” em referência à cidade chinesa que foi o epicentro do surto do

---

<sup>8</sup> É possível que o misterioso surto de pneumonia que afetou, inicialmente, ao menos, 59 pessoas tenham se manifestado na China por meio de nova cepa do vírus da família dos coronavírus, que inclui o temido SARS - Síndrome respiratória aguda grave.

<sup>9</sup> Refere-se à “palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos [São os chamados palavrões e afins, e referem-se ger. ao metabolismo (cagar, mijar, merda), aos órgãos e funções sexuais (caralho, pica, boceta 'vulva', colhão, cona, foder, pívia, crica, pachoucho etc.), incluem ainda disfemismos pesados como puta, veado, cabrão, panelheiro, expressões tabuizadas (puta que pariu) etc.]” (Houaiss, 2020)

novo coronavírus. Em seguida, estabeleceu-se uma tensão entre os Estados Unidos e a China quando Donald Trump, presidente dos EUA, descreveu a doença como um “vírus chinês”.

Os tabuísmos nas pandemias vêm de longe. Em geral, criam-se, com palavras **chulas, grosseiras ou ofensivas** relacionadas a doenças, estigmas que vão influenciar no diagnósticos e intervenções clínicas, como acontece com os nomes que a população dar aos inúmeros tipos de cânceres ou, para ilustrar as expressões mais aterrorizantes do século XX referentes à síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids), altamente estigmatizantes como “peste gay”, “câncer gay”, o “Mal do Século” e outros termos que circulavam entre a população nos anos 80 e que persistem ainda na linguagem cotidiana.

Para voltar à temática coronavírus/Covid-19 me lembro ter lido em algum lugar sobre os tabuísmos que ocorreram em 1918/19, quando a “gripe espanhola” contaminou 1 bilhão de pessoas, ou seja, metade da população mundial, com 20 milhões de pessoas mortas e 300 mil delas no Brasil. Segundo os historiadores, a gripe espanhola, na verdade, hoje sabemos, um surto de vírus *influenza*, não surgiu na Espanha, mas assim foi rotulada em razão da forte divulgação do problema na imprensa espanhola<sup>10</sup>. Um século depois, não se sabe ao certo o local exato do surgimento dessa doença. As teorias a respeito dos prováveis locais de surgimento da gripe espanhola apontam para os Estados Unidos, a China e o Reino Unido, sendo praticamente um consenso que tenha “aportado” nos campos de treinamento militar nos Estados

---

<sup>10</sup> A história se repete: no dia 21 de abril de 2020, o Jornal O Estado de Minas trazia a seguinte matéria assinada por Augusto Fernandes: “Ramos critica imprensa por cobertura da COVID-19: ‘Não está ajudando’”. Na matéria, o jornalista escrever: No mesmo dia em que o presidente Jair Bolsonaro voltou a reclamar dos jornais brasileiros e chamou a imprensa de “canalha”, o ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, também criticou a mídia nacional pela cobertura da pandemia do novo coronavírus. Segundo ele, os veículos de comunicação estão levando pânico à população por divulgar apenas fatos ruins relacionados à crise sanitária e deixar de noticiar acontecimentos positivos.”

Unidos, no contexto da Primeira Guerra Mundial. À medida que os países buscam culpados pela origem do novo coronavírus vão surgindo tabuísmos ligados à pandemia. É um fato.

No mês de março, no Brasil, foi recorrente, nas mídias sociais, a adoção da expressão “vírus chinês”. O termo passou a ser usado após imbróglio do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente, com o embaixador da China no Brasil. Confusão desnecessária e inócua. O presidente Bolsonaro, por sua vez, adotou a estratégia de minimizar os riscos da pandemia desde o início de março, precisamente no dia 10 daquele mês, quando disse que “muito do que tem ali é muito mais fantasia”.

No final do mês de abril de 2020, os jornais de grande circulação voltaram a trazer matérias ligadas ao Gabinete de Inteligência Nacional dos Estados onde apontavam que “o vírus da Covid-19 não foi produzido pelo homem ou geneticamente modificado”, portanto, não foi produzido em laboratório. Apesar de poucas evidências, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump disse ter “motivos” (mas não mostrou as evidências) para “acreditar” que a pandemia do coronavírus se originou em um “laboratório na China”, contrariando o “amplo consenso científico de que o vírus da Covid-19 não foi produzido pelo homem ou geneticamente modificado”. A insistência de o presidente americano culpar a China pelo surgimento COVID-19, reforça, desde logo, a disseminação no mundo do tabuísmo “*vírus Wuhan*” ou “*vírus chinês*”. Em junho de 2020, o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, passou a responder a inquérito no STF (Supremo Tribunal Federal) por racismo, ou seja, por tratar os chineses com discriminação ao satirizar o sotaque de asiáticos residentes no Brasil e por ainda por insinuar que o país oriental sairá fortalecido da pandemia do novo coronavírus.

Por conta desse risco de tabuísmo em larga escala, isto é, temendo a viralização do tabuísmo “vírus chinês”, a OMS montou o acrônimo CIVID-19/Covid-19. Não se trata, a rigor, de um termo técnico que, em processo de lexicalização, se transformou de um dia para o outro em substantivo, da mesma forma considero que

está “mal resolvida” também a definição de gênero do termo posto que está em processabilidade lexicográfica e semântica. Vou tentar aqui fazer uma comparação.

Assim como se faz uma “montagem fotográfica” , através de “processo de composição de uma imagem, muito usado em publicidade, em que se utilizam partes de diferentes fotografias que, justapostas, criam a ilusão de uma fotografia realmente tirada” (Houaiss, 2020), também foi o mesmo que aconteceu com a neologia do acrônimo Covid-19, como já expliquei anteriormente. O objetivo do acrônimo foi, definitivamente, o de delir o tabuísmo “vírus china”; o que, posso traduzir aqui como um gesto de “altruísmo universal”. Assim, diria que a OMS criou um acrônimo antitabuístico, com motivação antropológica, para combater às restrições dos EUA à China ou aos países orientais.

Acho que devo aqui tentar explicar melhor o processo de criação de neologia (evito falar em neologismo) à luz do que temos em língua portuguesa, em que pese a forma neológica covid-19 tenha surgida na OMS, lá em Genebra (Suíça). À primeira vista, considerando o que estabelece a Base XV do Acordo Ortográfico, em vigência nos países lusófonos, a que trata do “hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares”, o verbete COVID-19/Covid-19 se enquadraria realmente na classificação de um acrônimo formado por um encadeamento vocabular. Acho que é melhor explicar o que estou postulando. Farei isso no parágrafo seguinte.

Permita-me voltar ao tempo. Há dez anos, levantei algumas questões ortográficas quanto à grafia de pé-de-moleque (compostocom hífen)/ pé de moleque (locução nominal sem hífen) em razão do Acordo Ortográfico (MARTINS, 2010). Dizendo de outra forma, descrevi e expliquei o processo de lematização dos compostos antes e depois do Acordo Ortográfico (2008). Os resultados, na época, permitiram-me observar que, por força do princípio composicionalidade, composto como pé de moleque, formado a partir do lexema pé, passou a ser considerado, pelo Dicionário Houaiss (2020), como unidade fraseológica do tipo

locução e não mais como uma simples palavra composta por justaposição. Algo parecido pode estar acontecendo com a lematização de COVID-19/Covid-19 ou simplesmente covid.

Então, considerando COVID-19/Covid-19 como unidade lexical em Houaiss (2020), não tenho dúvida que todos concordarão comigo que em nada lembra palavras como ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tio-avô, tenente-coronel, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, azul-escuro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, segunda-feira, conta-gotas e guarda-chuva. Todos os compostos acima são hifenizados. E se covid não lembra os compostos, lembraria o quê? Bom, evocaria, a meu ver, a expressão, em inglês *coronavirus disease* + (20)19, portanto, é um acrônimo altamente motivado. Aqui, eu “teria panos pra mangas” para falar em três motivações para o surgimento do acrônimo COVID-19/Covid-19: i) *Motivação Fonética*, isto é, há uma relação de semelhança (lógica ou analógica) entre o acrônimo de caráter externo à língua que ocorre quando se pretende que a forma fônica do signo linguístico se assemelhe à coisa representada na língua [*coronavirus disease*]; ii) *Motivação Mórfica* ou *Motivação Morfológica*, na qual observamos uma relação de semelhança (lógica ou analógica) entre palavras já existentes na língua (de caráter interno), causada especialmente pelos processos de derivação e composição (indicada pelo hífen, ou melhor dizendo, pelo sinal gráfico meia-risca); e iii) *motivação semântica*, aqui, a relação de semelhança (lógica ou analógica) ocorreria especialmente em linguagem figurada quando se relacionam palavras da língua semelhantes em um ou mais sentidos, à medida que o gênero gramatical seria reflexo desse tipo de motivação.

Tentarei explicar mais um pouco a partir da microestrutura de Houaiss (2020): posso falar em **masculinização do COVID-19/Covid** se me refiro à “cepa de coronavírus causadora de doença infecciosa cujos primeiros sintomas são febre, cansaço e tosse seca, podendo, em pessoas com outros problemas de saúde, agravar-se e causar dificuldade de respirar; assim, falo em **feminização da COVID-19/Covid-19** se aludo à “ infecção por ele causada” pelo coronavírus. Esta polissemia, a que fiz referência como manifesta

alusão, é, na verdade, indícios fortes de uma evidente relação metonímica do tipo qualitativo/consequência pela causa.

Em tal caso, considerando COVID-19/Covid-19 como acrônimo, e não composto, palavra ou substantivo composto, diria que é formado por *encadeamento vocabular*, ou seja, *ocasionalmente* combinou seus constituintes (coronavirus + disease + (20)19). E como tal, o acrônimo seria do ponto de vista morfológico, semelhante aos exemplos dados no Acordo Ortográfico, tipo: a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique), e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topônimos do tipo: Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil e Tóquio-Rio de Janeiro (Caso 7º da Base XV do Decreto nº 6.583/2008).

A única ressalva que faria, e contrariando o texto do Acordo, é que, nesse caso, isto é, em situação de formação do léxico por encadeamento, o sinal gráfico que utilizamos não é o hífen, e sim, a meia-risca, este, “sinal de pontuação que serve para unir os valores extremos de uma série, como números (1-10), letras (A-Z) ou outras, indicando ausência de intervalos na enumeração.” E ainda: a meia-risca, seguramente, “Serve igualmente para unir palavras que tenham um nexu lógico”, para tomar a definição de Houaiss (2020). E por que não podemos dizer que o traço horizonte em COVID-19/Covid-19<sup>11</sup> é a meia-risca? Veja o que anoto no rodapé.

---

<sup>11</sup> Evidentemente, há ainda muita confusão no emprego do traço horizontal na combinação ocasional ou não de elementos de palavras. A meia-risca não é o mesmo que o hífen ou o travessão. Dizendo de outra maneira, o traço horizontal do hífen, menor, serve para unir palavras compostas (ex.: guarda-roupa) e fazer a translineação (divisão de uma palavra no final de linha). O travessão, maior, serve para indicar mudança de interlocutor e para isolar palavras ou expressões. Eis as diferenças: — Travessão, – Meia-risca e – Hífen. Outra solução para dirimir as dúvidas: o usuário recorre aos atalhos do teclado num PC usando Windows: - Hífen: tecla normal do hífen; – Meia-risca: Alt + 0150[1]; e — Travessão: Alt + 0151.

## COVID-19, A ESCRITA DO INIMIGO

Em meio à pandemia, temos ouvido frequentemente, através dos noticiários televisivos e das diversas mídias sociais, a palavra /koviddezen 'ɔvi/. Como transcrever, então, a palavra ouvida para o papel? Devo grafar covid, covid-19, COVID-19, CoVid-19 ou Covid 19? Não é uma mera escolha por parte do usuário da língua.

Prociso, então, recorro às recomendações do *Código de Redação Interinstitucional* (2011) para apresentar preliminarmente um exemplário contendo itens do acrônimo, constituindo, assim, um minicorpus a partir de edições da *Folha de São Paulo*, nos primeiros cinco meses de 2020. Acho a descrição do acrônimo “Covid-19”, nas suas diversas facetas gráficas, ficou muito interessante, senão vejamos:

### 1. **2019-nCoV, com ano, hífen e letras cê e V em caixa-alta**

“No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi alertada sobre vários casos de pneumonia em Wuhan, na província de Hubei, na China. O vírus causador parecia desconhecido. Uma semana depois, as autoridades confirmaram a identificação de um novo coronavírus que estava sendo chamado temporariamente de **2019-nCoV**. O nome da doença respiratória que ele causa é covid-19.” (Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020)

### 2. **Covid, em caixa-baixa, sem hífen e sem número**

“Meninas, bom dia: conforme e-mail da escola ontem, meu marido voltou de viagem de Miami ontem e fez o exame de **covid** que deu positivo”, disse Sophie no grupo. Eles têm três filhas estudando na escola Red House International School.” (Patrícia Campos Mello e Gustavo Uribe, Poder, **Folha de São Paulo**, 12/03/2020)

### 3. *Covid*, em caixa-baixa, com hífen e ano

“Os riscos dependem de onde você está e se há um surto de **covid-19** nesse lugar.” (Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020)

“A lei que foi aprovada pouco antes da chegada dos brasileiros que estavam em Wuhan, epicentro do novo coronavírus na China, determina que as pessoas não podem recusar serem testadas ou tratadas em casos referentes à **covid-19**” (Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020)

“O novo coronavírus foi batizado de Sars-CoV-2, e o nome da doença respiratória que ele causa é **covid-19**.” (Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020)

Somente pessoas com o **covid-19** (ou com sintomas sugestivos) têm orientação do uso de máscaras para evitar propagar a doença.” (Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020)

### 4. *Covid*, em caixa-alta, com hífen e ano

“As linhas de cruzeiro já enfrentaram outras crises, desde as batalhas em curso com o norovírus, que pode atacar um número enorme de passageiros com problemas gastrointestinais, ao naufrágio em 2012 do Costa Concordia, cujo capitão o jogou contra a costa italiana, matando 32 pessoas. Mas o **COVID-19**, como foi batizado o vírus, poderá ser o maior desafio até hoje. Sua disseminação pelo mundo todo ainda é desconhecida.” (Tariro Mzezewa - **The New York Times**, Mercado, **Folha de São Paulo**, 13/02/2020)

### 5. *Covid*, com a letra cê em caixa-alta, com hífen e ano

“Esses humores dos donos do dinheiro grosso podem mudar em dias, claro, a depender de notícias da expansão da **Covid-19**, como uma redução do número de novos casos da doença, o que não é garantia de nada, porém. Ainda que a China volte a funcionar, o futuro do vírus ainda é incerto e a rapidez da recuperação chinesa

também.” (Vinicius Torres Freire, colunas e blogs, **Folha de São Paulo**,23/02/2020)

Eis alguns exemplos extraídos da revista Veja:

“Vale lembrar que esses sintomas menos frequentes também estão presentes em outras doenças ou problemas menos graves que a **Covid-19**. Portanto, apresentar um ou mais deles não significa que você está infectado. Antes de se preocupar, o ideal é consultar um profissional de saúde.” (Saúde, **Veja**, 17 abr 2020)

“É importante frisar que as suspeitas são baseadas em relatos de médicos observados em pacientes que testam positivo para a Covid-19 e apresentam sintomas graves. Nenhum dos relatórios contém uma verdade absoluta, porque, por se tratar de uma doença nova, as conclusões ainda necessitam de mais estudos aprofundados.” (Saúde, **Veja**, 17 abr 2020)

“Em alguns casos, o **Covid-19** pode se apresentar como mal-estar, desorientação ou exaustão. Esses são os sintomas atípicos mais comumente relatados, geralmente associado a outros sinais mais frequentemente relatados, como tosse ou febre. Vale lembrar que esses sintomas também podem ser causados por stress e ansiedade devido à quarentena e ao distanciamento social. (Saúde, **Veja**, 17 abr 2020)

## 6. *Covid*, com as letras minúsculas, sem hífen, com espaço em branco e ano

“Em viagem pela Itália, país que se tornou o mais recente foco de extensão alarmante do **covid 19**, o novo coronavírus, Adriane Galisteu surgiu de máscara nas redes sociais. A apresentadora está em Roma com a família, a passeio. Quem também está na Itália a lazer, acompanhando os jogos da Champions League, é o ator Dan Stulbach.” (São Paulo Agora, **Folha de São Paulo**, em 27/02/2020)

## 7. *Covid*, com as letras cê e vê em caixa-alta, com hífen e ano

“O **CoVid-19** logo será responsável por 4.000 mortes ao redor do mundo. O vírus, denominado Sars-Cov-2, que leva à doença conhecida como **CoVid-19**, foi pela primeira vez transmitido a humanos na província de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e desde então tem se espalhado por todos os continentes. Frente a esses novos desafios, é importante reafirmar nossa confiança no processo científico e nos seus órgãos reguladores.” (Henrique Gomes, colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, 1/03/2020)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve estudo, mostrei que, meio à pandemia, o coronavírus é um tema que vem sendo discutido, nos jornais grande circulação, especialmente a *Folha de São Paulo*, desde o ano de 2003. Dei atenção à discussão sobre o acrônimo COVID-19/Covid-19, em Houaiss (2020), trazendo importantes questões sobre seu gênero gramatical, particularmente a noção de masculinização e feminização do verbete e de suas acepções já consagradas contemporaneamente pelo uso e comprovamos o princípio de analogia na neologia do termo coronavírus ao apresentar uma lista de termos da mesma família infectológica. Mostrei que a OMS, com a criação do acrônimo Covid-19, evitou a estigmatização internacional dos serviços e do comércio da China. Os políticos no Brasil, na contramão das orientações da OMS, em declarações à imprensa e em postagens nas redes sociais, precipitaram-se em apontar os “culpados” pelo aparecimento do vírus e, num julgamento ignominioso, afirmaram que a China foi e continua sendo a maior beneficiária dos efeitos devastadores da pandemia. No campo lexicográfico, quando citei as ocorrências do termo médico, foram sempre contextualizadas, procurando orientar o leitor à grafia escoreita ou a que segue a norma padrão da língua portuguesa. Creio que o acrônimo Covid-19 está em processo de lexicalização.

## REFERÊNCIAS <sup>12</sup>

ARCANJO, Daniela. Cobranças a Doria e expressão 'vírus chinês' invadem discurso de bolsonaristas nas redes. Poder, Folha de São Paulo, em 26/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/cobranças-a-doria-e-expressão-virus-chines-invadem-discurso-de-bolsonaristas-nas-redes.shtml>

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo Pereira. Características do encadeamento vocabular na língua inglesa. **Polifonia**, Cuiabá, EDUFMT nº 06, p.129-143,2003. Disponível em <http://periodicos.cientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1156/919>

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo Pereira. Características do encadeamento vocabular na língua inglesa. **Polifonia**, Cuiabá, EDUFMT nº 06, p.129-143,2003. Disponível em <http://periodicos.cientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1156/919>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim COE COVID-19**, de 19/04/2020. Disponível em <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/19/BE12-Boletim-do-COE.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico nº 54/ jan. 2020**. Disponível em [https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/janeiro/23/Boletim\\_epidemiologico\\_SVS\\_04.pdf](https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/janeiro/23/Boletim_epidemiologico_SVS_04.pdf)

BRASIL. Presidência da República.Casa Civil.Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm)

COMISSÃO EUROPEIA. **A folha**. Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias, n.º 48, Verão de 2015. Disponível em

---

<sup>12</sup> As datas de acesso dos textos on-line, nesta bibliografia, ocorreram durante o período de quarentena em decorrência da pandemia do coronavírus. Assim, procedemos com a omissão das datas para os demais artigos deste livro.

[https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha48\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha48_pt.pdf)

FERREIRA, Maycon Junior et al. Vida Fisicamente Ativa como Medida de Enfrentamento ao COVID-19. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/abc/2020nahead/0066-782X-abc-20200235.pdf>

GARCIA APAC, Coralith; MAGUINA VARGAS, Ciro; GUTIERREZ RODRIGUEZ, Raul. Síndrome respiratorio agudo severo (SRAS). **Rev Med Hered**, Lima, v. 14, n. 2, p. 89-93, abr. 2003. Disponível em <http://www.scielo.org.pe/pdf/rmh/v14n2/v14n2tr1.pdf>

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-2/html/index.php#1>

LOPEZ P, Wellington; CHAMORRO L, Marycris; GARMENDIA B, Antonio E. Detección rápida de rotavirus y coronavirus en crías de alpaca (vicugna pacos) con diarrea en la región del Cusco, Perú. **Rev. investig. vet. Perú**, Lima, v. 22, n. 4, p. 407-411, dic. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.pe/pdf/rivep/v22n4/a16v22n4.pdf>

Luxemburgo: **Serviço das Publicações da União Europeia**. 201. Disponível em <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/e774ea2a-ef84-4bf6-be92-c9ebef91c1b>. Acesso em 28/04/2020.

MARTINS, Vicente. Acordo ortográfico e a questão do hífen nos compostos. **Revista de Letras**, UFTPR, Curitiba, v. 14, n.1, p. 1-17, 2011. Disponível em <https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/view/2333/1469>

MARTINS, Vicente. Acordo ortográfico e a questão do hífen nos compostos. **Revista de Letras**, UFTPR, Curitiba, v. 14, n.1, p. 1-17, 2011. Disponível em <https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/view/2333/1469>

PRAZERES, Tatiana. Xenofobia que cresceu com a Covid-19 deixará sequelas de longo prazo. Coluna e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 24/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatiana-prazeres/2020/03/xenofobia-que-cresceu-com-a-covid-19-deixara-sequelas-de-longo-prazo.shtml>

TIMBANE, Alexandre António. A formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa. **Verbum. Cadernos de Pós-Graduação**, [S.l.], n. 6, p. 50-68, maio 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/18307/14484>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Tudo o que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-CoV-2. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 22/01/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/01/veja-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-o-coronavirus-chines.shtml>

UNIÃO EUROPEIA. **Código de Redação Interinstitucional – 2011**. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia 2011. Disponível em <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/e774ea2a-ef84-4bf6-be92-c9ebef91c1b>

## A FRASEOLOGIA DO DEBOCHE. E DAÍ?

“Se o governo federal brasileiro continuar avesso à estratégia, pode ser que as tendências de propagação da pandemia no Brasil continuem e, ao contrário de outras nações latinas, a reabertura econômica deverá ser muito mais turbulenta. Mas a isso, o presidente provavelmente já tem resposta: “E daí?” (Amanda Péchy, Mundo, *Veja*, em 30/04/2020)

### INTRODUÇÃO

Há dez anos venho desenvolvendo uma pesquisa que, provisoriamente, denominei de “**Observatório de fraseologismos na imprensa brasileira**”. O projeto tem como principal objetivo coletar fraseologismos<sup>13</sup>, contextualizá-los e observar sua frequência de uso no português do Brasil, o chamado PB, com particular em interesse em categorizar os diversos tipos de locuções ou expressões idiomáticas, levantados a partir de corpora abertos de jornais de grande circulação no Brasil, nomeadamente a *Folha São Paulo*.

O que me motivou a escrever este *texto* foi a recente reação da opinião pública à resposta do presidente Jair Messias Bolsonaro ao ser questionado por repórteres, no dia 28/04/2020, sobre o recorde de mortes no Brasil, de 474 óbitos, em 24 horas - números que ultrapassaram, naquela data, as mortes na China: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, em

---

<sup>13</sup> Também denominados de fraseologias, neste texto,, faz-se oportuno estabelecer uma diferença entre *fraseologia* ('expressão idiomática') e *locução*, sendo que a primeira é mais longa e geralmente possui verbo, e a segunda é um sintagma ou locução cristalizada, com sentido figurado ou não (deu-se prioridade às locuções, e poucas fraseologias são registradas). Em “E daí?”, estamos diante uma locução fraseológica ou idiomática.

referência ao próprio nome, Jair Messias.” (Política, **Veja**, 28/04/2020). Na oportunidade, a dura resposta do presidente arrancou risos de alguns apoiadores que estavam na grade montada na residência oficial do presidente da República. Como cidadão, fiquei com “riso amarelo”.

Dividi este texto em oito seções, a saber: a constituição do minicorpus com “e daí”; a etimologia de “daí” e o uso de “e daí”; a contração “daí” em textos antigos; “e daí?” no discurso da radicalização; o “e daí” na era Bolsonaro; o caráter idiossincrásico do “e daí”; o marcador de discurso “e daí?”; as charges do deboche: e daí? Eu precisava saber mais sobre “e daí?” para melhor descrever o fenômeno fraseológico.

## A CONSTITUIÇÃO DO MINICORPUS COM “E DAÍ”

Com disposição de refletir sobre os efeitos de sentido no uso de “e daí?” no discurso político em tempos de pandemia, resolvi observar o emprego da locução em *corpora* abertos, especialmente em jornais de grande circulação, de modo a ser capaz de “dar conta do real estado da língua comum no seu espectro mais lato e a partir dos quais possam ser extraídos subcorpora relativos a domínios específicos ou subcorpora que visem acomodar análises exaustivas subordinadas ao recorte de uma área temática”, como afirmam Aussenac-Gilles e Condamines (2007).

Como docente na área de Letras, considero importíssimo que temas ou assuntos relativos a “efeitos de sentido” devidos à escolha do léxico ou imagens (charges, por exemplo), veiculados pela mídia impressa ou digital e notícias, dentre outros gêneros do campo jornalístico, mereçam ser analisados, em sala de aula, mediados ou não em ambiente virtual, em qualquer nível de ensino.

Nos últimos anos, tem me chamado a atenção, nos gêneros jornalísticos, não apenas as notícias, reportagens, mas também fotorreportagens, foto-denúncias, memes, *gifs*, charges, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, *sites* na internet etc. Por essa razão, ao me deparar com a repercussão da

locução “e daí?” proferida pelo presidente Jair Bolsonaro, nos jornais, impressos, digitais e televisivos, imediatamente a recorri a alguns dos *corpora* abertos (ou dinâmicos), disponíveis na *web*, para pesquisar e constituir meu minicorpus de uso da locução “e daí?” em matérias ou notícias, incluindo colunas, na Folha de São Paulo. Na verdade, em que contextos de uso “e daí?” é empregado pelos usuários da língua, especialmente os jornalistas de grande circulação nacional?

Constituir um minicorpus não é fácil. Todavia, acho que é necessário começar e ver no que vai se configurar ao longo dos meses ou anos. Como assinante do jornal *Folha de São Paulo* e das revistas *Veja* e *Superinteressante*, são-me disponibilizados muitos recursos para observar, no banco de dados dos referidos meios digitais, resultados da pesquisa em um período mais largo, como, por exemplo, o intervalo de 1992-2020. Além de poder recorrer a todo repositório do *Jornal* em tela em todo o período já digitalizado, posso ainda refinar minha pesquisa para coletar itens nas últimas 24 horas, na última semana, no último mês, no último ano, ou de forma mais personalizada.

Todo esse material, disponibilizado na *Folha de São Paulo*, é extremamente útil para buscas por conteúdo ou mesmo para atestar frequência e emprego de determinadas palavras ou expressões na língua, no gênero jornalístico. O acesso é bastante amigável uma vez que a expressão pesquisada aparece na tela no formato de um concordanciador, oferecendo pequenos contextos com links são oferecidos ao usuário, de forma que, acionado esses links, é possível chegar aos textos na íntegra e, dependendo do interesse do pesquisador ou fins da pesquisa, é possível gerar subcorpus, isto é, selecionar as edições desejadas e fazer download, se for o caso.

Para a locução “e daí?” fiz, no primeiro momento, a opção por personalizar as buscas para o período de 1992 a 2020, e encontrei simplesmente 5.254 resultados, análise de um conjunto de itens que se tornaria impraticável, manualmente falando, além de requerer uma conduta mais elegante da minha parte para dar um melhor tratamento ao material. Ao mesmo tempo, surpreendeu-me que a locução “e daí?” há mais de duas décadas tenha uma frequência de

uso bem expressiva na *Folha de São Paulo*. Mais adiante, mostro como ainda mais refinei o material coletado e como procedi em seguida a análise da locução no contexto do discurso político na era de Bolsonaro (recorte político).

## A ETIMOLOGIA DE “DAÍ” E O USO DE “E DAÍ”

Para quem acompanha minhas aulas presenciais ou meus textos sobre estudos linguísticos, tenho uma forte inclinação pela etimologia. Sempre começo meus textos pelas palavras, seguindo as lições de Alfredo Bosi, em sua *Dialética da Colonização* (1992). Isso vem de longe. Minha mãe, lavadeira, entendeu, que, para que eu pudesse aprender deveria conhecer as palavras dicionarizadas. Assim, em 1971, ganhei de presente da minha mãe o Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado (em 3 volumes), de Alpheu Tersariol. Com a mesma disposição de criança curiosa, mergulhei nos atuais dicionários gerais resolvi me debruçar sobre o estudo da locução “E daí”.

A locução “e daí” é, relativamente, de uso contemporâneo em documentação escrita, em especial, em gênero jornalístico, seja na modalidade oral, escrito ou digital. Em Houaiss (2020), a locução “e daí” aparece como subtentada de “daí”. Já a contração<sup>14</sup> “daí” é muita antiga em língua portuguesa<sup>15</sup>. Segundo Houaiss (2020), o vocábulo já foi atestado no século XIV e devidamente abonado em

---

<sup>14</sup> Segundo Houaiss (2020), trata-se de uma aglutinação de preposições e pronomes com outras palavras, para gerar um novo vocábulo com modificação na sua forma original, como, por exemplo, do, dele, daquela, deste; no, naquele; pelo; de + aqui > daqui; este + outro > estoutro; pron.p. oblíquo lhe + pron.dem. neutro o > lho etc.. A reunião da reunião de “de” mais “aí”, vocábulos distintos, em um só vocábulo (daí), acaba por gerar significado independente.

<sup>15</sup> A título de curiosidade, a contração **daí** (da-í, hiato) não pode ser confundida com a forma verbal dai (dai, monossílabo, 2º pessoa do plural do presente do indicativo verbo dar). Trata-se da contração da contração da preposição de + advérbio aí. Na série de formas históricas, no século XIV, daí era grafado **dy**; no século XV, grafada **hi**; e no século XV, grafada **dahi**.

“Índice do vocabulário do português medieval” (1986), de Antônio Geraldo da Cunha.

A primeira acepção que Houaiss (2020) nos traz sobre a contração “daí” “indica procedência, ou seja, ponto de partida (no espaço, tempo, discurso etc.) de um lugar ou momento que, na perspectiva do falante, está próximo do interlocutor, com a noção de “desse lugar, desse momento, desse ponto “ e chama a atenção do consulente que “daí” “Contém a função relacional da preposição de e a função dística do advérbio aí.”

A segunda acepção dada por Houaiss (2020), de maior interesse neste texto, apresenta “daí” como “marcador do discurso”, que indica, quando do seu emprego, o *sentido de conclusão*; com sentido de “donde”, como em “retirou-se do mundo, daí todos pensarem que desistira de viver” e o de “continuação; então”. No discurso de Bolsonaro, encontramos um exemplo com esta acepção: “*Eu não me lembro dele, pode ser até que tenha tirado foto com ele. Durante pré-campanha e campanha era comum eu tirar em média 500 fotografias por dia, porque essa era a minha imprensa. E daí eu fiz um pedido para a Polícia Federal, quase como um “por favor, cheguem em Mossoró e interrogue o ex-sargento”* (URIBE e BRANT, 2020). Neste pronunciamento, o presidente Jair Bolsonaro faz referência ao ex-sargento envolvido na morte da vereadora Marielle Franco.

## A CONTRAÇÃO “DAÍ” EM TEXTOS ANTIGOS

Vimos, anteriormente, que Houaiss (2020) aponta o surgimento do verbete “daí” no século XIV. É o que chamamos de datação<sup>16</sup> da contração “daí”. Agora, no esforço lexicográfico de abonar a locução, só me foi possível observar a ocorrência da contração “daí” em Antônio Vieira, no século XVII, conforme posso ilustrar a seguir: “E affim vay baralhando tudo , de maneira que

---

<sup>16</sup>

Indicação da data em que uma palavra aparece pela primeira vez documentada por escrito. (Houaiss, 2020)

naó póde haver boticário, que deixe de ter quanto lhe pedem: e **dahi** pode ser que veyo o proverbio, com que declaramos a abundância de huma casa rica, que tudo sè acha" (VEIRA, [1743] 1652, p.22). Em pleno século XVIII, daí era grafado "dahi", talvez por força da etimologia ou ortografia de inspiração mais renascentista.

A forma atual "daí" só me foi possível verificar o aparecimento da contração no início do século XX: "E' extraordinário como as mulheres, pela boca dos maridos, crêem nas coizas mais absurdas! E não se diga que a minha seja para aí qualquer mosca morta.. realmente, talvez lhe falte um pouco de vivacidade e energia para rezistir ás explozões do meu gênio. Ah! o ar de mártir que ella assume, quando exponho as verdades, irrita-me mais do que se ella me respondesse aos berros; e, **daí**, pôde ser que me engane; a comoção delia é sincera, o excesso de sensibilidade embarga-lhe a voz!" (ALMEIDA, 1910, p.200). A forma atual "daí" já estava consagrada no Brasil no início do século XX.

## "E DAÍ?" NO DISCURSO DA RADICALIZAÇÃO

Evidentemente, a análise da locução "e daí?" não pode ser feita apenas como um mero item gramatical, senão no contexto radicalização do discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. Não estou tirando ou tomando partido de outrem, mas assinalando como linguista, que nenhum signo linguístico deve ser visto pelo usuário apenas como unidade linguística com significante/significado, desconsiderando sua dimensão discursiva e ideológica. Se não modalizo e não falo em "radicalização do discurso político", ao menos, terei que falar em "e daí?", no discurso político de extrema-direita, como expressão do "conservadorismo contemporâneo"; daí, ser possível em falar em traço do "cesarismo alucinado", uma espécie de bonapartismo, que, em geral, "floresce nas ruínas do descrédito de sistemas políticos". Dizendo, de outra forma: "Sistemas deslegitimados ou em "crises de representação" favorecem bonapartismos, uma

versão autoritária do fenômeno. Há desprezo pelo Parlamento e por instituições independentes: servidores de Estado, órgãos de controle do governo ou aliados com ideias divergentes.” (FREIRE, 2019). O “E daí” só faz sentido ser examinado como um signo ideológico a serviço da radicalização da extrema-direita

Podemos dizer, em substância, que a locução “e daí?” é expressão de “radicalização da direita”, intensificada em uma “imediatista e impaciente sociedade contemporânea da informação pela Internet” (BRUGNAGO e CHAIA, 2015, p.99). Grifaria ainda que, no contexto de radicalização da extrema-direita: “As pessoas podem deixar sua agressividade exposta somente no mundo virtual e escondida dos outros no dia a dia. Nesse caso, a radicalização se torna convidativa. Os limites da radicalização são elevados pela rede, ao permitir uma libertação da moral conhecida publicamente como agressiva.” (Idem, p.123)

## O “E DAÍ” NA ERA BOLSONARO

A primeira vez que me deparei com a locução “e daí?”, já na era Bolsonaro, foi na matéria “Bolsonaro assina decreto que facilita posse de armas no país”. A locução não foi proferida pelo presidente Jair Bolsonaro, mas por um dos seus Ministros, na época, Onyx Lorenzoni. Este, ao ser questionado sobre exigências de armazenamento seguro da posse de armas para as casas com crianças, adolescentes e pessoas com deficiência, comparou o caso com acidentes domésticos: “Às vezes a gente vê crianças pequenas que colocam o dedo no liquidificador, ligam o liquidificador, vai lá e perde o dedinho. E daí, nós vamos proibir o liquidificador? É uma questão de educação e de orientação” (BOLSONARO..., 2019). Como se tratou apenas de uma hipótese aventada pelo ministro Onyx Lorenzoni, hoje titular da Cidadania, não houve tantas reações por parte da opinião pública com relação a refutação de sua comparação grosseira.

## O CARÁTER IDISSIONCRÁSICO DO “E DAÍ”

Como linguista, defendo que os fraseologismos (locuções, expressões idiomáticas) se não derrubam, ao menos, reduzem e relativizam a tese de Ferdinand de Saussure sobre “arbitrariedade do signo linguístico”. Há, sem dúvida, uma “relação analógica” entre o *significante* (forma) e o *significado* (conteúdo) de fraseologismos. Há, portanto, motivação semântica no reino de palavras proferidas no discurso político. No caso da locução “e daí?” há evidente e intencional motivação no seu emprego pelo falante na ordem do discurso. Poderia falar que a locução é um sinal idiossincrásico no discurso político em tela.

Em 1992, portanto, há 28 anos, a *Folha de São Paulo* registrava a primeira ocorrência com “e daí”, no texto que traz várias opiniões e reações dos leitores à chacina da Casa de Detenção de São Paulo, na qual apareciam cadáveres dos presos, massacrados, nus, lado a lado, dentro de caixas de madeira enfileiradas no chão do Instituto Médico Legal (IML):

“Um fenômeno cujo registro tem que ser feito foi o número (4 de 9 leitores) dos que ligaram ou escreveram para registrar sua opinião contrária ao noticiário da Folha, naquilo que eles identificam como sendo uma defesa dos direitos humanos dos detentos: “Estupraram?? Sequestraram?? Assaltaram?? **E daí?** Essa polícia é mesmo danada! Prendam a Polícia!!! Soltem os santinhos!!!”, escreveu a leitora Marcia Guimarães de Almeida, de Franca (SP).” (Mario Vitor Santos, Ex-colunistas, **Folha de São Paulo**, em 11/10/1992)

Dois anos depois, o jornalista Gilberto Dimenstein, recentemente falecido, ao comentar sobre a “estupidez gerada pela mediocridade do presidente Itamar Franco”, aponta o revide presidencial em razão de relatório sobre direitos humanos no Brasil preparado pelo governo dos Estados Unidos, diz assim:

“O presidente ficou irritadíssimo contra um relatório sobre direitos humanos no Brasil preparado pelo governo dos Estados Unidos. Ele revidou, argumentando que lá também existem atentados contra os

direitos humanos. Logo, eles não têm moral para denunciar. Nos Estados Unidos morrem mesmo mais crianças assassinadas do que no Brasil. **E daí?** Só existe uma postura séria: preocupar-se com as vítimas que sofrem lá e aqui. Nenhuma delas deve servir para que não se denunciem em escala mundial os massacres. Será que o Brasil não tem autoridade moral de condenar o genocídio na Bósnia?" (Gilberto Dimenstein, **Opinião**, Folha de São Paulo, em 6/02/1994)

Eis outros excertos com a locução "**e daí?**" no ano de 1994:

"A Receita Federal não recebeu verbas do Ministério da Fazenda, nem para imprimir os formulários do Imposto de Renda, nem para comprar o selo nos Correios. Por isso, o Leão precisa usar a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil para entregar os formulários de declaração anual. E se até esses tostões são negados, com atrasos e adiamentos previsíveis na arrecadação, o que será que está acontecendo com as verbas necessárias para reequipar, informatizar a Receita e combater a sonegação? Ao que tudo indica, persiste a política, adotada pelos ministros nos últimos anos, de destruir a fiscalização e impedir o combate à sonegação. **E daí?** É só aumentar impostos. E achatar os vencimentos do funcionalismo." (Aloysio Biondi, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 20/02/1994)

"O único que destoa dessa avaliação é Gabriel Byrne. Ele a trata bem, sexualmente, e faz até com que a moça descubra encantos em si mesma. **E daí?** A história em si, e seus desdobramentos, não tem nada de mais, nem de menos. A hipótese de um homem encontrar beleza em uma mulher, de fazer com que ela ame a si mesma, ainda que de maneira efêmera, é sensível e até simpática." (Inácio Araujo, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 4/03/1994)

"Pelo medo dos pais, Renato tem que ocultar várias coisas, inclusive a recente paixão por Marcelo, 20, seu namorado. Eles evitam se falar por telefone e se apresentam como amigos. É por odiar esse tipo de situação que Marcelo contou tudo para seus pais, há um ano. "A gente estava no meio de uma discussão enorme, eu virei para eles e falei: 'É isso mesmo, sou gay, **e daí?**'" Ele garante que nessa hora tirou

um grande peso da cabeça.” (Antonina Lemos e Jairo Bouer, Folhateen, **Folha de São Paulo**, em 14/03/1994)

“Como se fossem da mesma natureza o trabalho de Betinho e o radicalismo estéril de uma Executiva que atua pensando exclusivamente em seu próprio umbigo. Para recorrer a uma figura cara às esquerdas, radical por radical, Amaral Netto também é. **E daí?** Falcão sustenta que o PT "nunca aderiu ao monolitismo partidário ou ao caciquismo político". O que ele não quer é transformar o PT em "um partido frágil e dividido", resultando "em uma campanha e um governo fracós". (Luís Nassif, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 23/03/1994)

“A resposta é...” Essa é sua deixa. Você grita a resposta do "Jeopardy" à tela da TV. Alex Trebek não pode ouvi-lo, **e daí?** Você sabe que respondeu antes dos jogadores que estão ali na tela, na gravação do programa –ou seja, que você ganhou.” (David Landis, Informática, **Folha de São Paulo**, em 23/03/1994)

“É uma injustiça cometida contra Luiz Inácio Lula Silva, propagada por seus adversários –a tecla será batida durante a campanha. Lula é "acusado" de não trabalhar, já que estaria há muito tempo longe do batente. A informação é verdadeira: de fato, ele não está mais nas fábricas. **E daí?**” (Gilberto Dimenstein, Opinião, **Folha de São Paulo**, em 3/04/1994)

“O marido disse que, nas eleições presidenciais passadas, a Globo manipulou o noticiário a favor de Collor, contra Lula. Sabia disso. **E daí?** Continua assistindo o "Jornal Nacional".” (**MARCELO COELHO, Ilustrada, Folha de São Paulo, em** , 27 de abril de 1994)

Para o mercado, não há nada de errado tecnicamente no Plano FHC. A equipe, embora pequena, é confiável. Não fará besteiras. A inflação vai cair, mas **e daí?** A questão é se ajuda alguma candidatura. No mercado, que não é do ramo, quem tentava estimar índices de inflação com razoável grau de acerto, agora estima índice de rejeição, votos consolidados.”(João Carlos De Oliveira, **Folha de São Paulo**, 1/05/1994)

## O MARCADOR DE DISCURSO “E DAÍ?”

Considerando apenas a gestão do presidente Jair Bolsonaro, no período de 01/01/2019 a 30/04/2020, no minicorpus constituído *ad hoc*, encontrei 257 ocorrências para “e daí?” cujo emprego reproduz o discurso político extremado, para a imprensa, do presidente Jair Messias Bolsonaro, especialmene quando inquerido pelos repórteres que cobrem o Palácio do Planalto. A reação do presidente às perguntas da imprensa tem sido tipificada como “gestos boquirrotos” marcados, por sua vez, por “reação infantil”, “grosseira”, “grau de despreparo”, “destempero” ou “falta de decoro do atual mandatário”. Em substância, são reações com marcadas pelo desprezo irônico.

Na fraseologia debochada do presidente Jair Bolsonaro, são bem ilustrativos os exemplos do seu destempero verbal quando questionado por jornalistas, como podemos ver o exemplo abaixo, com menor repercussão midiática do que o proferido no dia 28/04/2020:

“O presidente Jair Bolsonaro defendeu neste domingo (26) para o comando da Polícia Federal o nome de Alexandre Ramagem, que é amigo de seu filho Carlos Bolsonaro. “E daí?”, respondeu, após ser questionado em uma rede social sobre a proximidade familiar com o escolhido.” (Bernardo Caram, Poder, **Folha de São Paulo**, em 26/04/2020)

Também tem uma forte inclinação para reiterar seu discurso, através do mercado de discurso “daí”, como posso lustrar a seguir:

“E **daí** fiz um pedido para a Polícia Federal, quase que um por favor. Cheguem em Mossoró [onde Ronnie Lessa está preso] e interroguem o ex-sargento”, disse.” (Italo Nogueira, Poder, **Folha de São Paulo**, em 25/04/2020)

“E daí partiu para o apelo patético de que os ministros ouçam suas opiniões. Pois então, ninguém mais do que os generais do governo, e

parece que também de fora, ouve, aceita, concorda, apoia e **defende o que Bolsonaro diz e faz.**” (Janio de Freitas, colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, em 19/04/2020)

## AS CHARGES DO DEBOCHE: E DAÍ?

Ao longo da última semana de abril de 2020, verifiquei que muitos jornais digitais foram ilustrados com charges motivadas com a expressão “E daí?” A charge, gênero textual, em geral, refere-se a um desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas.

Do ponto de vista pedagógico, a charge é um dos gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos como bem recomenda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Trata-se, portanto, de um gênero que lida com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermidiáticos, próprios da cultura digital e das culturas de modo geral, que envolvem tanto crianças como os adultos. Irei me debruçar mais um pouquinho sobre a charge e a locução “e daí?” pensando no campo de aplicação à sala de aula.

Apesar de ser um gênero multissemiótico ricamente produtivo para atividades com leitura e escrita, a charge requer de alunos e professores, envolvidos nessa habilidade, o posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos. Tenho visto muitas charges de inspiração política, mas requerem que seus leitores tenham conhecimentos prévios do assunto, além do bom domínio da metalinguagem de língua (conceito de charge).

As charges que se seguem abaixo foram extraídas dos jornais um dia após a locução “E daí” ser dita pelo presidente Jair Messias Bolsonaro aos repórteres que cobriam o Palácio do Planalto.

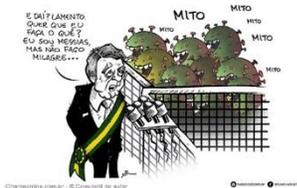
As charges com a locução “E daí” referem-se, portanto, a fatos políticos do país e às personalidades da atualidade, o que requer por parte dos leitores informações suficientes para conseguir interpretá-las adequadamente (MATIAS, 2010).



Esta charge do Sid foi publicada em a Charge On line



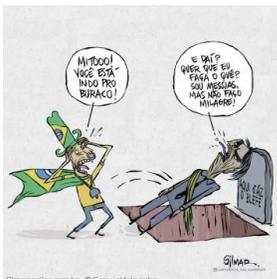
Esta charge do Cellus foi publicada em A Charge Online



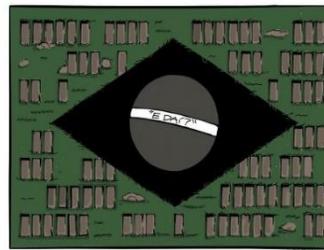
Esta charge do Brum foi publicada em Tribuna do Norte



Esta charge do Zé Dassilva foi publicada em Diário Catarinense



Esta charge do Gilmar foi publicada em Facebook



Esta charge do Ribs foi publicada em Facebook

(Disponíveis em <https://www.chargeonline.com.br/>)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, apresentei uma pequena amostra de locuções ou expressões idiomáticas extraídos corpora abertos de jornais de grande circulação no Brasil, nomeadamente a *Folha São Paulo*. Dei uma especial atenção a forma “E daí?”, uma “locução de deboche” do presidente Jair Bolsonaro ao ser questionado por repórteres, no dia 28/04/2020, sobre o recorde de mortes no Brasil, de 474 óbitos, em 24 horas - números que ultrapassaram as mortes na China: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Mostrei a partir de minicorpus com “e daí” ser esta locução uma expressão do discurso da radicalização na era Bolsonaro. Pensando na exploração do assunto, nas aulas de língua portuguesa, nos cursos de Letras e no ensino médio, as charges podem ser um material muito produtivo nas discussões e reflexões sobre a radicalização do discurso político em meio à pandemia.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Julia Lopes de. **Elles e ellas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6989>
- AUSSENAC-GILLES, Nathalie e CONDAMINES, Anne. Corpus et terminologie. R.T. Pédaque. *La redocumentarisation du monde*, Cepadues, pp.131-147, 2007. Disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01321035/document>
- BOLSONARO assina decreto que facilita posse de armas no país. *Cotidiano, Folha de São Paulo*, 15/01/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/bolsonaro-assina-decreto-que-flexibiliza-posse-de-armas-no-pais.shtml>
- BRUGNAGO, Fabrício e CHAIA, Vera. “A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do *Facebook*.” *Aurora: Revista de Arte*,

*Mídia e Política* 7 (21), 2015, p.99-129. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22032/16586>

CASTRO, Ruy. Guerra ao parlevu. Coluna e Blogs, **Folha de São Paulo**, 4/09/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/09/guerra-ao-parlevu.shtml>. Acesso em 29/04/2020.

CUNHA, Maria Clara. Qual a função dos corpora na descrição do léxico? **Polissemia** 10, Instituto Politécnico do Porto. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, 2010. Disponível em <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/3066>

DIMENSTEIN, Gilberto. O Haiti é aqui e lá. Opinião, **Folha de São Paulo**, 06/02/1994. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/2/06/opiniaio/3.html>

FRANCO, Marcella. E daí? Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 29/04/2020. Disponível em <https://domeu.folhetim.blogfolha.uol.com.br/2020/04/29/e-dai/>

FREIRE, Vinicius Torres. Napoleões de hospício ameaçam Brasil da crise política e da depressão econômica. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 29/09/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2019/09/napoleoes-de-hospicio-ameacam-brasil-da-crise-politica-e-da-depressao-economica.shtml>

GIELOW, Igor. Cemitérios preparam fatura que será colocada na mesa de Bolsonaro. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 29/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/igorgielow/2020/04/cemiterios-preparam-fatura-que-sera-colocada-na-mesa-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 29/04/2020.

MATIAS, Avanúzia Ferreira. 2010. 128f. Intertextualidade e ironia na interpretação de charges. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 02/12/2010. Disponibilidade em [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3596/1/2010\\_dis\\_afmatias.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3596/1/2010_dis_afmatias.pdf)

PENA, Luis Carlos Martins. **O noviço: comédia em 5 actos**. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, Impressor da

Casa Imperial, 1853. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3807>

SANTOS, Mário Vitor. O massacre do Carandiru divide leitores. Ex-colunistas, Folha de São Paulo, 11/10/1992. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariovitorsantos/1992/10/1521056-o-massacre-do-carandiru-divide-leitores.shtml>

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, daí, aí, então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativopropulsora de informações – um estudo sociofuncionalista** (tese de doutorado). Florianópolis: UFSC, 2003. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/81258/138974.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

URIBE, Gustavo e BRANT, Danielle. Em discurso, Bolsonaro se vende como honesto e insinua Moro ardiloso; leia íntegra comentada. Poder, **Folha de São Paulo**, 27/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/em-discurso-bolsonaro-se-vende-como-honesto-e-insinua-moro-ardiloso-leia-integra-comentada.shtml>

VIEIRA, Antônio. **Arte de furtar, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos Reynos de Portugal. Offerecida a el rey Nosso Senhor D.João IV. para que a emende. Composta pelo padre Antonio Vieyra, zelozo da Patria.** Amsterdam: Na Officina Elvizeriana, [1743] 1652. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4525>

## A PREPOSIÇÃO “ANTE” NOS TEMPOS DO CORONAVÍRUS

“O Datafolha indica constância na forma com que os brasileiros estão se cuidando ante a Covid-19, em relação à rodada anterior da pesquisa, feita de 1º a 3 de abril. Dizem que vivem a vida como antes apenas 4% dos ouvidos, mesmo índice apurado há duas semanas.” (Igor Gielow, GIELOW, Cotidiano, **Folha de São Paulo**, 18/04/2020)

### INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reservou o “Eixo da Análise Linguística/Semiótica” para que, na educação linguística dos educandos, as instituições de ensino deem uma atenção especial aos conhecimentos linguísticos relacionados à ortografia, à pontuação, aos conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos), entre outros. Este texto foca uma das classes de palavras fechadas<sup>17</sup> (em contraposição a abertas<sup>18</sup>): as preposições, palavras invariáveis, que vão merecer nossa atenção na perspectiva futura (quem sabe, um texto) de análise de suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento (concordância, regência).

Este texto está dividido em seis seções: a preposição *ante* e o caso acusativo: acepções e uso da preposição *ante*; *ante* como preposição essencial; *ante* na literatura brasileira; corpus extraído da Folha de São Paulo; e *ante* na locução “pé ante pé”.

### A PREPOSIÇÃO ANTE E O CASO ACUSATIVO

Diacronicamente, é curioso o percurso histórico da preposição *ante* na língua portuguesa. No latim, esta preposição regia

---

<sup>17</sup> Artigos, numerais, preposições, conjunções, pronomes.

<sup>18</sup> Substantivos, verbos, adjetivos e advérbios.

acusativo<sup>19</sup> que, como se sabe, é o *caso lexicogênico*, isto é, o caso latino<sup>20</sup> que deu origem a palavras ou formador do léxico, de onde provém a maioria das palavras da língua portuguesa. Assim também é extraordinário dar a conhecer que, entre suas formas históricas, a preposição *ante* já foi grafada *anty* (sXI) e *âte* (sXIV).

No que toca ao seu uso, a preposição *ante* é considerada galicismo<sup>21</sup> pelos puristas, quando usado, antes de termos que denotam realidades imateriais, isto é, realidades que não têm consistência material, realidades que não são da natureza da matéria, não têm existência palpável. Para essa situação, sugere-se, como alternativa vernácula, a locução *à* ou *à vista de* (na presença de; diante de). Capturei este exemplo para ilustrar essa situação de permuta de *ante* por “à vista de”:

“Nada de concessões, nada de ressurreição, apenas a amarga imposição do destino sobre o homem, espelho desse começo de milênio em que as utopias se dobram **ante** o fantasma do poder tal como Foucault o imaginava: onipresente, invencível.” (José Roberto Tor, Esporte, **Folha de São Paulo**, 07/11/2000)

## ACEPÇÕES E USO DA PREPOSIÇÃO ANTE

A preposição *ante* é datada por Houaiss (2020) de 1273, portanto, em pleno período do galego-português<sup>22</sup>. Em geral, o *ante* relaciona

---

<sup>19</sup> Diz-se de ou *caso* que exprime a função do objeto direto (p.ex., no latim *video rosam* 'vejo a rosa', *rosam* está no acusativo (Houaiss, 2020).

<sup>20</sup> No latim clássico, havia seis casos flexionais (*nominativo, vocativo, genitivo, dativo, acusativo, ablativo*); no português, a função sintática dos nomes não é determinada por flexão, e sim por sua posição na oração ou por preposições, embora existam reminiscências de casos latinos nos pronomes pessoais: *eu* (nominativo), *me* (acusativo), *mim, ti* (dativo ou ablativo) (Houaiss, 2020).

<sup>21</sup> Diz-se de palavra, construção ou locução da língua francesa tomada de empréstimo por outra língua (Houaiss, 2020)

<sup>22</sup> Diz-se de ou língua desenvolvida a partir do romance ibérico, que se falou até meados do sXIV no Noroeste da península Ibérica e que deu origem ao português e ao galego modernos.

vocábulos, termos, orações por subordinação, orientando prospectivamente no tempo, no espaço, na noção. Como tal, tem algumas características bem peculiares, senão vejamos nos exemplos a seguir :

### 1) **Diante de; em presença de:**

“O cristão é convidado sempre a deixar de lado suas buscas, afãs, desejos de onipotência **ante** o olhar concreto aos mais frágeis.”  
(Mundo, **Folha de São Paulo**, 21/9/2015.)

### 2) **Em consequência de:**

“De outro lado, chega também a indignação e o horror **ante** a violência extrema que se intensifica e que explodiu no massacre em Paraisópolis: um ataque frontal aos direitos humanos da juventude.”  
(Cida Bento, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 12/12/2019)

“**Ante** tamanha revolução, é prudente deixar a poeira baixar antes de aventurar-se a qualquer previsão sobre como será o seu governo.”  
(Clóvis Rossi, Colunistas, **Folha de São Paulo**, em 10/11/2016)

### 3. **Indica a posição; em frente de, diante de:**

“O problema de Trump é o Brasil, onde, segundo a Reuters, "os preços da soja alcançaram valores nominais recordes na esteira da forte desvalorização do real **ante** o dólar", levando a recorde de importação pela China.” (Nelson de Sá, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 6/05/2020)

“Correndo até a porta do hospital, ainda pôde testemunhar a brusquidão com que a empurravam e a enfiavam num carro sem placa, a partida súbita e singular daquele carro se repetindo tantas vezes **ante** seus olhos.” (Julián Fuks, Ilustríssima, **Folha de São Paulo**, em 31/08/2014.)

“A grande preferência, porém, é o Bradesco, que tem as ações mais descontadas do que o Itaú. De acordo com relatório do Santander, os

papéis do Bradesco estão sendo negociados 23% abaixo da média histórica. Segundo Junqueira, da Gauss, outra vantagem do banco **ante** seus pares é que um terço do seu resultado vem do Bradesco Saúde.” (Júlia Moura, *Folha de São Paulo*, em 27/04/2020)

#### **4. Indica direção e movimento:**

“O sul-africano reconheceu ante o juiz ter disparado contra a namorada através da porta fechada do banheiro de sua casa, com uma pistola que guardava sob sua cama, ao confundi-la com um ladrão.” (*Esporte, Folha de São Paulo*, em 10/09/2014)

#### **5. Indica causa; por causa de:**

“Para Yun Jiang, da Universidade Nacional da Austrália, a nova metodologia é uma "medida pragmática" **ante** a falta de testes de detecção.” (*Equilíbrio e Saúde, Folha de São Paulo*, 13/02/2020.)

#### **6. Indica a circunstância em que algo se realiza, ou em consequência de:**

“A advogada explicou que seu cliente buscou refúgio na Embaixada do Equador **ante** a falta de tais garantias.” (*Mundo, Folha de São Paulo*, 15/04/2019)

### **ANTE COMO PREPOSIÇÃO ESSENCIAL**

Sempre considerei, como linguista, o estudo do sistema preposicional do português bastante complexo, em especial, do ponto de vista semântico. Os gramáticos tradicionais quando apresentam o referido sistema tendem a simplificá-lo sobremodo. Para ser breve, direi que, em geral, as preposições estão divididas em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados

em ambos caso, ou seja, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.

Ao primeiro campo pertencem as preposições *a, contra, até, para, por, de e desde*; ao segundo: *ante, trás, sob, sobre, com, sem, em e entre*. São as chamadas preposições essenciais.

Neste texto, volto-me, por hora, e apenas, ao estudo da preposição essencial *ante*, com ênfase ao seu uso, com exemplos extraídos de matérias da *Folha de São Paulo* (na sua maioria) nos tempos do coronavírus. A ideia é saber, em meio à pandemia, que preposições são mais frequentes na linguagem jornalística. O *ante* é uma das preposições mais frequentes nos textos dos jornais.

Por certo, das categorias gramaticais, não há dúvida de que o sistema preposicional do português é apresentado pelos gramáticos tradicionais, de forma bastante indigente, em se tratando de exemplário de uso, considerando a consulta que fiz a gramáticas de maior prestígio escolar no Brasil (NEVES, 2000; CEGALLA, 2008; CUNHA e CINTRA, 2008; e BECHARA, 2009, para citar algumas). Minha ideia, então, aqui, é apresentar um rico exemplário com “*ante*” para abonar seu uso ou registro contemporaneamente.

## ANTE NA LITERATURA BRASILEIRA

Se o leitor me pergunta de que modo enriqueceria o exemplário de uso de preposições para as gramaticais tradicionais, diria que recorreria, de pronto, à literatura brasileira, a partir, por exemplo, de Alencar. Evidentemente, aqui, não é objeto de meu interesse nesse momento, capturar exemplos de uso da preposição na literatura brasileira, fonte preciosa de abonação<sup>23</sup> e de exemplário para os compêndios gramaticais. Por isso, de forma bem aligeirada, fui ao romancista José de Alencar, que, como é de conhecimento de todos, defendia, no período romântico, uma língua brasileira, longe do

---

<sup>23</sup> Trecho de livro ou escrito qualquer que serve para autorizar o emprego de um vocábulo, sintagma, aceção, sintaxe etc. na língua (Houaiss, 2020).

modelo canônico europeu, portanto, inclinado a explorar a variante brasileira, mas sem abrir mão da boa gramática, ou seja, cultivava o escritor romântico um afastamento do português europeu e buscava também a boa norma padrão, longe da “alusão ao galicismo desnecessário” que “ macula a pureza da linguagem”, conforme ressalta Bechara ao estudar o cearense (1979, p.39).

O que observei é que a preposição *ante* não é uso frequente na literatura brasileira, mas quando empregada, sua expressividade incontestável. Como disse antes, entre os poucos autores em que encontrei seu emprego, está o de José de Alencar, como no exemplo a seguir:

“Quanto ao mais, não fôra difficil atinar com as causas. O desafio com o altares era o resultado de ter este surprehendido o segredo do amor de sua irmã. A tristeza de Estacio era a duvida de ser amado e o receio de que fosse D. Fernando o preferido ; era emfim o pânico do coração aterrado **ante** a perda da felicidade sonhada.” (1865, p.93-194)

Vejamos outros exemplos. Agora, extraídos da Folha de São Paulo.

## **CORPUS EXTRAÍDO DA FOLHA DE SÃO PAULO**

A mais preciosa fonte contemporânea para o registro de uso das preposições é o campo jornalístico-midiático, caracterizado pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (imprensa, televisiva, radiofônica e digital) e sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e à circulação de informações, aos posicionamentos e às induções ao consumo, conforme nos recomenda a BNCC.

A seguir, irei apresentar um exemplário com emprego de *ante*, a partir de matérias recentemente publicadas na *Folha de São Paulo*, a título de enriquecimento do exemplário da gramáticas tradicionais ainda bastante exploradas em sala de aula:

“A Amazon disse que a decisão de aumentar temporariamente o pagamento por hora de seus trabalhadores — em US\$ 2, em todo o mundo — lhe custaria mais de US\$ 500 milhões, de acordo com os cálculos mais recentes, **ante** uma estimativa inicial de US\$ 350 milhões.” (Dave Lee e Alistair Gray, Mercado, **Folha de São Paulo**, 14/04/2020)

“A grande preferência, porém, é o Bradesco, que tem as ações mais descontadas do que o Itaú. De acordo com relatório do Santander, os papéis do Bradesco estão sendo negociados 23% abaixo da média histórica. Segundo Junqueira, da Gauss, outra vantagem do banco **ante** seus pares é que um terço do seu resultado vem do Bradesco Saúde.” (Júlia Moura, Mercado, **Folha de São Paulo**, 27/04/2020)

“À medida que a pandemia do coronavírus foi chegando ao Brasil, difundiu-se uma onda de múltiplos sentimentos entre a população. Agonia diante da saturação de acontecimentos, ansiedade perante a reclusão, frustração face à impotência e perplexidade **ante** o desconhecido” (Breno Bringel, Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 31/03/2020)

“A medida, segundo a companhia, acontece devido as **restrições de viagens** e pela menor demanda **ante** a pandemia do coronavírus ao redor do mundo.” (Isabela Bolzani, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 29/04/2020)

“A Rússia tem 495 casos conhecidos e 1 morte, **ante** uma população de 144 milhões de pessoas. Isso dá uma taxa de 0,34 casos por 100 mil habitantes. No Brasil, que enfrenta o problema há menos tempo e também registra alta subnotificação, o índice é três vezes maior.” (Igor Gielow, Mundo, **Folha de São Paulo**, 24/03/2020)

“A Vale fechou o primeiro trimestre de 2020 com lucro de R\$ 984 milhões, **ante** prejuízo de R\$ 6,4 bilhões no mesmo período do ano anterior, quando o rompimento de barragem da mina de Córrego do Feijão deixou 270 mortos em Brumadinho (MG).” (Nicola Pamplona, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 28/04/2020)

“**Ante** o cenário, Covas não prevê amenizar restrições tão cedo nem descarta um lockdown — proibição de circulação nas ruas exceto em caso de emergência ou para compra de comida e remédios.” (Luciana Coelho e Artur Rodrigues, Artur, **Folha de São Paulo**, em 05/05/2020)

“Cálculos realizados pelo Centro de Pesquisa Econômica e Política determinaram que muitos americanos negros e latinos tinham representação desproporcional entre os trabalhadores “essenciais” do combate à pandemia, como balconistas de varejo e motoristas de entregas. No país, cerca de 20% dos trabalhadores negros eram empregados pelo setor de saúde no ano passado, **ante** 12,5% dos brancos, de acordo com números do Birô de Estatísticas do Trabalho.” (Mercado, **Folha de São Paulo**, 28/04/2020)

“Com a queda do consumo, a Petrobras já reduziu o nível de utilização de suas refinarias para 74%, **ante** a média de 79% em 2019. A expectativa é que o ritmo desacelere ainda mais nos próximos meses.” (Nicola Pamplona e Diego Garcia, Mercado, **Folha de São Paulo**, 27/03/2020)

“Em meio à pandemia do coronavírus, o comportamento dos consumidores está mudando em um ritmo que a Amazon ainda não conseguiu acomodar plenamente. No final de semana, a companhia anunciou que novos clientes interessados em usar seus serviços de mantimentos — tanto os de entrega quanto os de retirada em loja— ficariam em uma lista de espera, até que capacidade adicional para atendê-los estivesse disponível. Agora, há 150 lojas da rede Whole Food, controlada pela empresa, que permitem retirada de compras, **ante** 80 algumas semanas atrás, disse a Amazon.” (Dave Lee e Alistair Gray, Mercado, **Folha de São Paulo**, 14/04/2020)

“Guimarães também afirmou que espera um crescimento entre 5% e 10% na carteira de crédito do banco neste ano, apesar da crise financeira **ante** a pandemia do coronavírus.” (Isabela Bolzani, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 24/04/2020)

“Latam anuncia suspensão de rotas internacionais. Ação acontece **ante** as restrições de viagens e fechamento de fronteiras pelo

coronavírus.” (Isabela Bolzani, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 29/04/2020)

“Nos Estados Unidos, a queda do Produto Interno Bruto no primeiro trimestre foi de 4,8%, em valores anualizados, **ante** o trimestre anterior. Trata-se, contudo, apenas do impacto inicial, já que as restrições para conter a disseminação da epidemia passaram a ser adotadas ao longo de março.” (Opinião, **Folha de São Paulo**, 3/05/2020)

“Nos presídios federais, a proibição da entrada de visitantes está valendo desde a última segunda-feira (16), mas as unidades da federação ainda vinham discutindo se essa seria a melhor providência, **ante** o risco de revolta por parte dos custodiados.” (Fábio Fabrini, Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 23/03/2020)

“O adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 pode se tornar “inevitável”, disse nesta segunda-feira (23) o primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe, depois que o Comitê Olímpico Internacional (COI) anunciou que considera essa possibilidade **ante** a pressão de atletas e entidades esportivas.” (Ao Vivo, **Folha de São Paulo**, 23/03/2020)

“O continente mais afetado foi a América do Sul, que, assim como o Brasil, perdeu 90% dos voos. Dos 560 aviões no ar em 12 de fevereiro, restaram 57 em abril. Já no espaço aéreo brasileiro havia apenas 33 voos às 9h do último domingo, **ante** 336 há dois meses.” (Flávia Faria e Diana Yukari, Mercado, **Folha de São Paulo**, 20/04/2020)

“O mesmo padrão se dá na Europa, com projeções de encolhimento de 5% a 12% na zona do euro. No Brasil, as estimativas rondam os 3% por ora, mas o tombo esperado aumenta a toda semana. Para o mundo, de forma agregada, o Fundo Monetário Internacional prevê retração de 3% neste ano, **ante** alta de 2,9% antes da crise.” (Opinião, **Folha de São Paulo**, 3/05/2020)

“Os americanos têm sido mais agressivos, **ante** ofertas chinesas de melhor custo-benefício. Afirmam que a Huawei, gigante rival, oferece soluções de rede que embutem mecanismos de espionagem” (Opinião, **Folha de São Paulo**, 1º/04/2020)

“Putin já deveria contar com as questões do referendo acertadas até lá, comemorando assim sua posição como czar do século 21 **ante** a comunidade internacional.” (Igor Gielow, Mundo, **Folha de São Paulo**, 24/03/2020)

Na China, as exportações caíram 6,6% em março sobre o ano anterior, melhorando **ante** a queda de 17,2% em janeiro e fevereiro. Economistas projetavam queda de 14% dos embarques em março.” (**Ao Vivo**, Folha de São Paulo, 30/04/2020)

No início da pandemia, as companhias de grande porte foram as primeiras a demandar recursos, em uma tentativa de conseguir ter caixa suficiente para ultrapassarem a pandemia sem grandes percalços. A busca por recursos foi intensificada também por um mercado de capitais mais restrito e volátil **ante** o coronavírus.” (Isabela Bolzani, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 4/05/2020)

O advogado Rodrigo Takano, do Machado Meyer, diz que o contrato Verde e Amarelo poderá ter grande relevância neste momento em que as empresas estão enfrentando grandes dificuldades **ante** à pandemia do coronavírus.” (Fernanda Brigatti, Mercado, **Folha de São Paulo**, 17/04/2020)

## ANTE NA LOCUÇÃO “PÉ ANTE PÉ”

A primeira vez que vi a locução adverbial “pé ante pé” foi em espanhol “pie ante pie”, com o mesmo sentido da de português e equivalente a “paso a paso” (“passo a passo”), esta de uso mais frequente no Brasil.

Datada de 1583, a locução adverbial “pé ante pé” tem acepção de “com cuidado, vagorosamente; na ponta dos pés”. Atualmente, com a mesma acepção e maior frequência no Brasil, como já disse anteriormente, recorre-se à locução “passo a passo” (“de modo vagaroso; gradualmente; e em todas as fases; de perto”) ou “pouco a pouco” (“um pouquinho de cada vez; gradualmente,

gradativamente, aos poucos, paulatinamente”). Em resumo, “pé ante pé” é usada para denotar a observância rigorosa e lentidão com que se faz ou adquire algo.

O registro da locução “pé ante pé” (sem hífen) pode encontrar em Rafael Bluteau: “**Pé ante pé**. Pedatim, Plin. De todos animaes só o leão, & o camelo andão pé **ante pé**, quero dizer, de maneyra, que sempre o pé esquerdo figa ao direyto, sem nunca o passar.” (1720, p.333, ênfase adicionada)

Posteriormente, me deparei com a expressão “pé ante pé” (sem hífen) em “*Caramurú: poema epico do descubrimento da Bahia*”, poema no qual José de Santa Rita Durão conta as aventuras do descobrimento e da conquista da Bahia pelo português Diogo Álvares Correia, após um naufrágio no litoral nordestino. Estruturado em 10 cantos, a narrativa exalta a terra brasileira, em que o índio é visto como um “bom selvagem”:

“Disse o astuto Ararig , e a lento/ pado Cada hum pela brenha vai disperso,/ Devendo a dado tempo, e acerto espaço/ Qualquer unir-se em batalhão diverso:/ E achando em somno descuidado, e lasso,/ Sem sentinellas ter, o campo adverso,/ Hum a hum, **pé ante pé**, em marcha tarda,/ Assaltam juntos a sopita guarda.” (p.237)

Após a vigência do Acordo Ortográfico (2008), os jornais de grande circulação no Brasil hesitam em grafar “pé ante pé”, com e sem hífen, conforme podemos observar nos exemplos a seguir:

“Escuto aplausos e vozes lá fora; uma sirene ao longe. A rua me chama pra fazer *footing*, é hora de me misturar com outros seres humanos num prosaico **pé-ante-pé** em um fim de semana inesquecível — o fim de semana em que saímos às ruas novamente.” (Susana Bragatto, Mundo, **Folha de São Paulo**, em 3/05/2020)

“Ramy, o personagem, acabou de transar com uma menina judia. Ela cai no sono, ele vai **pé ante pé** até o lixinho do banheiro, pega a camisinha usada e a enche de água para ver se não tem nenhum furo. Ela entra no banheiro e o encontra nesta cena. Furiosa e confusa, pergunta se seria tão terrível assim se ela engravidasse, afinal estava

implícito que ele seria a favor do aborto.” (Teté Ribeiro, *Ilustrada, Folha de São Paulo*, em 31/03/2020)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiz um breve estudo sobre a preposição “ante”, uma preposição que mereceu nossa atenção na perspectiva de sua descrição gramatical. O texto mostrou o rico exemplário de uso da referida preposição *ante* e seu caso acusativo (função de objeto direto) em diversos gêneros jornalísticos, nos meses de abril e maio de 2020, e na literatura brasileira, confirmando seu largo emprego pelos escritores e jornalistas em língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

**ACOMPANHE** ao vivo o mercado financeiro, Bolsas pelo mundo e dólar. Ao Vivo, *Folha de São Paulo*, 30/04/2020. Disponível em <https://aovivo.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/01/5897-acompanhe-ao-vivo-o-mercado-financieiro-bolsas-pelo-mundo-e-dolar.shtml#post400376>

**ACOMPANHE** todas as informações sobre a pandemia de coronavírus. Ao Vivo, *Folha de São Paulo*, 23/03/2020. Disponível em <https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/12/5888-acompanhe-todas-as-informacoes-sobre-a-pandemia-de-coronavirus.shtml#post399021>

ALENCAR, José de. **As Minas de prata: romance (Volume 3)**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4702>

BECHARA, Evanildo. José de Alencar e a chamada língua brasileira. **Revista de Letras**, Fortaleza, v.1, n. 3, 1979, p.38-54. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2950>

BENTO, Cida. Negros, os credores que incomodam. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 12/12/2019. Disponível em

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cida-bento/2019/12/negros-os-credores-que-incomodam.shtml>

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Português e latino (Volume 06: Letras O-P)**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1720. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5442>

BOLZANI, Isabela. Atuação da Caixa em programa do governo precisa ser alinhada com Guedes, diz presidente do banco. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 24/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/atuacao-da-caixa-em-programa-do-governo-precisa-ser-alinhada-com-guedes-diz-presidente-do-banco.shtml>

BOLZANI, Isabela. Latam anuncia suspensão de rotas internacionais. Mercado, **Folha de São Paulo**, 29/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/latam-anuncia-suspensao-de-rotas-internacionais.shtml>

BOLZANI, Isabela. Itaú dobra reservas para cobrir calotes e lucro tem tombo de 43,1. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 4/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/itau-dobra-reservas-para-cobrir-calotes-e-lucro-tem-tombo-de-431.shtml>

BRAGATTO, Susana. Diário de confinamento: 'Um dia inesquecível'. Mundo, **Folha de São Paulo**, em 3/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/diario-de-confinamento-um-dia-inesquecivel.shtml>

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>

BRIGATTI, Fernanda. Trabalhador com contrato Verde e Amarelo poderá ter multa do FGTS em demissão por justa causa. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 17/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/trabalhador-com-contrato-verde-e-amarelo-podera-ter-multa-do-fgts-em-demissao-por-justa-causa.shtml>

BRINGEL, Breno. Muito mais que um panelaço: resistências sociais em tempos de coronavírus. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 31/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/muito-mais-que-um-panelaco-resistencias-sociais-em-tempos-de-coronavirus.shtml>

COELHO, Luciana e RODRIGUES, Artur. CEUs serão adaptados para receber infectados com coronavírus na periferia de SP, diz Covas. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 05/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/ceus-serao-adaptados-para-receber-infectados-com-coronavirus-na-periferia-de-sp-diz-covas.shtml>

COMPETIÇÃO no 5G. Opinião, **Folha de São Paulo**, em 1º/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/competicao-no-5g.shtml>

CUNHA, Luana Silva do Nascimento. 2015. 201f. **Descrição do conectivo em cinco gramáticas da geração NGB**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Fluminense - Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Estudos e Linguagem. Disponível em [https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3069/1/disserta%C3%A7%C3%A3o\\_luana\\_cunha.pdf](https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3069/1/disserta%C3%A7%C3%A3o_luana_cunha.pdf)

Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/233827-papa-se-reune-com-fidel-e-faz-apelo-contr-a-ideologia.shtml>

DURÃO, José de Santa Rita. **Caramurú: poema épico do descobrimento da Bahia**. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1878. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4626>

FABRINI, Fábio Estados com 95% dos presos determinam proibição total de visitas. Equilíbrio e Saúde. **Folha de São Paulo**, em 23/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/estados-com-95-dos-presos-determinam-proibicao-total-de-visitas.shtml>

FARIA, Flávia e YUKARI, Diana. Coronavírus provoca redução de 90% dos voos no Brasil, mais que média global. Mercado, **Folha de São Paulo**, 20/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/coronavirus-provoca-reducao-de-90-dos-voos-no-brasil-mais-que-media-global.shtml>

FUKS, JULIÁN. Sobre ruínas silenciosas, de Julián Fuks. Ilustríssima, **Folha de São Paulo**, em 31/08/2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/08/1508027-sobre-ruinas-silenciosas-de-julian-fuks.shtml>

GIELOW, Igor. 79% dos brasileiros defendem punição por violação de quarentena. Cotidiano, **Folha de São Paulo**, em 18/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/79-dos-brasileiros-defendem-punicao-por-violacao-de-quarentena.shtml>

GIELOW, Igor. Rússia admite gravidade da crise do vírus, que atrapalha planos de Putin. Mundo, **Folha de São Paulo**, em 24/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/russia-admite-gravidade-da-crise-do-virus-que-atrapalha-planos-de-putin.shtml>

JAPÃO anuncia a primeira morte de pessoa com o novo coronavírus covid-19. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 13/02/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/japao-anuncia-a-primeira-morte-de-pessoa-com-o-novo-coronavirus-covid-19.shtml>

LEE, Dave e GRAY, Alistair. Após contratar 100 mil em menos de um mês, Amazon chama mais 75 mil para atender demanda. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 14/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/apos-contratar-100-mil-em-marco-amazon-chama-mais-75-mil-para-atender-demanda.shtml>

Machado, T. H. S., Bernardineli-Bernini, E. A., & Jaeger Hintze, A. C. Semanticização Das Preposições do Eixo Transversal no Gênero Editorial Jornalístico. *DLCV - Língua, Linguística & Literatura*, 12(2), 2017, p.13-34. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/16742>

MOURA, Júlia. Gestores recomendam ações tradicionais para atravessar instabilidade. Mercado, **Folha de São Paulo**, Em 27/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/gestores-recomendam-acoes-tradicionais-para-atravesar-instabilidade.shtml>

PAMPLONA, Nicola e GARCIA, Diego. Petrobras faz novo corte no preço da gasolina, mas estoque alto atrasa chegada aos postos. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 27/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/petrobras-faz-novo-corte-no-preco-da-gasolina-mas-estoque-alto-atrasada-chegada-aos-postos.shtml>

PAMPLONA, Nicola e GARCIA, Diego. Petrobras faz novo corte no preço da gasolina, mas estoque alto atrasa chegada aos postos. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 27/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/petrobras-faz-novo-corte-no-preco-da-gasolina-mas-estoque-alto-atrasada-chegada-aos-postos.shtml>

PAMPLONA, Nicola. Vale lucra R\$ 984 milhões no primeiro trimestre. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 28/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/vale-lucra-r-984-milhoes-no-primeiro-trimestre.shtml>

PAPA se reúne com Fidel e faz apelo contra a ideologia. Mundo, **Folha de São Paulo**, em 21/9/2015.

Presidente do Equador diz que Assange tentou montar centro de espionagem em embaixada. Mundo, **Folha de São Paulo**, 15/04/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/presidente-do-equador-diz-que-assange-tentou-montar-centro-de-espionagem-em-embaixada.shtml>

RETOMADA pode aumentar desigualdade nos EUA. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 28/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/retomar-atividades-pode-agravar-desigualdade-economica-nos-eua.shtml>

RIBEIRO, Teté. Ramy', dramédia sobre um muçulmano nos EUA, vale a maratona. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 31/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/dramedia-sobre-dilema-de-um-muculmano-nos-eua-ramy-vale-maratona-na-quarentena.shtml>

ROSSI, Clóvis. A democracia sai arranhada. Colunistas, **Folha de São Paulo**, em 10/11/2016. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunistas/2016/11/a-democracia-sai-arranhada.shtml>

com.br/colunas/clovisrossi/2016/11/1831109-a-democracia-sai-arranhada.shtml

SÁ, Nelson de. 'Linha do tempo' muda e embaralha uso político do coronavírus. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 6/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2020/05/linha-do-tempo-muda-e-embaralha-uso-politico-do-coronavirus.shtml>

Sheppard, David; Raval, Anjli; e Brower, Derek. Colapso nas negociações entre Opep e Rússia faz petróleo despencar. **Folha de São Paulo**, em 6/03/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/colapso-nas-negociacoes-entre-opep-e-russia-faz-petroleo-despencar.shtml>

TOMBO global. Opinião, **Folha de São Paulo**, em 3/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/tombo-global.shtml>

TOR, José Roberto. Futebol: Cinebol ou Futenema? Esporte, **Folha de São Paulo**, em 07/11/2000. Disponível em [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk071120\\_0025.htm](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk071120_0025.htm)

VEREDITO do julgamento de Pistorius será anunciado na quinta-feira. Esporte, **Folha de São Paulo**, em 10/09/2014. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/09/1513920-veredito-do-julgamento-de-pistorius-sera-anunciado-na-sexta-feira.shtml>



## PALAVRAS DE BAIXO CALÃO EM MEIO À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

“Por alguma virada de chave que certamente tem a ver com a ausência de filtros das redes sociais, nas quais se dialoga e se monologa sem que um olhe na cara do outro e o baixo calão é regra, o palavão, esse termo tão condenado nos ambientes sérios, tomou conta das livrarias, exibido com destaque — e asteriscos — na capa de um sem-número de publicações, a maior parte enquadrada no segmento de autoajuda” (Fernanda Thedim, *Entretenimento*, Veja, 16/08/2019)

### INTRODUÇÃO

A epígrafe refere-se à profusão de títulos com palavrões na literatura de muito sucesso entre os jovens, mas nos últimos meses me pareceu que esta abundeza de palavras de baixo calão também alcançou fortemente o discurso político. Este texto foi, então, primeiramente, motivado ao ler matérias sobre o teor da recente reunião ministerial em que o presidente Jair Bolsonaro ao defender a troca de investigadores da PF no Rio de Janeiro, pragueja: “Querem f\* minha família”<sup>24</sup>, registrada pela *Veja* na sua edição de 12/05/2020. O efe com asterisco, pelo contexto, refere-se à forma tabuizada *foder*, objeto de nossa atenção aqui. Para atender o desiderativo, apresento quatro seções: “praguejar, verbo de baixo calão”, em que mostro a face tabuística do verbo praquejar no discurso político e no cotidiano do brasileiro; “o coprologismo *foder*”, aqui criei o neologismo para melhor explorar a faceta de “foder” e palavrões correlatos; “as expressões com puto”, em que mostro como a *Folha de São Paulo* explora nos seus diversos gêneros (colunas e blogs) as locuções com o adjetivo puto; e, por último, escrevi a seção denominada “Turpilóquio na Câmara dos

---

<sup>24</sup> O asterisco usado indica a supressão do palavão.

Deputados”, onde foco o discurso de Jair Bolsonaro desde o início dos anos 90 quando exerceu, por quase três décadas, o cargo de deputado federal, notabilizando-se por seu palavreado reiterado, e, agora, na condição de Presidente do Brasil, parece sugerir ainda um aparente despreço com as pessoas, sejam políticos ou não. O discurso do deboche ou do palavrão, absolutamente espontâneo do presidente Jair Bolsonaro, revelaria o espelho de sua postura ou o perfil do enunciador, insensível e sem qualquer liturgia de magistrado, empatia ou sentido do cargo? Das palavras de baixo calão de que é feito o discurso de Bolsonaro? Tentarei responder a essas duas questões neste texto.

## PRAGUEJAR, VERBO DE BAIXO CALÃO

Em meio à pandemia do coronavírus, não havia registrado tantos textos com discursos de grosserias, insultos e xingamentos profusamente proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro nas reuniões palacianas e em entrevistas aos repórteres que cobrem o Palácio do Planalto. Os xingamentos são um tema de grande interesse para os linguistas e para os psicólogos, estes, inclusive, veem benefícios do palavrão para a saúde do homem, enquanto os lexicógrafos tendem a banir dos dicionários gerais os termos que não consideram socialmente polidos para serem lematizados ou abonados (BRAUN, 2019). No meu caso, ao contrário, defendo os palavrões como itens importantes para o estudo dos tabuísmos.

No plano dos estudos linguísticos, posso aqui destacar as recentes pesquisas do linguista e escritor americano Steven Pinker, em seu *Do Que É Feito o Pensamento*, no qual lista, ao menos, cinco maneiras diferentes de se proferir o baixo calão.

Para ilustrar a tese de Pinker, tomarei expressões relacionadas ao verbo *foder*: i) “*E aí, vamos foder?*”, em que a expressão “*ir foder*” é construída descritivamente, isto é, decorre da experiência do interlocutor em “Manter relações sexuais; copular, meter, pingolar, trepar” ; ii) “*Estamos fodidos*”, em que a expressão “*estar fodido*” se manifesta como expressão idiomática com acepção de “quem se

encontra em situação financeira muito difícil; arruinado, falido, fodido e mal”; iii) “*Foda-se a vida dos outros*”, a expressão “foda-se” aparece de forma abusiva com a acepção de “de descaso, repugnância, rejeição ou sentimento de vingança, desejando mal a outra pessoa”; iv) “Tão *fodamente* adorável, tão *fodamente* tentadora,” o advérbio “fodamente” aparece enfaticamente; v) “*Fui pra Paris e me fodi*”, a expressão “foder-se” aparece de forma catártica (liberação de emoções ou tensões reprimidas).

Manifestamente, a ação de praguejar, em todos os tempos e modos, pode ser uma boa maneira de o sujeito poder expressar a agressão e, portanto, acabar por impedir a violência física. Onde há a cultura, ainda que pela via do palavreado, existe, ao menos, o “rosnar animal”, o agir pela instintividade ou irracionalidade.

Sei também que, segundo as pesquisas mais recentes sobre o palavreado, os homens em geral praguejam mais que as mulheres, traço idiossincrásico que nos remete aos livros sagrados; ao certo, haveria, com a expressão do palavrão, um mecanismo de descarga, um modo de reduzir o estresse: “Os pesquisadores também estudaram como as palavras ganham o status de vocábulos proibidos, e de que forma a evolução da linguagem chula afeta as camadas mais suaves de discurso polido que se posicionam sobre ela.” (ANGIER, 2005)

Resumidamente, o ato de praguejar pode ter, ao menos, três formas de manifestação: i) a de se proferir palavras de baixo calão, marcadas culturalmente em todos os níveis de classe, em que pesem nos sociais mais altos serem consideradas tabus e, portanto, interditas; ii) quando os palavrões são proferidos podem indicar sinais ou características de coprolalia, também chamada de “*síndrome de Tourette*”, problema crônico caracterizado, entre outras manifestações, pelo paciente dizer palavras obscenas e/ou insultos; iii) a de se proferir palavrões que unem brutalidade e astúcia pensada, como ocorre, como apontarei mais adiante, nos pronunciamentos políticos.

As pesquisas mostram ainda que a evolução da linguagem e os fatores psicológicos que conduzem as pessoas ao uso de palavrões

apontam que o ato de praguejar pode ser considerado um fator humano universal, sendo que cada idioma tem sua cota de palavras proibidas, linguisticamente chamadas de tabuísmos (MARTINS, 2011).

Nesse particular, lembro-me agora da referência a palavrões em Jubiabá, obra de Jorge Amado, publicada em 1935, que retrata o cotidiano das pessoas mais simples e desfavorecidas economicamente na cidade de Salvador, na Bahia, sob o olhar de Antônio Balduino, menino criado no morro e que se converteria em líder grevista. Amado, na referida obra, faz menção ao comportamento temperamental de Antônio Balduino, protagonista, que aprendera a ser dissimulado e “dizia palavrões em voz baixa” ou “mentia descaradamente”, empregava “palavrões cabeludos” ou fazia uso de “palavrões que cedo aprendera” e insistentemente “soltava palavrões”.

No meio político, há pouco tempo, Paulo Guedes, ministro da Economia do Governo Bolsonaro, empregou o verbo praguejar ao se referir a um pacote de medidas para impedir que manifestações terroristas cheguem ao Brasil: “Quem **praguejar** contra o governo em bares, padarias e restaurantes terá um acréscimo de 15% na conta. Mesmo que não consuma nada”, completou Guedes.” (Renato Terra, Colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, 29/11/2019)

Evidentemente, tenho muito ainda a aprender sobre o baixo calão no campo teórico, antropológico, médico ou linguístico. Por isso e por último, tenho a dizer que li, recentemente, interessante artigo sob o título “Por que Carvalho xinga tanto?”, no qual Hélio Schwartzman faz uma crítica ao “Guru da família Bolsonaro” com relação ao seu abusivo emprego de palavrões, que vão da agressividade (provocar o conflito) até a catarse, somente explicado, segundo o articulista, à luz da psiquiatria ou neurologia: “Nosso relacionamento especial com palavrões está tão arraigado no cérebro que o discurso blasfemo parece ocupar vias neuronais exclusivas. Há casos de pessoas que sofrem lesões cerebrais que lhes tiram a faculdade de falar (afasia), mas não afetam a *capacidade*

*de praguejar.*” (Hélio Schwartsman, Colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, 8/05/2019)

## O COPROLOGISMO FODER

Intrigou-me que no meio político, de fato, é muito acentuado o uso de palavrões. Uma coisa é estarmos no campo de futebol, para batermos uma pelada, e ouvirmos dos times palavrões ou presenciarmos atos violentos ou gestos obscenos e nomes feios, hoje já devidamente proibidos nos campeonatos estaduais e que podem levar torcedor à delegacia na condição de infratores. Outra coisa é ouvirmos palavrões na Tribuna do Plenário da Câmara dos Deputados ou durante entrevista na Rampa do Palácio do Planalto, espaços públicos em que deputados, senadores, ministros e presidente da República com “ar magistrático” e qualquer deslize linguageiro leva o republicano a perder decoro, especialmente se se trocaram palavrões e ofensas entre si.

Ao me deparar com muitos palavrões proferidos por autoridades públicas, fui em busca de um termo para designar todas aquelas palavras e fraseologismos relacionados ao baixo calão. A neologia me permitiu criar o termo "coprologismo" (de "coprologia", com remissão ao grego **σκῶρ, σκατός** skôr, skatós 'excremento'). Ainda sem registro no *Google*, farei uso do termo aqui de forma muito restrita.

Pois bem. Os coprologismos reuniriam três condições para serem considerados como tais, na verdade, condições prévias já anteriormente propostas por Riutort Riutort (2012): i) pertenceriam ao paradigma morfológico ou derivacional da língua; ii) apresentariam uma frequência de uso; e iii) Achar-se-iam fortemente tabuizados de modo que não fossem de livre utilização social (senão, não seriam tabuísmos), com as consequentes conotações sexuais quando usadas nos discursos.

Todavia, preciso retomar aqui, antes de prosseguir com minha discussão, sobre o assunto à reunião ministerial, conforme revelou VEJA, na qual o presidente Jair Bolsonaro teria declarado que

**“Querem f\* com minha família”** (Laryssa Borges, Política, **Veja**, em 12/05/2020). Quer dizer, uma figura no mais alto cargo do escalão, em Brasília, fala de forma bem espontânea e debochada sobre policiais da PF que “querem foder com sua família”, isto é, policiais que estariam dispostos a “causar mal” ou “desgraçar” a família do presidente, o que incluiria ainda seus amigos mais próximos.

O “querer foder” por horas a fio me martelou o juízo em diversos sentidos. Assim, resolvi ir mais a fundo na pesquisa. Comecei por tomar como referência apenas os registros de palavrões na *Folha de São Paulo*, e esse recorte é totalmente justificado por ser assinante do mesmo e acessar amigavelmente seu corpus aberto de matérias; então, fiz, sem mais delonga, a recolha de vários contextos para o uso de foder<sup>25</sup> no referido jornal, conforme apresento brevemente a seguir:

- i) “Os shows de Londres foram exibidos pelo canal de TV BBC. A emissora pediu para que a cantora maneirasse nos palavrões após a exibição do primeiro show. Em resposta, ela disse “'Foder' não é uma palavra ruim. **Foder** é vida. Sim, eu estou dizendo 'foder' mesmo. Foder, foder, foder.” (Daniel Palomares, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, 13/04/2020)
- ii) “De acordo com os relatos à **Folha**, Bolsonaro usou, na reunião, o verbo “**foder**” ao falar do impacto de uma possível perseguição a seus familiares.” (Renato Onofre, Poder, **Folha de São Paulo**, 12/05/2020).

Decidi continuar a recolha de itens agora com “puto”, seguindo a mesma fonte de consulta para “foder”. Vejamos na seção seguinte.

---

<sup>25</sup> A etimologia de foder é a seguinte: vem do latim vulgar \*futēre, alteração do latim clássico futūo, is, ūi, ūtum, ěre no sentido de 'ter relações carnais com mulher' (Houaiss, 2020)

## AS EXPRESSÕES COM PUTO

No corpus da *Folha de São Paulo*, deparei-me com muitas expressões tabuísticas relacionadas a puto. Vou ilustrar com alguns poucos exemplos:

- i) Locução com “**puto da vida**”, com acepção de “zangado, irritado; pê da vida, puto, fulo”:

“**Puto da vida**, o personagem se recusa e vai embora. Não é porque ele é pobre (e precisa filar uma boia) que vai agradar os mais abonados quando não está a fim, certo? (Não sei. Depois ele volta com o rabinho entre as pernas.) Essa cena me lembrou uma entrevista do Hemingway que li há muito tempo. Nela, o autor dizia que a pior coisa que pode acontecer a um artista é virar entretenimento de rico. Todos os dias eu preciso me lembrar dessa frase, porque, confesso aqui, essa boba da corte já se deslumbrou com muito castelo.” (Tati Bernardi, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 15/02/2019)

- ii) A locução “**ficar puto**”, com acepção de “ter muita raiva ou irritação; zangar-se, irar-se”:

“Nada que identifique que saiu de nosso gabinete”, diz o parlamentar. “Se viraliza, o Neri vai ficar puto.” Diego Martins dos Santos, o Gaúcho, então funcionário do gabinete, pergunta, irônico: “Esse é o intuito, não? Kkk”. O parlamentar responde, firme: “Viralizar, sim, mas sem saber quem fez”. A transcrição preserva a grafia das mensagens originais.” (Rogério Gentile e Wálter Nunes, Poder, **Folha de São Paulo**, 02/11/2019)

- iii) A expressão “**um puto**”, que, de uso expletivo, é usado “hiperbolicamente de modo apreciativo ou depreciativo em relação ao substantivo seguinte” (Houaiss, 2020):

“Mas o mais importante a dizer sobre Daniel é que ele, virgem, onanista de mão-cheia, caipira e sem um puto na carteira, ganhou um sorteio para passar uma noite com Sabrina e precisa chegar até Buenos Aires — mais precisamente a um quarto de motel em frente a

um cemitério.” (Tati Bernardi, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 20/10/2019)

“A galera começou a olhar os bolsos, as pochetes, as bolsinhas. Ninguém tinha um **puto de uma camisinha** para me dar.” (Carmem, **Colunas e Blogs**, Folha de São Paulo, em 17/02/2017)

Certo de que os tabuísmos poderiam ser ainda melhor abonados<sup>26</sup> no meio político resolvi fazer a recolha dos itens no buscador da seção “*Discursos e Notas Taquigráficas*” da Câmara de Deputados Federais. Na seção seguinte irei mostrar a riqueza dessa fonte eletrônica e lexicograficamente produtiva para os linguistas.

## TURPILÓQUIO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Para este texto, reservei o termo *turpilóquio* para me referir especialmente aos discursos políticos com registros de palavrões ou palavras de baixo calão no Plenário da Câmara dos Deputados Federais. Evidentemente, fiz um filtro na busca dos discursos do então deputado Jair Bolsonaro, o mesmo que hoje me despertou interesse em investigar o nível de seu discurso em reuniões ministeriais. É bom lembrar que o presidente Jair Messias Bolsonaro, hoje, sem partido (mas já tendo passado por diversos partidos, entre os quais PDC, PPR, PPB e PP, pelo Rio de Janeiro), não foi o primeiro a proferir palavrão em Plenário da Câmara dos Deputados. Por essa razão, apresento aqui uma breve cronologia de palavras, locuções, consideradas chulas, grosseiras (obscenas ou não) ou ofensivas, no Plenário, extraídas dos discursos políticos.

É possível que na cronologia dessa narrativa parlamentar possa trazer à baila o poder do discurso e o discurso do poder tendo

---

<sup>26</sup> Aqui o termo abonação pode ter duas acepções neste texto. A primeira, diz do trecho do discurso do parlamentar que serve para autorizar o emprego do tabuísmo na língua. A segunda, atestação, por meio do discurso parlamentar, da ocorrência do tabuísmo durante pronunciamento do parlamentar em Plenário da Câmara dos Deputados.

como principal protagonista o Sr. Jair Messias Bolsonaro. Irei passo a passo.

O primeiro caso que me chamou a atenção não envolveu Jair Bolsonaro. Na sessão de 01/01/1900, o deputado Edmilson Rodrigues (PSOL – PA) recorreu à palavra “assessores de porra nenhuma” (também conhecido como aspone, ou seja, indivíduo que exerce um cargo sem função real ou útil) neste contexto: “os **assessores de porra nenhuma** têm que ganhar, os terceirizados têm que aumentar seus lucros. E quem é que fica no prejuízo? A Nação brasileira, os trabalhadores.” Porra é tabuísmo e, como tal, a liturgia do decoro parlamentar não recomendaria tal emprego do termo.

Depois observei que muitos parlamentares no alto da tribuna empregaram muitas formas tabuizadas em seus discursos. Por exemplo, em 22/2/2005, durante realização da Audiência Pública do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, o Deputado Gustavo Fruet lançou mão de expressões como “caralho”, “puta que pariu” e “filha-da-puta” nos seguintes contextos: “jogaram fora... vocês jogaram (inaudível) do **caralho! Puta que pariu.**” e “2 - falei pro Calazans: “pô, liberei a cara desses **filha-da-puta** e você ainda vem aqui fazer fofoca...”. Quer dizer de cada sentença degravada, há, pelo menos, um palavrão proferido pelo parlamentar.

Na recolha de cerca de 300 ocorrências de palavrões nos discursos dos parlamentares, chamou-me a atenção uma reunião da Câmara de Deputados no dia 06/12/2016. Neste dia, o então deputado Jean Wyllys (Psol-RJ), atualmente *exilado* voluntariamente na Alemanha, desde janeiro de 2019, apresentou sua defesa no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar no processo em que a Mesa Diretora da Câmara o acusa de quebra do decoro parlamentar por ter cuspidido no então deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), no Plenário da Câmara, em abril, durante a votação da admissibilidade do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Grifei a seguinte alegação do parlamentar: “Quando fui votar, ouvi vaias e pessoas dizendo: ‘viado’ e ‘sai daí, viado’”, “queima rosca” e “tchau, querida”. Tolerarei insultos por seis anos, mas, naquela hora, cuspi na cara daquele fascista porque

foi [um sentimento] mais forte do que eu. A minha cuspada foi uma reação e não uma ação”, e dessa forma, Jean Wyllys, na oportunidade, ainda acusou Bolsonaro de fraude em um vídeo que mostraria uma suposta premeditação do deputado do Psol no caso. Nesse episódio, Bolsonaro estava diretamente envolvido no processo da Mesa Diretora.

Nessas alturas, e nessa narrativa de causos, preciso voltar à biografia de Jair Messias Bolsonaro, que é de conhecimento, exerceu o cargo de deputado federal desde 1991, e, acompanhando sua fala, ano a ano, dez anos depois, pude observar que seus discursos se tornaram mais cáusticos e o palavrão ficou mais acentuado nos seus argumentos contundentes em defesa dos militares, nos quais o insulto passou a ser intencionalmente trabalhado pelo parlamentar com forte reforço de carga retórica, por vezes, carregado de ironia, debochado, e imediatamente com repercussão nos jornais de grande circulação (em particular, a *Folha de São Paulo*) e na opinião pública de modo geral.

Em 2001, o então deputado Jair Bolsonaro (PPB/RJ) ao manifestar sua contrariedade à redução do soldo dos alunos do Instituto Militar de Engenharia e ainda apoiar a reivindicação do Clube de Subtenentes e Sargentos de Cuiabá sobre o direito à graduação na transferência para a reserva, assim se pronuncia no Plenário:

“Sr. Presidente, não me repreenda pelo que eu vou dizer agora. Não é **palavrão**, fique tranquilo. Quando estamos com raiva de uma pessoa, nós a mandamos para o quinto dos infernos. Fernando Henrique Cardoso mandou as Forças Armadas para o "quintão dos infernos". É lamentável, é um deboche. Não posso usar outros adjetivos.” (Jair Bolsonaro - PPB/RJ, Sessão: 026.3.51.O, Hora: 9h20, Fase: BC, 22/03/2001)

No dia seguinte, ao tratar da rejeição da Medida Provisória nº 2.131, de 2000, o então deputado Jair Bolsonaro (PPB/RJ) revela uma particular atenção à remuneração dos servidores militares e

usa o verbo sacanear (por si, já diz muito sobre agir como sacana, devasso, espertalhão ou trocista):

“Se não houver outro caminho, pedirei o apoio de meus colegas, por ocasião da votação dessa MP, para que venhamos a recuperar pelo menos um pouco do que os militares perderam. É o apelo que faço, em nome dos companheiros das Forças Armadas, que estão sentindo-se prejudicados, humilhados e — desculpe o **palavrão**, Sr. Presidente — **sacaneados** por este Governo com relação a essa medida provisória. (Jair Bolsonaro – PPB/RJ, Sessão 026.3.51.O, Hora- 9h20, Fase- BC, em 22/03/2001)

Em 2014, mais uma vez o deputado então Jair Bolsonaro (Bloco/PP-RJ) ao tratar dos prejuízos causados aos bananicultores brasileiros pela Instrução Normativa nº 3, de 2014, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento diz ao presidente da sessão que moderar seu discurso (ou os próprios impulsos?) para não proferir palavrão em Plenário:

“Eu não posso falar um **palavrão** aqui sobre quem teve a ideia de baixar essa instrução normativa. Com toda a certeza, foi da companheira Dilma Rousseff, porque o Equador faz parte do foro de São Paulo.” (Jair Bolsonaro - Bloco/PP-RJ, Sessão - 209.4.54.O, Hora - 12h28, Fase -

Em 2018, o então deputado **Jair Bolsonaro - PSL/RJ** ao fazer a contestação da matéria publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, de autoria de Mônica Bergamo, a respeito de interpelação ao Parlamentar por passageira em aeroporto de São Paulo, defendeu-se assim:

“Deputado Alberto Fraga, veja o que acabou de acontecer. Eu, como tinha dois compromissos em São Paulo, fui para o aeroporto. Quando eu já estava na região de embarque, uma senhora, de repente, aparece completamente embriagada - ela nem deveria estar ali nessa condição. Eu estava ao lado do Senador Magno Malta, por coincidência. O que ela fez? Começou a me ofender, a dizer **palavrões**. Ela chegou a cair no

chão! Ela se estabacou, caiu no chão. Fiquei na minha, contemporizando. Ela dizia que votava em mim e que eu tinha que atendê-la. Ela estava com um bafo terrível de cachaça. Foi lamentável a cena! O que eu fiz então? Fui para o banheiro. Eu não ia discutir com uma pessoa embriagada, que nem deveria estar lá dentro. O meu filho Eduardo estava comigo. Ligamos para a Polícia Federal, mas não chegou ninguém. Eu fiquei no banheiro aguardando a poeira baixar. Tudo isso foi filmado.” (**Jair Bolsonaro - PSL/RJ**, Sessão- 170.4.55.O, Hora - 16h32, Fase – BC, em 03/07/2018)

O jeito de ser de Jair Bolsonaro conseguiu muitos seguidores não só no eleitorado brasileiro como no seu *staff* em Brasília. Em 2019, já no contexto do governo de Bolsonaro, a deputada Jandira Feghali (PcdoB/ RJ), manifesta insatisfação com a explanação do Ministro da Educação a respeito dos cortes de recursos do ensino superior:

“Na linha do embate ideológico, Sr. Ministro, eu tenho aqui várias matérias em que V.Exa. se expressa pelo marxismo cultural, com elogios a esse intelectual Olavo de Carvalho - fenomenal, respeitoso e qualificado -, que todo mundo conhece, que só fala **palavrão** e agride todo mundo. Mas eu tenho aqui também uma matéria que deixo para V.Exa. confirmar publicamente, em que se diz que o atual Ministro Abraham Weintraub gosta de dizer abertamente que comunistas merecem levar bala na cabeça.” (**Jandira Feghali - PcdoB/ RJ**, Sessão - 104.2019, Hora: 16h4, Fase: CG, em 15/05/2019)

Até aquele momento, o deputado Airton Faleiro (PT – PA) fez referência à divulgação, por órgãos da imprensa, de “fatos grotescos praticados pela família Bolsonaro”:

“Diz respeito à reação do Presidente da República contra matéria veiculada pela TV Globo sobre o possível envolvimento de sua família no assassinato da Vereadora Marielle Franco, do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro: “Ontem, desta tribuna, o filho do Presidente, um Deputado Federal, desafiou a institucionalidade brasileira, dizendo que, se acontecerem manifestações no Brasil como as que estão ocorrendo em

outros países, vão usar a polícia, e ameaçou com o retorno da ditadura militar. E depois não querem ser criticados? O mais grave é saber que as besteiras cometidas por essa família se repetem. Olhem o vídeo do Presidente da República divulgado ontem no Facebook. Desequilibrado, ele fala **palavrões**, ataca a imprensa, ataca a democracia, sai em defesa do indefensável, no que se refere ao possível envolvimento da família na morte de Marielle.” (Airton Faleiro (PT – PA), Sessão-345.2019, Hora - 16h40, Fase- BC, em 30/10/2019)

Mais recentemente, a deputada Fernanda Melchionna (PSOL/RS) fez uma crítica ao que chamou de “festival de palavrões e de bobagens ditas pelo Governo Bolsonaro”:

“O hoje Presidente da República, quando era Deputado, defendeu da tribuna da Câmara dos Deputados um matador de aluguel, um bandido perigosíssimo, com ficha corrida maior do que o **festival de palavrões e de bobagens ditas** pelo Governo Bolsonaro.” (Fernanda Melchionna –PSOL/ RS, Sessão - 9.2020, Hora - 18h4, Fase - OD, 11/02/2020)

Em maio de 2020, o deputado Rogério Correia (PT/MG) fez referência à “reunião de malucos” sob o comando de Bolsonaro durante seu periódico encontro interministerial:

“Presidente, que reunião de malucos aquela, hem, do Ministério e do Bolsonaro? O que é aquilo, Presidente? Querer tirar o delegado da Polícia Federal para proteger a família dele, Ministro falando em prender Ministro do Supremo, **palavrões**, tudo isso para proteger a família! Eu fiquei "absurdado"! Só pode dar impeachment! O Supremo Tribunal Federal vai ter que denunciar esse Bolsonaro.” (Rogério Correia-PT/MG, Sessão - 8.2020, Hora - 12h36, Fase –OD, 13/05/2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pudesse brevemente encerrar este texto numa única questão, colocaria o seguinte: os palavrões de Jair Bolsonaro são o espelho

de sua postura ou coprologia? Procurei mostrar como a expressão tabuizada *foder* vem sendo, em meio à pandemia, bastante explorado no discurso político e no cotidiano do brasileiro, a que chamei de “o coprologismo foder”, por isso, aqui criei o neologismo para melhor explorar a faceta de “foder” e palavras correlatas. Os exemplos dados me permitem falar em discurso do deboche ou do palavrão, absolutamente espontâneo do presidente Jair Bolsonaro, o que poderia revelar o espelho de sua postura política ou o perfil do enunciador, insensível e sem qualquer liturgia de magistrado, empatia ou sentido do cargo, para recorrer às palavras do linguista Adail Sobral.

## REFERÊNCIAS

- ANGIER, Natalie. Palavrão une brutalidade e astúcia pensada. Mundo, **Folha de São Paulo**, 01/10/2005. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0110200521.htm>
- AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PINTO, M. A. G. (Organizadores). **O poder do discurso e o discurso do poder - v. 1**. São Paulo: Editora Paulistana, 2018. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br/1>
- ARAÚJO, Júlio César. Chats na web: a linguagem proibida e a queda de tabus. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. p. 311-334, out. 2010. Disponível em [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/391/411](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/391/411)
- BERNARDI, Tati. O bobo da corte. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 15/02/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2019/02/o-bobo-da-corte.shtml>
- BERNARDI, Tati. Uma noite com Pedro Mairal. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 20/10/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/uma-noite-com-pedro-mairal.shtml>
- BORGES, Laryssa. Bolsonaro em reunião sobre troca na PF: ‘Querem f\* minha família’.

BORGES, Laryssa. Em reunião, Weintraub disse que ministros do STF deveriam ser presos. Política, **Veja**, em 12/05/2020, 17h53 - Publicado em 12 maio 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/em-reuniao-weintraub-disse-que-ministros-do-stf-deveriam-ser-presos/>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas – DETAQ. **Rogério Correia (Pt – MG)**. Sessão: 8.2020. Hora: 12h36. Fase: OD, em 13/05/2020. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Airton Faleiro (PT – PA)**. Sessão: 345.2019, Hora: 16h40, Fase: BC, em 30/10/2019. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Fernanda Melchionna (PSOL – RS)**. Sessão: 9.2020. Hora: 18h4. Fase: OD, em 11/02/2020. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Jair Bolsonaro (PSL-RJ)**. Sessão: 170.4.55.O, Hora - 16h32, Fase – BC, em 03/07/2018. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Jandira Feghali (PCdoB - RJ)**. Sessão: 104.2019, Hora: 16h4, Fase: CG, em 15/05/2019. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Jair Bolsonaro (PPB-RJ)**. Sessão: 026.3.51.O, Hora: 9h20, Fase: BC, em 22/03/2001. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Jair Bolsonaro (Bloco/PP-RJ)**. Sessão: 209.4.54.O, Hora: 12h28, Fase: OD, em 06/08/2014. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRASIL. Câmara dos Deputados. Discursos e Notas Taquigráficas. **Jair Bolsonaro (PPB-RJ)**. Sessão: 026.3.51.O, Hora: 9h20, Fase: BC,

em 22/03/2001. Disponível em <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/pesquisaDiscursos.asp>

BRAUN, Julia. 'Xingar faz bem à saúde', diz psicólogo britânico Richard Stephens. Saúde, **Folha de São Paulo**, Atualizado em 6 dez 2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/saude/xingar-faz-bem-a-saude-diz-psicologo-britanico-richard-stephens/>

CARMEN. X de Sexo: Faltou camisinha no bloco de rua. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 17/02/2017. Disponível em <https://xdesexo.blogfolha.uol.com.br/2017/02/17/faltou-camisinha-no-bloco-de-rua/>

GENTILE, Rogério e NUNES, Wálter. Líder do PSL usou equipe da Assembleia de SP em ataque apócrifo a deputado. Poder, **Folha de São Paulo**, em 02/11/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/lider-do-psl-usou-equipe-da-assembleia-de-sp-em-ataque-apocrifo-a-deputado.shtml>

MARTINS, Vicente. Como lidar com tabuísmos em sala de aula. **Cadernos do CNLF - Anais do Xv Congresso Nacional de Linguística e Filologia - Vol. XV, Nº 5, t. 1.** Rio de Janeiro, CiFEFiL, 2011, p. 373-294. Disponível em [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/32.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/32.pdf)

ONOFRE, Renato. Depoimentos de Ramos e Heleno conflitam com versão de Bolsonaro sobre menção à PF. Poder, **Folha de São Paulo**, 12/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/depoimentos-de-ramos-e-helena-conflitam-com-versao-de-bolsonaro-sobre-mencao-a-pf.shtml>

PALOMARES, Daniel. Há 30 anos, Madonna lançava a turnê polêmica que mudou a música pop. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, 13/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/ha-30-anos-madonna-lancava-a-turne-polemica-que-mudou-a-musica-pop.shtml>

Pinker, Steven. **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Política, Veja, 12/05/2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/querem-f-minha-familia-disse-bolsonaro-em-reuniao-sobre-troca-na-pf/>

RIUTORT RIUTORT, MACIÀ . Los escrologismos del alemán y los diccionarios bilingües. *Alfinge* 24 (2012), 175-194. Disponível em <https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/alfinge/article/view/3343/3232>

Schwartzman, Hélio. Por que Carvalho xinga tanto? Colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, em 08/05/2019. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2019/05/por-que-carvalho-xinga-tanto.shtml>

TERRA, Renato. Paulo Guedes vai taxar manifestantes. Colunas e blogs, **Folha de São Paulo**, em 29/11/2019. <https://renatoterra.blogfolha.uol.com.br/2019/11/29/paulo-guedes-vai-taxar-manifestantes/>

THEDIM, Fernanda. O sucesso da literatura do F\*da-se. **Entretenimento**, Veja, 16/08/2019. Disponível em <https://veja.abril.com.br/entretenimento/o-sucesso-da-literatura-do-fda-se/>



## UM ESTUDO ACERCA DO PRONOME “CUJO” E SUAS FLEXÕES NO CONTEXTO DE PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

“Após quase dois meses de quarentena, abriram-se em maio as portas dos hotéis da “Suíça brasileira”, como ficou conhecida a cidade de Gramado, naquelas hipérboles tão caras ao marketing turístico (a original europeia entrou no fim de abril para o clube de países que começaram a relaxar o isolamento). Quem se hospedar em um dos hotéis mais sofisticados da cidade, o Saint Andrews, **cuja** arquitetura é uma réplica do castelo homônimo da Escócia, encontrará um “novo normal” com rigorosos protocolos de segurança e higiene.” (Marcelo Aramis, Brasil, **Veja**, em 22/05/2020)<sup>27</sup>

### INTRODUÇÃO

Este texto traz as seguintes seções: i) o uso de “cujo”, “do qual”, “pelo qual” e “o qual”; ii) o antecedente e o conseqüente de “cujo”; e iii) o relativo “cujo” e suas variações. As três seções têm em comum o seguinte: trazem exemplos extraídos da *Folha de São Paulo* com o emprego, dentro da norma culta, do pronome relativo “cujo” e suas flexões ou variantes. É aqui talvez que resida - se não houver realmente algum outro mérito, o esforço de colaboração mais sistemática para a abonação do relativo, isto é, sua atestação, por meio de textos reais, da ocorrência em um jornal de grande circulação e com fácil inferência semântica de suas acepções uma vez que os usos do relativo são sempre contextualizados e construídos à luz da norma padrão da língua portuguesa.

---

<sup>27</sup> Ver matéria completa em ARAMIS, Marcelo. Gramado reabre restaurantes e hotéis, mas falta combinar com os turistas Brasil, **Veja**, em 22/05/2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/gramado-reabre-restaurantes-e-hoteis-mas-falta-combinar-com-os-turistas/>

## O USO DE “CUJO”, “DO QUAL”, “PELO QUAL” E “O QUAL”

Há anos, tenho particular interesse no estudo dos pronomes relativos. Reverencio-os entre as classes gramaticais, mas sempre fico com o pé-atrás ao empregá-los no período mais complexo ou quando recorro à construção hipotática na língua padrão. Se abro um livro de Vieira ou Alencar e me deparo com construções com o relativo *cujo* e suas variantes, logo em encantam. Eles, os relativos, requerem dos usuários da língua, escritores ou não, a devida competência sintática para seu emprego conforme a norma padrão.

Muitos falam no desuso do relativo “cujo” e suas flexões. Se há desuso, isso ficou só no plano da língua falada, porque na escrita, o relativo é um sobrevivente contumaz. A expressão “dito-cujo” ao mesmo tempo que pode nos evocar o relativo indiretamente, por outras trilhas gramaticais, pode se referir contemporaneamente ao “coronavírus, patógeno perigoso que hoje ataca o Estado brasileiro.”

Os itens que já levantei em obras da literatura, portuguesa e brasileira, revistas e os jornais de grande circulação contemporânea, ao contrário do que pensam os adversários dos puristas, sugerem-me que o relativo teimosamente resiste ao tempo, precisamente desde o ano 1299, quando se tem o primeiro registro escrito de seu uso.

Para não ir muito longe, recorro a Antônio Vieira, em seus “*Sermoens*”, em 1679, que empregou o relativo com tanta elegância e apuro na sentença “sendo o primeyro exemplo o de Sua Mageftade, que Deos nos guarde, **cuja** Real liberalidade quer ter huma grande parte nesla obra, como em todas as de piedade”.

O escritor cearense José de Alencar, quase dos séculos depois de Vieira, em seu “*Guarany : romance brasileiro*”, publicado em 1857, traz esta pérola com o relativo: “Finalmente, na extrema do pequeno jardim, á beira do precipício, via-se uma cabana de sapê, **cujos** esteios erão duas palmeiras presas por uma viga da qual desciação do lecto as abas, que servião ao mesmo tempo de parede :

um ligeiro sulco privava as águas de entrar nesta habitação selvagem.”

E se por um instante ousar cogitar que essa competência de bem empregar os relativos é uma habilidade exclusiva dos escritores do séculos XVII ou XIX, enquanto escrevo este texto, deparo-me com uma matéria na *Folha de São Paulo*, na edição de 22 de maio de 2020, que, ao tratar sobre “Trabalhadores vão à Justiça para antecipar saque do FGTS na pandemia”, na qual a jornalista Fernanda Brigatti, diz: “Há também a situação de “necessidade pessoal, **cuja** urgência e gravidade decorra de desastre natural”. O relativo, pois, sobreviveu ou resiste ao efeito do tempo, isto é, persiste da idade média ao “novo normal”.

Em substância, são os pronomes relativos os que exprimem relações gramaticais e funcionam como conectivos, unindo uma oração subordinada adjetiva à oração principal. É uma das facetas interessantes nos estudos dos pronomes, umas das classes fechadas no âmbito da gramática portuguesa. Realmente, requer do usuário da língua uma firme disposição de leitura e estudo para desvelar os meandros de seu escorreito emprego.

Desse modo, praticamente sou forçado a abrir a velha e surrada gramática de Cunha (1979). Em seguida, feito um rastreador, vou ao capítulo da gramática que especificamente fala dos relativos e me deparo com a seguinte definição do relativo “cujo”: “É, a um só tempo, relativo e possessivo, **equivalente** pelo sentido a do qual, de quem, de que.”. Ele, assim, vem linguisticamente no formato “dois em um”: é ao mesmo tempo, relativo e possessivo.

Grifei da definição gramatical do relativo “cujo” o termo ou a noção de *equivalente*. Em gramática ou linguística é bem distinta da noção de equivalente em química, por exemplo. Em química, quando nos referimos ao termo equivalente estamos aludimos à “quantidade de uma substância cujo peso é o equivalente-grama da substância”. Já em gramática gerativa, a noção de “equivalente” refere-se ao “que gera o mesmo conjunto de frases da língua (diz-se da capacidade gerativa de uma gramática) ou, em linguística ao

“que tem a mesma distribuição num contexto (diz-se de uma unidade linguística)”.

Então, para o relativo “cujo”, quando dizemos que é equivalente a “do qual, de quem, de que”, essa equivalência, a rigor, é de sentido, e não de forma, estrutura. Trata-se, portanto, de uma “equivalência semântica”, isto é, há uma relação de implicação recíproca entre frases que recorrem a pronomes relativos, como a que existente entre uma frase ativa e uma frase passiva.

Gosto de sempre ilustrar essas questões de uso, como se estivesse no ambiente de sala de aula, ensinando o emprego das categorias gramaticais. Digamos, por exemplo, que durante minha leitura diária, recorresse, para a análise, a este trecho da *Folha de São Paulo*:

“O estudo sobre a circulação do novo coronavírus foi realizado pelo Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular do IOC/Fiocruz em parceria com a Fiocruz-Bahia, a Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo) e a Udelar, no Uruguai.” (Ana Luiza Albuquerque, Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 11/05/2020).

Trata-se, como vemos acima, de uma estrutura de voz passiva, uma voz do verbo na qual o sujeito da oração recebe a interpretação de paciente, em lugar da de agente da ação verbal (...foi realizado pelo...)

Este trecho acima da matéria é equivalente à voz ativa: “O Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular do IOC/Fiocruz realizou estudo sobre do novo coronavírus, em parceria com a Fiocruz-Bahia, a Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo) e a Udelar, no Uruguai.”, montada agora por mim. Neste caso, estamos diante da voz ativa, voz do verbo em que o sujeito pratica a ação (O Laboratório de AIDS e Imunologia Molecular do IOC/Fiocruz realizou ...).

Como vemos, em ambas as estruturas, o assunto é semanticamente o mesmo da matéria jornalística: “a transmissão comunitária do coronavírus identificada tardiamente”. Como

disse, anteriormente, o relativo “cujo” é equivalente, pelo sentido, a “do qual”, “de quem” e “de que”.

Vejam alguns outros exemplos com o relativo “cujo” e seus equivalentes, o que não quer dizer que por mera *comutação*<sup>28</sup> possa um ser substituído automaticamente pelo outro, senão permitir ao usuário da língua a inferência contextual e semanticamente de aceção inteiramente guiada pelo ambiente:

“O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios ingressou na tarde de quarta-feira (13) com uma ação civil pública contra o grupo 300 do Brasil, pedindo o fim do acampamento do grupo, a busca e apreensão e também a revista pessoal de seus integrantes, para encontrar armas de fogo em situação irregular ou **cujos** donos não possuam autorização legal para o porte.” (Renato Machado, Poder, **Folha de São Paulo**, em 14/05/2020)

## DO QUAL

“As notas fiscais da prestação de contas do PSL nacional relativas a 2019 mostram que o escritório do advogado Victor Granado Alves (Granado Advogados Associados, **do qual** Victor é sócio) foi contratado com dinheiro do fundo partidário — a verba pública que abastece as legendas no país — para prestar serviços jurídicos ao diretório do Rio, comandado por Flávio, a partir de fevereiro do ano passado.” (Renato Onofre, Ranier Bragon e Camila Mattoso, Poder, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2020)

## PELO QUAL

“O PSL foi o partido **pelo qual** Jair Bolsonaro se elegeu presidente e Flávio, senador. Ambos romperam com a legenda e se desfilaram no final do ano passado.” (Renato Onofre, Ranier Bragon e Camila Mattoso, Poder, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2020)

---

<sup>28</sup> Refere-se à “troca de um elemento linguístico (fone, morfe, palavra etc.) de uma sequência por outro us. na mesma língua, para que se verifique a equivalência paradigmática das duas formas no sistema da língua e se determine sua classificação entre os outros elementos do seu nível.” (Houaiss, 2020)

## O QUAL

“Agora ficou fácil! Já não bastam todos os dias serem iguais aos outros nessa quarentena sem fim, ainda passaremos por questões que o papa Gregório XIII jamais imaginaria (ele é o idealizador do calendário gregoriano, o qual usamos atualmente).” (Mateus Camillo, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 19/05/2020)

## O ANTECEDENTE E O CONSEQUENTE DE “CUJO”

Este texto, tem como objeto de estudo o pronome relativo “cujo”, doravante PR<sub>cujo</sub>, assim caracterizado, segundo a tradição gramatical, pela condição de ele fazer referência a um termo antecedente (termo, geralmente precedente, ao qual se refere o pronome relativo). Assim, o relativo “cujo” assume um duplo papel no período: além de representar um termo antecedente, serve como elo subordinante da oração que inicia. Algumas posições aqui seguem os estudos anteriores sobre os relativos de Cunha (1979), Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009), Kury (1987), Bispo (2007; 2014; e 2018), Nicoleti (2014) e Silva (2017) e Amurim (2018).

Estamos, desse modo, diante de surpreendente processo sintático, no qual acontece a transposição de uma oração originalmente independente à condição de adjetivo, o que acarreta o seguinte: essa oração funcionará sempre como adjunto adnominal de seu antecedente (Bechara, 2009).

No caso de cujo e suas variantes, observa-se a referência a dois elementos nominais (um antecedente e um subsequente), articulando a ideia de posse (antecedente) e coisa possuída (subsequente).

Aqui neste texto, vamos mostrar exemplos do pronome relativo “cujo” quanto à forma em que se apresentam em textos diversos, sem considerar, a análise do conectivo quanto à função que exercem na oração em que estão inseridos, o exigiria da minha parte um esforço sobre-humano. A propósito, autores como Kury (1987), Rocha Lima (1994) e Cunha e Cintra (2007) têm

exaustivamente apontado as funções sintáticas que os pronomes relativos podem assumir na oração por eles encaixadas.

Assim, como já vimos anteriormente, quanto à forma, temos a forma simples “cujo (assim como as formas que, quem, quando e onde) e o composto (para o relativo o qual); cujos e cujas são exemplos de variáveis (assim como o/as quais, quanto/as) e invariáveis (somente os relativos que, quem, onde).

Como disse antes, o pronome relativo “cujo” é datado de 1292, em pleno galego-português<sup>29</sup>, que nos remete à Galiza e a Portugal. É bom insistir com essa noção gramatical de que o relativo “cujo” relaciona dois substantivos, um antecedente e outro conseqüente, sendo este último possuidor de algo (qualidade, condição, sentimento, ser etc.) designado pelo primeiro. Além da forma masculina “cujo”, temos também a forma feminina “cuja” e temos o masculino plural “cujos” e o feminino plural “cujas”, que podemos ilustrar nos exemplos abaixo, nos quais destacamos em itálico o antecedente/o conseqüente do relativo nas suas flexões:

## CUJO

“Segundo o artigo 113 do Código de Ética Médica, do Conselho Federal de Medicina, é proibido “divulgar, fora do meio científico, processo de tratamento ou descoberta<sub>1</sub> **cujo** valor<sub>2</sub> ainda não esteja expressamente reconhecido cientificamente por órgão competente”. (Fernando Canzian, Cotidiano, **Folha de São Paulo**, 18/05/2020)

## CUJOS

“No âmbito social, as entidades dizem que o fechamento de agências bancárias coincide com o calendário de pagamento do auxílio emergencial prestado pelo Governo Federal, cuja segunda parcela começou a ser paga nesta segunda (18) e **cujos** pagamentos<sub>2</sub> para as

---

<sup>29</sup> Diz-se de ou língua desenvolvida a partir do romance ibérico, que se falou até meados do sXIV no Noroeste da península Ibérica e que deu origem ao português e ao galego modernos (Houaiss, 2020)

pessoas<sub>1</sub> que nasceram de janeiro a abril acontecem nos dias decorrentes.” (Isabela Bolzani, Mercado, **Folha de São Paulo**, 19/05/2020.)

## CUJA

“O novo protocolo é para o paciente com sintomas muito precoce ou sem sintomas. Mas como é uma doença<sub>1</sub> imprevisível, **cuja** replicação<sub>2</sub> viral precisa ser inibida para que não entre naquele tempestade inflamatória, a ideia é que essa droga, se mostrando eficiente no combate à replicação viral, evite o paciente chegar ao estágio da tempestade inflamatória”, disse Marcelo Morales, secretário de Políticas para Formação e Ações Estratégicas do ministério.” (Ricardo Della Coletta, Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, 19/05/2019)

## CUJAS

“A Andeps defende o trabalho em casa para todos os servidores<sub>1</sub> **cujas** atividades<sub>2</sub> sejam compatíveis com a modalidade remota. Dessa forma, para a entidade, o funcionário está protegido, protege sua família e toda a sociedade ao respeitar o distanciamento social.” (Julia Chaib e Talita Fernandes, Mercado, **Folha de São Paulo**, em 18/05/2020)

## O RELATIVO “CUJO” E SUAS VARIAÇÕES

Quero nesta seção retomar mais uma vez à doutrina gramatical que afirma ser relativo “cujo” um conectivo gerador de uma relação de posse. Isso quer dizer que, m se tratando de contexto ou ambiente, o relativo sempre acompanha o substantivo. No plano de sintaxe, aparece na frase como adjunto adnominal ou complemento nominal. Caso a palavra seguinte seja feminina ou esteja no plural, deve-se utilizar as variações (cuja, cujas ou cujos). Vejamos os exemplos abaixo, todos extraídos da Folha de São Paulo:

## A CUJO

“No primeiro semestre, Roberto Alvim assumiu a direção do Núcleo de Artes Cênicas da Funarte, tendo sido este seu primeiro passo em direção à Secretaria Especial da Cultura<sup>1</sup>, **a cujo** comando<sup>2</sup> ele foi alçado em novembro.” (Maria Luísa Barsanelli, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 24/12/2019)

## A CUJOS

“A geração do Sérgio havia feito o Maio de 68 em Paris, evento<sup>1</sup> que ele acompanhou in loco e **a cujos** valores fundamentais<sup>2</sup> se manteve fiel até muito tempo depois que o último contemporâneo os tinha abandonado. Até o fim.” (Sérgio Rodrigues, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 14/05/2020)

## A CUJA

“Alugar partes do seu edifício é hoje fonte de renda para muitos museus em todo o mundo. Mas a cessão temporária é feita sob a coordenação do próprio museu<sup>1</sup>, **a cuja** direção<sup>2</sup> cabe selecionar eventos que não apresentem riscos à integridade do edifício e do acervo ali presente e que agreguem valor cultural à instituição, contribuindo com os seus objetivos e premissas.” (Adélia Borges, Ana Helena Curti, Carlos Augusto Calil, Pedro Mendes da Rocha e Regina Ponte, Opinião, **Folha de São Paulo**, em 29/10/2019)

## A CUJAS

“Resolvi então procurar um lugar para onde pudesse ir sem sair da minha própria cabeça —um lugar imaginário, utópico, distante dos aborrecimentos que nos esperam. Há muitas opções: Atlântida, Avalon, Brigadoon, Camelot e a própria Utopia —mas esses vivem congestionados, todo mundo quer ir para lá. Resolvi procurar opções menos batidas. A ilha de Speranza<sup>1</sup>, **a cujas** costas<sup>2</sup> foi dar o naufrago Robinson Crusoe. Lilliput e Laputa, as ilhas de Gulliver. Kor, na África Oriental, em cujas cavernas reina Ayesha. E, naturalmente, Oz.” (Ruy Castro, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 3/10/2018)

## DE CUJO

“Na Europa, a Páscoa adaptou rituais germânicos, como o culto à deusa Ostara, **de cujo** nome deriva a palavra “easter” – “Páscoa”, em inglês. Um dos símbolos do festim bárbaro era o coelho.” (Marcos Nogueira, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 11/04/2020)

## DE CUJOS

“Nesta crise, ao mesmo tempo em que o tosco chefe do Executivo sabota políticas razoáveis, por palavras e atos — mudando o ministro da Saúde, opondo-se ao isolamento social e dando como certos os ainda duvidosos benefícios de drogas tidas por miraculosas<sup>1</sup>, **de cujos** efeitos colaterais<sup>2</sup>, aliás, desdenha—, a máquina sob o seu desgoverno tem respondido de forma lenta e errática.” (Maria Hermínia Tavares, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 7/05/2020)

## DE CUJA

“No 13 de maio, quando o país ultrapassou os 12 mil cidadãos perdidos para a doença, o ministro que xingou o STF (na reunião delatada por Moro) homenageou uma princesa no Twitter. Isabel nada mais fez que assinar medida —pela qual o movimento abolicionista<sup>1</sup> lutou por duas décadas— **de cuja** produção<sup>2</sup> esteve ausente.” (Angela Alonso, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 16/05/2020)

## DE CUJAS

“A magistrada questiona ainda “por qual motivo seria irrelevante a opinião das mulheres que estavam no local” do juramento: “(...) se as mulheres que lá estavam são plenamente capazes e concordaram com a brincadeira infeliz, por que precisam de um ente estatal para falar em nome de uma ‘coletividade’<sup>1</sup> da qual, em tese, fazem parte, mas **de cujas** ideias<sup>2</sup> discordam? Seriam tais mulheres menos capazes

que as outras?” (Júlia Zaremba, Cotidiano, **Folha de São Paulo**, 7/11/2019)

## PARA CUJO

“Lutar a favor das estaduais paulistas significa lutar a favor de São Paulo e do Brasil, **para cujo** desenvolvimento social e econômico elas vêm contribuindo há décadas de maneira intensa e decisiva.” (Vahan Agopyan, Marcelo Knobel e Sandro Valentini, Opinião, **Folha de São Paulo**, 17/09/2018)

## PARA CUJA

“Fiz um bom trabalho em Lisboa e os alunos acompanhavam o meu curso com interesse. Mas não tinha como competir com Conway, que deu cinco maravilhosas aulas sobre simetria e o Teorema Mágico, outro tema: **para cuja** popularização ele contribuiu muito, com seu talento invulgar de divulgador. Anos depois tentei trazê-lo ao Brasil para as Jornadas Nacionais de Iniciação Científica do Impa, mas a agenda dele não permitiu.” (Marcelo Viana, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 15/04/2020)

## PARA CUJOS

“Uma vez que a ameaça dos republicanos dissidentes [irlandeses] recuou, o foco na ameaça islâmica cresceu muito rapidamente. Também é justo dizer que até então ninguém havia identificado uma ameaça terrorista enraizada em ideologia e não em objetivos políticos, que não conhecia fronteiras<sup>1</sup> e **para cujos** adeptos<sup>2</sup> a captura ou a morte não eram um risco, mas uma aspiração.” (Richard Watson, Mundo, **Folha de São Paulo**, em 09/07/2017)

## PARA CUJAS

“Há centros de excelência convivendo com centros de acomodamento. E não há nenhum modelo que permita premiar os competentes e eliminar os ociosos. Em geral, há bons equipamentos,

fruto da política de investimento científico das últimas décadas, mas mal utilizados porque todos têm "donos" - em geral os pesquisadores: **para cujas** pesquisas o equipamento foi adquirido." (Luis Nassif, Mercado, **Folha de São Paulo**, 22/07/1998)

## COM CUJO

"Nos corredores acarpetados do centro de convenções o americano deve cruzar com (1) Greta, com quem mantém uma guerra verbal; (2) o vice-premiê chinês Han Zheng<sup>1</sup>, **com cujo** governo<sup>2</sup> trava uma guerra comercial em incipiente armistício; (3) o presidente iraquiano Barham Salih, cujo país foi usado pelos EUA como trampolim para uma quase-guerra com o Irã" (Luciana Coelho e Alexa Salomão, Mundo, **Folha de São Paulo**, 19/02/2020)

## COM CUJA

"Em resposta à correspondente no Brasil do jornal argentino Clarín<sup>1</sup>, **com cuja** pergunta<sup>2</sup> se irritou, Guedes disse que "a prioridade é fazer comércio com todo o mundo" e que "o Mercosul quando foi feito, se transformou em um instrumento ideológico, em uma prisão cognitiva" (Sylvia Colombo e Mariana Carneiro, Mundo, **Folha de São Paulo**, 29/10/2018)

## COM CUJOS

"A menos de quatro meses da eleição, Alckmin não tem aliança fechada com nenhum partido, apenas "conversas muito avançadas", como definiu Perillo, com PSD, PTB, PV e PPS. O presidencialável não incluiu na lista partidos<sup>1</sup> como Solidariedade e PROS, **com cujos** presidentes<sup>2</sup> esteve na quarta-feira (13) e quinta." (Daniel Carvalho, Poder, **Folha de São Paulo**, 14/06/2018)

## COM CUJAS

“Quando negocio com um ministro e as teses que defendo são convergentes, é mais fácil que negociar com um ministro: **com cujas** teses<sup>2</sup> eu discordo. Ele dificulta a negociação com o governo”, diz o líder do Solidariedade, Zé Silva (MG).” (Julia Chaib e Gustavo Uribe, Mercado, **Folha de São Paulo**, 14/02/2020)

## POR CUJO

“Impossível que não seja extraditado”, afirmou, segundo o jornal italiano La Repubblica, Alberto Torregiani, filho do joalheiro Pierluigi Torregiani, **por cujo** assassinato<sup>2</sup> Battisti foi condenado.” (Joelmir Tavares, Poder, **Folha de São Paulo**, em 13/01/2019)

## POR CUJOS

“Agora a roda girou, e chegou a hora de começar a encontrar o desafio que Tiziano emitiu depois da conversa habitual de seus convidados sobre até onde tínhamos viajado, as maravilhas e os sofrimentos que relatamos e os governantes<sup>1</sup> mais fascinantes, ou cruéis, **por cujos** reinos<sup>2</sup> havíamos passado.” (John F. Burns, Mundo, **Folha de São Paulo**, em 18/04/2015)

## POR CUJA

“Em um bem lançado artigo, o jornalista J.R. Guzzo (Revista Oeste, 10/04/2010) afirmara que o Poder Judiciário<sup>1</sup> é cúmplice das mazelas que conhecemos e **por cuja** razão<sup>2</sup> não temos uma democracia no Brasil. Ele apenas repetiu Rui Barbosa em relação ao que igualmente criticava quanto ao papel da Justiça na República brasileira. Ora, Poder Judiciário aparelhado não é sequer um poder, menos ainda, Judiciário, pois não se decide coisa alguma quando se está privado da própria liberdade (Nicklas Luhmann).” (Frederico Vasconcelos, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 6/05/2020)

## POR CUJAS

“O PMDB não tem autoridade política nem moral para lançar “ideias” programáticas<sup>1</sup>, contrárias ao governo, **por cujas** deficiências e deformações<sup>2</sup> tem grande responsabilidade. Assim como tem responsabilidade na gestação e na progressão da crise política que alimenta a crise econômica: é o PMDB de Eduardo Cunha, pois não? É o PMDB chantagista, do ministério por apoio, dos cargos a mais por cada votação na Câmara, e das traições apesar do êxito das chantagens. É o PMDB desprovido de qualquer compromisso com o país e com a população.” (Janio de Freitas, Colunistas, **Folha de São Paulo**, 01/11/2015)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiz um breve estudo do uso dos relativos “cujo”, “do qual”, “pelo qual” e “o qual”, recorrendo a contextos em que destaquei os termos antecedente e o conseqüente do relativo, o que veio a revelar o seu emprego dentro boa norma culta. Os exemplos dados com o pronome cujo são fortes candidatos à atestação do seu uso na língua escrita ainda que, na língua falada, espontânea ou informal, praticamente ser um caso raro de emprego, especialmente no cotidiano dos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

AGOPYAN, Vahan ; KNOBEL, Marcelo; e VALENTINI, Sandro. Paulistas têm de defender as universidades estaduais. Opinião, **Folha de São Paulo**, em 17/09/2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2018/09/paulistas-tem-de-defender-as-universidades-estaduais.shtml>

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Novo coronavírus começou a circular no Brasil no início de fevereiro, diz estudo da Fiocruz. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 11/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/>

novo-coronavirus-comecou-a-circular-no-brasil-no-inicio-de-fevereiro-diz-estudo-da-fiocruz.shtml

ALONSO, Angela. Contra negros e pobres, Bolsonaro prefere imunização darwinista. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 16/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2020/05/contra-negros-e-pobres-bolsonaro-prefere-imunizacao-darwinista.shtml>

AMURIM, Maria Estela Lima da Costa. 2018. 150f. **Pronome relativo: articulação oracional e produção escrita**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Letras. Natal, RN, 2018. Disponível em [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26611/1/Pronomerelativoarticulo%20A7%20A3o\\_Amurim\\_2018.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26611/1/Pronomerelativoarticulo%20A7%20A3o_Amurim_2018.pdf)

BARSANELLI, Maria Luísa. Teatro acirrou enfrentamento com conservadores em 2019. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 24/12/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/teatro-acirrou-enfrentamento-com-conservadores-em-2019.shtml>

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISPO, Edvaldo Balduino. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. *Linguagem & Ensino*, v. 10, p. 163-186, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15654>

BISPO, Edvaldo Balduino. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. *Veredas*, nº 1, p. 222-235, 2014. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/12-Balduino-Bispo.pdf>

BISPO, Edvaldo Balduino. Relativa restritiva em perspectiva construcional. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 8, n. 6esp, p. 28-44, set. 2018. Disponível em <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1200>

BOLZANI, Isabela. Dez entidades pedem a Doria que sistema financeiro fique fora do megaferiado. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/dez-entidades-pedem-a-doria-que-sistema-financeiro-fique-fora-do-megaferiado.shtml>

BORGES, Adélia et ali. Cultura abandonada.Opinião, **Folha de São Paulo**, em 29/10/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/10/cultura-abandonada.shtml>

BURNS, John F.Na bagagem de um repórter, a repulsa à ideologia.Mundo, **Folha de São Paulo**, em 18/04/2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1617475-na-bagagem-de-um-reporter-a-repulsa-a-ideologia.shtml>

CAMILLO, Mateus.Mensagem que circula no WhatsApp ‘elucida’ confusão com datas no megaferiadão de SP.Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2020. Disponível em <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/05/19/mensagem-que-circula-no-whatsapp-elucida-confusao-com-datas-no-megaferiado-de-sp/>

CANZIAN, Fernando.Médicos da rede pública temem pressão para prescrever cloroquina. Cotidiano, **Folha de São Paulo**, em 18/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/medicos-da-rede-publica-temem-pressao-para-prescrever-cloroquina.shtml>

CARVALHO, Daniel. Poder, **Folha de São Paulo**, em 14/06/2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/pressionado-alckmin-escala-perillo-para-fazer-coordenacao-politica-de-sua-campanha.shtml>

CASTRO, Ruy. Eles, não. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 3/10/2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2018/10/eles-nao.shtml>

CHAIB, Julia e FERNANDES, Talita. Servidores entram na Justiça para não voltar ao trabalho na Esplanada dos ministérios.Mercado, **Folha de São Paulo**, em 18/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/servidores-entram-na-justica-para-nao-voltar-ao-trabalho-na-esplanada-dos-ministerios.shtml>

CHAIB, Julia e URIBE, Gustavo. Articulação falha e verborragia de Guedes ameaçam agenda econômica. Mercado, **Folha de São Paulo**, em 14/02/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/articulacao-falha-e-verborragia-de-guedes-ameacam-agenda-economica.shtml>

COELHO, Luciana e SALOMÃO, Alexa. Davos começa com Greta, Trump e preocupação com trabalho e ambiente. Mundo, **Folha de São Paulo**, em 19/02/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/01/davos-comeca-com-greta-trump-e-preocupacao-com-trabalho-e-ambiente.shtml>

COLOMBO, Sylvia e CARNEIRO, Mariana. Bolsonaro planeja trocar Argentina por Chile e preocupa país vizinho. Mundo, **Folha de São Paulo**, em 29/10/2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/bolsonaro-planeja-trocar-argentina-por-chile-e-preocupa-pais-vizinho.shtml>

CUNHA, C. **Gramática de Base**. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DELLA COLETTA, Ricardo. Pontes anuncia nova rodada de testes com remédio Annita contra coronavírus. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/pontes-anuncia-nova-rodada-de-testes-com-remedio-annita-contra-coronavirus.shtml>

FREITAS, Janio de. Na hora das provas. Colunistas, **Folha de São Paulo**, 01/11/2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefreesitas/2015/11/1701003-na-hora-das-provas.shtml>

KURY, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Renato. Justiça nega pedido para desmontar acampamento pró-Bolsonaro e proibir manifestações em Brasília. Poder, **Folha de São Paulo**, em 14/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/justica-nega-pedido-para-desmontar-acampamento-pro-bolsonaro-e-proibir-manifestacoes-em-brasilia.shtml>

**NASSIF, Luis.** A reforma da universidade. Mercado, **Folha de São Paulo**, quarta, em 22/07/1998. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi22079808.htm>

**NICOLETI, Thaís.** Cujo ou onde? Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, 1º/04/2014. Disponível em <https://thaisnicoleti.blogfolha.uol.com.br/2014/04/01/cujo-ou-onde/>

**NOGUEIRA, Marcos.** Que tal adiar a Páscoa para outubro? Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 11/04/2020. Disponível em <https://cozinhabruta.blogfolha.uol.com.br/2020/04/11/que-tal-adiar-a-pascoa-para-outubro/>

**ONOFRE, Renato; BRAGON, Ranier; e MATTOSO, Camila.** Flávio Bolsonaro repassou R\$ 500 mil do fundo público partidário a advogado investigado no caso Queiroz. Poder, **Folha de São Paulo**, em 19/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/flavio-repassou-r-500-mil-de-fundo-publico-a-advogado-investigado-no-caso-queiroz.shtml>

**RODRIGUES, Sérgio.** O homem-conto. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 14/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2020/05/o-homem-conto.shtml>

**SILVA, Rimylles Fabricio Alves da.** 2017. 142 f. **As orações relativas oblíquas no ensino fundamental: uma proposta de intervenção pedagógica.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado Profissional em Letras. Natal, RN, 2017. Disponível em [https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25728/1/RimyllesFabricioAlvesDaSilva\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25728/1/RimyllesFabricioAlvesDaSilva_DISSERT.pdf)

**TAVARES, Joelmir.** Tenho esperança de que a Bolívia abrigue Battisti, diz mãe brasileira de seu filho. Poder, **Folha de São Paulo**, em 13/01/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/tenho-esperanca-de-que-a-bolivia-abrigue-battisti-diz-mae-brasileira-de-seu-filho.shtml>

**TAVARES, Maria Hermínia.** Entre a morte e a vida. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 7/05/2020. Disponível em

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/maria-herminia-tavares/2020/05/entre-a-morte-e-a-vida.shtml>

VASCONCELOS, Frederico. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 6/05/2020. 'A sociedade não conhece as tragédias intestinas no meio judicial', diz juiz. Disponível em <https://blogdofred.blogfolha.uol.com.br/2020/05/06/a-sociedade-nao-conhece-as-tragedias-intestinas-no-meio-judicial-diz-juiz/>

VIANA, Marcelo. Vítima da Covid-19, Conway ajudou na popularização da matemática. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 15/04/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2020/04/morre-john-conway-matematico-inventor-do-jogo-da-vida.shtml>

WATSON, Richard. O desconhecido grupo extremista considerado o mais perigoso do Reino Unido. Mundo, **Folha de S.Paulo**, em 19/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/07/1899765-o-desconhecido-grupo-extremista-considerado-o-mais-perigoso-do-reino-unido.shtml>

ZAREMBA, Júlia. Juíza diz que feminismo colaborou para degradação da sociedade em decisão que absolve médico. Cotidiano, **Folha de São Paulo**, em 7/11/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/juiza-diz-que-feminismo-colaborou-para-degradacao-da-sociedade-em-decisao-que-absolve-medico.shtml>



## OS “COPROLOGISMOS” DA REUNIÃO MINISTERIAL: “PORRA” E SEUS CORRELATOS<sup>30</sup>

“Em vez de juntos buscarem soluções, a “cúpula ministerial” e o presidente se reúnem para trocar palavões e baixarias, num cenário de total desrespeito a este momento triste pelo qual passa o Brasil. Mas, “enquanto os homens exercem seus podres poderes”, moradores de Paraisópolis dão um banho de civilidade e se unem em ações solidárias, já que não há políticas públicas voltadas para as favelas.” (Carmen Lúcia Gomes, São Paulo, SP), leitora de **Folha de São Paulo**, em 25/05/2020)

Neste texto, trouxe à discussão os seguintes tópicos: Contexto da Reunião Ministerial do dia 22/04/2020; As acepções de “porra” em Houaiss (2020); A etimologia de “porra”; Puxa, eufemismo por puta; Porr-, elemento de composição; pô, apócope de porra; Exemplário de “esporro” na reunião ministerial; Exemplário de “porra” na reunião ministerial; Exemplário de “porrada” na reunião ministerial; e exemplário de “poxa” na reunião ministerial. Fazemos o levantamento de porra e outros termos correlatos em diversas matérias na *Reunião Ministerial*. Procuramos responder a esta pergunta: a que e a quem servem os coprologismos no Governo Bolsonaro? O exemplário do palavreado com “porra” e seus correlatos foi extraído do vídeo da Reunião Ministerial e cremos que os coprologismos ali expressos e registrados em vídeo respondem a essa questão de forma contundente, contumaz e convincente.

### CONTEXTO DA REUNIAO MINISTERIAL DE 22/04/2020

A reunião ministerial teve quase duas horas de duração e ocorreu em 22 de abril de 2020 no Palácio do Planalto. O encontro

---

<sup>30</sup> Aqui, linguisticamente, diz-se termo cujo significado tem relação com o de outro termo (Houaiss, 2020).

do presidente com ministros é apontado pelo ex-ministro da Justiça e Segurança Pública Sergio Moro como prova de que Bolsonaro tentou interferir na PF.

Vejam, abaixo, alguns dos principais pontos do vídeo da reunião ministerial: i) Falta de informações e intervenção na PF; ii) Xingamentos aos governadores Doria e Witzel; iii) Família e troca de cargos; iv) Exames da Covid-19 e impeachment; v) Prisão de ministros do STF; vi) Prisão de prefeitos e governadores; vii) Mudança de regras ambientais; viii) Relação entre Brasil e China; XIX) Privatização do Banco do Brasil; x) 'Medo' do novo coronavírus. Além do ex-ministro da Justiça e Segurança Pública da Justiça Moro e Bolsonaro, 23 autoridades participaram da reunião realizada no Palácio do Planalto. O exemplário de coprologismos, a seguir, deve ser situado em um dos pontos acima para a satisfatória compreensão no contexto da reunião.

Para coleta de coprologismos<sup>31</sup>, considerei o arquivo, em PDF, divulgado pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello, contendo de gravação de do vídeo da reunião do presidente Jair Bolsonaro toda a reunião, em um arquivo com 75 páginas, nomeado eletronicamente como “LAUDO N12 1242/2020 - fNC/DITEC/PF, de ampla divulgação pública nos jornais de grande circulação no país.

## AS ACEPÇÕES DE PORRA EM HOUAISS (2020)

Datado de 1209, “porra” tem cinco acepções registradas em Houaiss (2020), a saber: i) clava<sup>32</sup> com ponta redonda e reforço de ferro (arma antiga); ii) pedaço de pau; porrete, cacete; iii) No

---

<sup>31</sup> Termo criado a partir de coprologia, que vem do grego *r. κόπρος kópros* “excremento” e do grego *λογικός logikós*.

<sup>32</sup> Interessante saber que clava é arma que consiste num pedaço de pau grosso, mais volumoso numa das extremidades, e que se usava para ataque e defesa; maça, moca”, daí a “ clava de *Hércules*” e no Çambito da etnografia regional brasileira “arma contundente para combate próximo e uso cerimonial entre os indígenas”, tmbém chamada de tacape.

período de (1671-1696), por metonímia, com valor tabuístico, refere-se ao “pênis”; iv) por metonímia, com valor também tabuístico, sentido de “esperma”; e v) com sentido tabuístico, “ algo muito ruim; porcaria, merda”.

Além de substantivo com estas cinco acepções acima, “porra” também é uma palavra empregada com valor de interjeição. Neste caso, informalmente e com valor tabuístico, empregado em expressão de surpresa ou espanto como em

“A gente é Deus, **porra!** O ser humano é Deus. Todos são artistas. Mas isso não é um estado constante. Acontece num desvio que o taxista deu para não matar um pedestre. Ele foi Deus naquele momento. Posso ter sido numa vírgula em 50 anos de profissão. Não foi o constante das interpretações.” (Mônica Bergamo, Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 9/9/2018)

“Porra” também, em certos casos, pode expressar uma reação de dor ou aborrecimento como em

“Quando eu estava fazendo o livro 'Pavões Misteriosos', lembrei que o Moacyr Franco tinha uma música sobre a rádio AM, um tributo que lançou para ironizar o surgimento da FM. Mas não tinha certeza e não conseguia achar a informação. Perguntei pro Paulo, que falou 'lembro sim, vou ver aqui e te mando'. Dias depois, chegou na minha casa um DVD com o registro de um programa de TV de 1990 com o Moacyr cantando a música. **Porra**, quem é que tem isso? E quem passaria o VHS para DVD só para eu poder assistir?” (Rafael Gregorio, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 26/02/2019)

## A ETIMOLOGIA DE “PORRA”

Provavelmente, a palavra “porra” vem de “porro”, vegetal de talo largo e com bulbo num dos extremos, sugerindo a comparação com um bastão de cabo grosso. Joan Corominas, em seu *“Breve diccionario etimológico de la lengua castellana”* (1967), comenta que um

latim \*porrĕa<sup>33</sup>, '(maça) semelhante a um porro (alho)', derivado do latim *pōrrum* ou *porrus*,i, no sentido de 'porro (alho)', poderia explicar o vocábulo português.

“Porra”, no Brasil, é tipicamente usada em linguagem informal em dois casos:

- a) no final de uma frase como *recurso enfático*, para dar mais força ao enunciado, como em:

“O Felipe Neto fez aquela ação de comprar todos os livros e distribuí-los. **Você chegou a elogiar inclusive**. Não só elogiei, senti uma certa inveja positiva. Disse: “**Porra**, o cara teve essa ideia e eu não tive, porra, eu queria ter tido essa ideia”. Mas aí ele começou a ser ameaçado e eu resolvi me posicionar para que a pessoa seja defendida. Na época da repressão, digo no governo militar, quando as pessoas eram presas, elas eram agarradas na rua, sei lá, em qualquer lugar, e elas tinham que gritar o nome para que todo mundo soubesse que a pessoa estava sendo presa. Porque uma vez que as pessoas sabem, isso já é um escudo de proteção. A mesma coisa valia para o Felipe Neto. Não vamos deixar que as coisas sejam assim, não. Além do mais, o Twitter é uma falsa caixa de repercussão porque existem as milícias virtuais e você nunca sabe o que é real. Eu posto uma coisa e eu não leio comentário porque a maioria é robô.” (Ricardo Senra e Elisa Kriezis, Ilustrada, **Folha de São Paulo**, 25/09/2019)

- b) como *marcador frasal*, colocado no final de certas unidades, como orações, frases, períodos, sem finalidade de ênfase, como em:

“Mesmo assim, Bolsonaro já afirmou que não abre mão da medida. “Quem quer tomar que não tome, mas não enche o saco de quem quer tomar, **porra**”, disse o presidente, na sexta-feira (22). Costa criticou o posicionamento de Bolsonaro. “O presidente da República não é cientista, não é médico, e não deveria caber a ele tomar essa decisão”,

---

<sup>33</sup> Este asterisco aqui é usado diante de um vocábulo não atestado ou de uma raiz ou forma hipotética, reconstituída pelo método histórico-comparativo.

disse o senador.” (Iara Lemos, Equilíbrio e Saúde, Folha de São Paulo, em 24/05/2020)

“Se você não sabe, você não sabe. Você usa o seu não saber como prova de que o Adélio agiu sozinho, isto é uma vigarice. Ô mulher, para com isso, **porra**. Adélio agiu sozinho, a prova é que não temos prova.” (Mariana Sanches, Poder, **Folha de São Paulo**, 22/05/2020)

### “PUXA”, EUFEMISMO POR “PUTA”

“Puxa”, com valor interjecional de “porra”, ao longo da reunião ministerial, é empregado com forte apelo eufemístico. Datado de 1911, o termo “puxa”, como assinala Houaiss (2020), traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência.

“Puxa” pode ser considerada também como forma eufemística do substantivo puta, tomada de empréstimo ao espanhol “pucha”, datado de 1500, como “eufemismo por puta”, como assinala Houaiss (2020), com grande curso na Argentina e em outras partes da América Latina.

A propósito de “pucha”, o dicionário de *Real Academia Española*, disponibilizado em <https://dle.rae.es/pucha>, remete o consulente à forma de “puta”, usado com valor de interjeição “para expressar surpresa, disgusto, etc.”. No REA, o termo “puta” etimologicamente vem, talvez, do latim vulgar \**puttus*, já, variante do latim “*putus*”, com sentido de “niño”, ou seja, criança.

Raul Pederneiras, em seu “Geringonça carioca: verbêtes para um dicionário da gíria”, publicado em 1922, registra que a palavra “puxa” deve ter entrado pelo Sul, pois era muito comum na fronteira. Por fim, segundo Houaiss (2020), “Antenor Nascentes e Cândido Jucá pugnaram pela correção da grafia de puxa para pucha, mais consentânea com o étimo, mas sem tradição de uso que não a averbação lexicográfica em Nascentes”.

## PORR-, ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO

O antepositivo *porr-* vem do latim “*pörru(m)* (ou *porrus* e no plural *porri*)”, com sentido de “alho-porro”, “palmatória para castigar, férula”, que, na acepção de “planta hortense”, repercute nas línguas românicas, como no italiano “porro”, provençal “porre”, já devidamente datados ou atestados, a exemplo do português “porro” (sXIV), espanhol “puerro” (sXIII), francês antigo “poirel” (sXI). Apesar de óbices etimológicos, metaplasmos ou alterações fonéticas, a forma “porra” em diferentes línguas românicas é tida como cognata, pela forma de bastão com cabo grosso (assemelhada ao porro/puerro).

No século XVII (mas, como palavra-tabu, possivelmente antes), num segundo nível metafórico, passa a também ‘pênis’, donde a seguir a palavra ‘esperma’, com palavras derivadas aparentemente mais produtiva no Brasil, todas, vale dizer, da área chula.

Com essa motivação semântica inicial de “base de ‘bastão e seu golpe” e também na “na base chula”, conexo com “pênis”, temos, em língua portuguesa, além de “esperma”, há correlatos como esporra, esporrada, esporradela, esporrar, esporrento, esporrinhote, esporriote, esporro. Assim, podemos registrar, também relacionados com essa base chula, além de pô, porra, porrada, as palavras porradaria, porradeira, porradeiro, porreiro, porreta, porretada, porrete, porretear, porreteiro, porretinha, porretinho, porrete e porrinha.

Interessante assinalar que Houaiss (2020) nos remete à acepção de porra como “embriaguez’ e ‘folgança, folia, orgia’, segundo Corominas, relacionadas ao espanhol “*porrón*” (1607)”, ou seja, “pote ou vasilha de barro, com um gargalo comprido, usada em geral para beber vinho.” Daí, expressões como porrado, porralouca, porra-louquice, porra-louquismo, porrão, porre, pórrio, porrista.

## PÔ, APÓCOPE DE PORRA

O que nos chamou muita a atenção durante a reunião ministerial foi o recorrente termo “pô”, especialmente no discurso do presidente Jair Bolsonaro. Datado de 1840, o termo “pô” é uma interjeição, com acepção tabuística que “exprime espanto, aborrecimento, desagrado, enfado, dor”. Trata-se de uma forma apocopada de porra.

Vejamos alguns exemplos:

“O Iphan para qualquer obra do Brasil, como para a do Luciano Hang. Enquanto tá lá um cocô petrificado de índio, para a obra, pô! Para a obra. O que que tem que fazer? Alguém do Iphan que resolva o assunto, né? É assim que nós temos que proceder”, disse o presidente.” (Painel, **Folha de São Paulo**, em 26/05/2020)

“A pessoa tem que entender. Se não quer entender, paciência, pô! E eu tenho o poder e vou interferir em todos os ministérios, sem exceção.” (Danielle Brant, Poder, **Folha de São Paulo**, em 24/05/2020)

## ESPORRO NA REUNIÃO MINISTERIAL

Durante a reunião ministerial, houve apenas um registro de “esporro”, considerado aqui neste texto, um correlato de porra, proferido pelo vice-presidente Hamilton Mourão, em tom de “gozação”. Eis o contexto:

“Bota ordem nesse troço aí, dá logo um esporro ...” (Hamilton Mourão, **Arquivo 00000.MTS, 00:00.033 (1)**, p.7)

## EXEMPLÁRIO DE “PÔ” NA REUNIÃO MINISTERIAL

Ao longo da reunião ministerial, *pô*, apócope<sup>34</sup> de “**porra**”, forma proferida vez por vez pelo ministro da Educação Abraham Weintraub

---

<sup>34</sup> Mudança fonética que consiste na supressão de um ou vários fonemas no final de uma palavra (Houaiss, 2020).

(p.54); uma vez pelo vice-presidente Hamilton Mourão (p.29); uma vez pelo atual presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães (p.37); e vez pelo Ministro-chefe da Casa Civil *Braga Netto* (p.8); duas vezes pelo ministro da Economia Paulo Guedes (páginas 64 e 65); surpreendentemente, 17 vezes “pô” é proferido pelo presidente Jair Bolsonaro (páginas 8, 15, 17, 24, .25, 26, 17, 28, 56, 58 e 70).

a) “Ele quer cobrar os raios do ... programa aí, **pô** .. .” (**Hamilton Mourão**, Arquivo 00003.MTS, 08:00.429 (14395), p.29)

b) “Ele tá querendo transformar a gente numa colônia. Esse país não é ... odeio o termo "povos indígenas", odeio esse termo. Odeio. O "povo cigano". Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré. É povo brasileiro, só tem um povo. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio, mas tem que ser brasileiro, **pô!** Acabar com esse negócio de povos e privilégios. Só pode ter um povo, não pode ter ministro que acha que é melhor do que o povo. Do que o cidadão. Isso é um absurdo, a gente chegou até aqui. O senhor levou uma facada na barriga. Fez mais do que eu, levou uma facada. Mas eu também tô levando bordoadas e tô correndo risco. E fico escutando esse monte de gente defendendo privilégio, teta. Tendeu? É isso. Negócio. Empréstimos. A gente veio aqui pra acabar com tudo isso, não pra manter essa estrutura. E esse é o meu sentimento extremamente chateado que eu tô vendo essa oportunidade se perder.” (**Abraham Weintraub**, Arquivo 00007.MTS, 03:53.316 (6989), p.54)

c) “Desculpa o meu ponto, presidente, quando o senhor falou, **pô**, o ...eu vo ... eu vou me emocionar. O Luiz Lima, que nadou com meu pai, foi atleta olímpico, teve a esposa e a filha de catorze anos presa ontem, no camburão. Que **porra** é essa? Desculpa .. .” (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00004.MTS, 10:00.132 (17982), p.37)

d) “Passou tudo acabou, acabou, então vamos acabar. Você tá no fim, tá errado cara! **Pô**. Passa a primeira. Muito bem! Os senhores podem observar o seguinte, é ... eu conversei com o presidente. O

problema, nó ... nós távamos invertendo a ... a questão duma lógica de raciocínio. Nós temos um problema, né? Nós temos desse problema, temos que ver quais são as consequências negativas desse problema? Todo mundo sabia, sanitárias e econômicas. Ninguém tem dúvida, com reflexo em todos os ministérios. Mas o foco não é em ... na solução do problema. O foco, hoje, de uma maneira geral, é quem é o culpado, né? E nós queremos real. .. recolocar, é ... é ...rem ... vamos dizer assim, readequar isso aí para como o governo deve reagir a este problema para achar uma solução para os dois, as duas consequências negativas que ocorrem. **Braga Netto**, Arquivo 00000.MTS, 02:00.019 (3597, p.8)

e) “Faz ginástica, canta o hino, bate continência. De tarde, aprende, aprende a ser um cidadão, pô! Aprende a ser um cidadão. Disciplina, usar o ... usar o tempo construtivamente, **pô!** É ... voluntário pra fazer estrada, pra fazer isso, fazer aquilo. Sabe quanto custa isso? É duzentos reais por mês, um milhão de cá, duzentos milhões, pô! Joga dez meses aí, dois bi. Isso é nada! Então, nós vamos pegar na reconstrução, nós vamos pegar um bilhão, dois bilhões e contrata um milhão de jovens aqui. A Alemanha fez isso na reconstrução. Aí você também quer fazer estrada? Precisa de três, quatro bilhões a mais. Tem um orçamento de oito. Toma aqui seus quatro bilhões. Isso não faz falta. Isso não faz falta. Não é isso o problema. A mesma coisa o nosso ... o problema do jogo lá na ... lá na ... nos recursos integrados. (**Paulo Guedes**. Arquivo 00008.MTS, 10:13.079 (18370), p.64)

f) “... atrapalha ninguém. Aquilo não atrapalha ninguém. Deixa cada um se foder. Ô Damares. Damares. Damares. Deixa cada um ... Damares. Damares. O presidente, o presidente fala em liberdade. Deixa cada um se foder do jeito que quiser. Principalmente se o cara é maior, vacinado e bilionário. Deixa o cara se foder, pô! Não tem ... lá não entra nenhum, lá não entra nenhum brasileiroinho.” (**Paulo Guedes**, Arquivo 00009.MTS, 00:00.133 (1), P.65)

g) “Tá? Não sei, tá? Ou eu pago uma missão. Se a missão for absurda, o ministro fala “ó, tchau, tô fora”, tá certo? Ou vai e fica puto, mas vai, **pô!** E jamais eu vou pagar uma missão escrota pra quem quer que seja, nem no quartel eu fazia isso com recruta, nem no quartel, tá

certo? Quem dirá o nosso convívio aqui que é muito bom, é ... partir pra essa linha.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS, 05:00.616 (9006), p.28)

h) “E nós sabemos, tá certo? Que nós temos um compromisso com a verdade. Eu jamais mentiria se não tivesse realmente um exame negativo. Jamais eu ia mentir a negativa deu positivo, ou vice-versa. Jamais. A verdade acima de tudo. Então é um apelo que eu faço a todos, que se preocupem com política, pra não ser surpreendido. Eu não vou esperar o barco começar a afundar pra tirar água. Estou tirando água, e vou continuar tirando água de todos os ministérios no tocante a isso. A pessoa tem que entender. Se não quer entender, paciência, pô! E eu tenho o poder e vou interferir em todos os ministérios, sem exceção. Nos bancos eu falo com o Paulo Guedes, se tiver que interferir. Nunca tive problema com ele, zero problema com Paulo Guedes. Agora os demais, vou! Eu não posso ser surpreendido com notícias. **Pô**, eu tenho a PF que não me dá informações.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00002.MTS, 11 :00.476 (19791), p.25)

i) “Tem que falar, **pô**! Vai ficar quieto até quando? Ou eu tenho que continuar me expondo? Tem que falar, botar pra fora, esculachar! Não pode botar algema! Decisão do próprio Supremo. E vamos ficar quieto até quando? Fica humilhando nosso povo, por quê? Isso tá crescendo. Pessoal fica apontando pra mim, "votou em você pra você fazer alguma coisa!", "votou em você pra você tomar decisões, pra você brigar! ". E é verdade. Eu tô me lixando com a reeleição. Eu quero mais que alguém seja re ... seja eleito, se eu vier candidato, tá? Pra eu ter. .. eu quero ter paz no Brasil, mais nada. Porque se for a esquerda, eu e uma **porrada** de vocês aqui tem que sair do Brasil, porque vão ser presos. E eu tenho certeza que vão me condenar por homofobia, oito anos por homofobia. Daí inventam um racismo, como inventaram agora pro Weintraub. Desculpa, desculpa o ... o desabafo: puta que o pariu! O Weintraub pode ter falado a maior merda do mundo, mas racista? Vamos ter que reagir pessoal, é outra briga.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS,04:00.223 (7196), p.27)

j) “Tem que falar, não é ficar quieto. E quem de direito aqui, e todos os ministros tem que falar isso aí, não é só a Justiça. Todos tem que

falar. Não é ficar, deixa o bo ... toca o barco não e .. .. e vamos em frente. Tá? Então é isso que eu apelo a vocês, **pô**. Essa preocupação. Acordem para a política e se exponham, afinal de contas o governo é um só. E se eu cair, cai todo mundo. Agora vamo ca ... se tiver que cair um dia, vamos cair lutando, uma bandeira justa. Não por uma babaquice de ... de ... de exame a .. . antivírus, **pô**. Pelo amor de Deus, **pô**. Tá? Eu até ... deixar bem claro, de uns oi to ano pra cá, quando pedia farmácia de manipulação um remédio qualquer, eu falava com o médico: "bota um nome de fantasia", porque se for o meu nome pra lá, como era, sempre fui um cara manjado, não é, tem três quatro que vão manipular lá o medicamento, podem me envenenar, **pô**! E assim é a mesma coisa a questão do vírus, entre outros. De acordo com interesse, o cara dá negativo ou dá positivo. Depois que deu, vai pra contraprova mas dá problema." (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS, 10:00.116 (17982), p.24)

k) "Vai deixar alguns maluco aí, que eles sabem quem são, ficar aí naquela fervura de "Ó, o Presidente é irresponsável, ele é maluco, ele é genocida". Não é assim. Não va ... o que vale prum lado, vale pro outro, o que não vale prum lado, não vale pro outro. Essa é a nossa preocupação que devemos ter. Com isso que tá aqui, o Pró-Brasil, mas também com a questão política. Se nós começarmos a falar com propriedade, e tem gen ... muita gente que fala muito melhor do que eu, e tem um conhecimento muito melhor do que eu, tem que fa lar, **pô**! Discretamente mas tem que falar, pra não deixar subir a temperatura, porque é só **porrada** o tempo todo em cima de mim. E vou continuar indo em qualquer lugar do Brasil e ponto final, é problema meu. Tá certo? Se eu não tiver esse direito de ir e vir. Prefeitinho lá do fim do mundo, um jaguapoca dum prefeito manda prender. Tem que a Justiça se posicionar. .. se posicionar sobre isso, **porra**! Tem que se posicionar sobre isso, abertamente! Não admitimos prisão por parte de prefeitos, e o decreto! (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS, 09:00.456 (16194), p.24)

l) “Eu tenho as ... as inteligências das Forças Armadas que não tenho informações. ABIN tem os seus problemas, tenho algumas informações. Só não tenho mais porque tá faltando, realmente, temos problemas, **pô!** Aparelhamento etc. Mas a gente num pode viver sem informação. Sem info ... co ... quem é que nunca ficou atrás do ... da porta ouvindo o que seu filho ou sua filha tá ... tá comentando. Tem que ver pra depois que e ... depois que ela engravida, não adianta falar com ela mais. Tem que ver antes ... depois que o moleque encheu os cornos de ... de droga, já não adianta mais falar com ele, já era. E informação é assim. Eu tava vendo, estudando em fim de semana aqui como é que o serviço chinês, \secreto, trabalha nos Estados Unidos. uai a preocupação nossa aqui? – ( ) . E simples o negócio. "A, não deve( )ublicamente". Devo falar como? Tá todo mundo vendo o ue tá acontecendo. ( ) Tudo bem.( ) tu não tira.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS, 00:00.133 (1), p.25)

m) “É uma realidade. Não adianta esconder mais, tapar o sol com a peneira, né? Tem, não é ... em vá ... em alguns ministérios tem gente deles~aqui dentro, né? Então não queremos brigar com \_ , zero briga com a --- Precisamos deles pra vender? Sim. Eles precisam também de nós. Porque se não precisassem não estariam comprando a soja da gente não. Precisam. E é um negócio, pô. E devemos aliar com quem tem umas ... alguma afinidade conosco. Pra gente poder faz ... fazer valer a nossa vontade naquele momento. Não adianta se esconder aqui, depois tem um problema, daí liga pro tio, "O tio". Vou falar "**Pô** cara, você me ignorou até hoje!". Você só não me chamou de imperialista, igual a esquerdalha e o FHC falavam no passado, no resto ... agora não dá mais. Então essa é a preocupação que temos que ter. A questão estratégica, que não estamos tendo. E me desculpe, o serviço de informações nosso, todos, é uma ... são uma vergonha, uma vergonha! Que eu não sou informado!” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS, 01:00.410 (1807), p.26)

n) “E não dá pra trabalhar assim. Fica difícil. Por isso, vou interferir! E ponto final, **pô!** Não é ameaça, não é uma ... urna extrapolação da minha parte. É uma verdade. Como eu falei, né? Dei os ministérios pros senhores. O poder de veto. Mudou agora. Tem que mudar, **pô**. E eu quero, é realmente, é governar o Brasil. Não, é o problema de

todos aqui, como disse o Marinho, né? É o mesmo barquinho, é o mesmo barco. Se alguém cavar o fu ... cavar no porão aqui, vai, vai todo mundo pro saco aqui, vai todo mundo morrer afogado. Então ess ... isso que a gente precisa, é pensar além do que tem que fazer internamente aqui. Quando explodiu o INMETRO, conversei com o Paulo Guedes. Uma, desculpe o linguajar, uma putaria! Putaria o INMETRO! Trocar tacógrafo, trocar taxímetro, botar chip na bomba de combustível, putaria! Igualzinho a tomada de três pinos. Tá muito bem agora lá. A imprensa enfiou a **porrada**. "A, botou um coronel" . Coronel é formado pelo IME. Num ia botar um coronel sem u ... sem uma formação, tá? (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00003.MTS, 02:00.804 (3617), p.26)

o) "E não dá pra trabalhar assim. Fica difícil. Por isso, vou interferir! E ponto final, **pô!** Não é ameaça, não é uma ... urna extrapolação da minha parte. É uma verdade. Como eu falei, né? Dei os ministérios pros senhores. O poder de veto. Mudou agora. Tem que mudar, **pô**. E eu quero, é realmente, é governar o Brasil. Não, é o problema de todos aqui, como disse o Marinho, né? É o mesmo barquinho, é o mesmo barco. Se alguém cavar o fu ... cavar no porão aqui, vai, vai todo mundo pro saco aqui, vai todo mundo morrer afogado. Então ess ... isso que a gente precisa, é pensar além do que tem que fazer internamente aqui. Quando explodiu o INMETRO, conversei com o Paulo Guedes. Uma, desculpe o linguajar, uma putaria! Putaria o INMETRO! Trocar tacógrafo, trocar taxímetro, botar chip na bomba de combustível, putaria! Igualzinho a tomada de três pinos. Tá muito bem agora lá. A imprensa enfiou a **porrada**. "A, botou um coronel" . Coronel é formado pelo IME. Num ia botar um coronel sem u ... sem uma formação, tá? (**Jair Bolsonaro**, 00003.MTS, 01,02:00.804 (3617), p. 26)

p) "Tem que falar, **pô!** Vai ficar quieto até quando? Ou eu tenho que continuar me expondo? Tem que falar, botar pra fora, esculachar! Não pode botar algema! Decisão do próprio Supremo. E vamos ficar quieto até quando? Fica humilhando nosso povo, por quê? Isso tá crescendo. Pessoal fica apontando pra mim, "votou em você pra você fazer alguma coisa!", "votou em você pra você tomar decisões, pra você brigar! ". E é verdade. Eu tô me lixando com a reeleição. Eu

quero mais que alguém seja re ... seja eleito, se eu vier candidato, tá? Pra eu ter. .. eu quero ter paz no Brasil, mais nada. Porque se for a esquerda, eu e uma **porrada** de vocês aqui tem que sair do Brasil, porque vão ser presos. E eu tenho certeza que vão me condenar por homofobia, oito anos por homofobia. Daí inventam um racismo, como inventaram agora pro Weintraub. Desculpa, desculpa o ... o desabafo: puta que o pariu! O Weintraub pode ter falado a maior merda do mundo, mas racista? Vamos ter que reagir pessoal, é outra briga.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS,04:00.223 (7196), p. 27)

q) “E assim nós devemos agir. Como tava discutindo agora. O IPHAN, não é? Tá la vinculado a Cultura. Eu fiz a cagada em escolher, nu ... não escolher uma..., 'uma pessoa que tivesse o . .. também um outro perfil. E uma excelente pessoa que tá lá,tá? Mas tinha que ter um outro perfil também. O IPHAN para qualquer obra do Brasil, como para a do Luciano Hang. Enquanto tá lá um cocô petrificado de índio, para a obra, **pô!** Para a obra. O que que tem que fazer? Alguém do IPHAN que resolva o assunto, né? E assim nós temos que proceder. E assim, cada órgão, como eu falei da Teresa Cristina, que mudou uma Instrução Normativa, revogou uma Instrução Normativa, ajudou quatrocentos mil pessoas no Vale do Ribeira - parabéns a ela - assim são outras decisões. A questão de armamento, né? As questões de ... mas por quê? Espera aí! Ministro da Justi ... senhor ministro da Justiça, por favor. Foi decidido a pouco tempo que não podia botar algema em quase ninguém. Por que tão botando algema, em cidadão que tá trabalhando, ou mulher que tá em praça pública, e a Justiça não fala nada? (Jair Bolsonaro, Arquivo 00003.MTS, 03:00.496 (5406), p.27)

r) “ Acho que não ... eu não lembro do teus pais, lembro de você, **pô!** Tá certo? Mas é alguém que tá investindo aqui. E todos nós temos que pensar nisso. (Som de telefone tocando(Jair Bolsonaro, Arquivo 00007.MTS, 09:27.783 (17013), p.56)

s) “ É convite, não é ... não é missão não. Convite. Pra ver como é que tá o cara na ... na ... na esquina. Pra vir uns merda pra falar aí, né? Uns merda de sempre. "A, o cara rompeu o isolamento. Tá dando um péssimo exemplo.". Tá ... péssimo exemplo é o cacete, **pô!** Pior é tá passando fome! Tá na merda, **porra!** Sentir o cheiro de povo, como

eu falei, lá. É uma experiência pra todo político sentir! Ir lá ver como é que tá o negócio. Ou a gente tem que tá, como se fosse, né, ô? Um general na ... na retaguarda e deixar a tropa se ferrar na frente. Não! O general tá, tá na frente, o coronel tá na frente, o capitão tá na frente. Nossos heróis da segunda guerra mundial tiveram na frente de campo de batalha. Se precisar que, tenho certeza, nossas forças armadas vão cumprir com seu papel, mas, né? Nós temos que dar exemplo e mostrar que o Brasil não é - eu sou mais educado que o Weintraub, até me poli muito, né? No linguajar que ele usou - mas não é isso que o pessoal pinta por aí. Se reunindo de madrugada, pra lá, pra cá. Sistemas de informações: o meu funciona.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00007.MTS, 06:54.464 (12418), p.56)

t) “ É. Quem não aceitar a minha, as minhas bandeiras, Damares: família, Deus, Brasil, armamento, liberdade de expressão, livre mercado. Quem não aceitar isso, está no governo errado. Esperem pra vinte e dois, né? O seu Álvaro Dias. Espere o Alck.min. Espere o Haddad. Ou talvez o Lula, né? E vai ser feliz com eles, **pô!** No meu governo tá errado! É escancarar a questão do armamento aqui. Eu quero todo mundo armado! Que povo armado jamais será escravizado. E que cada um faça, exerça o teu papel. Se exponha. Aqui eu já falei: perde o ministério quem for elogiado pela folha ou pelo globo! Pelo antagonista! Né? Então tem certos blogs aí que só tem notícia boa de ministro. Eu não sei como! O presidente ...” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00007.MTS, 10:49.465 (19461), p.58)

u) “Vamos dispensar o Rubem da próxima reunião aí, **pô!**” (Jair Bolsonaro, 04:07.664 (7419), P. 70)

v) “ Capitão, **pô!** (Jair Bolsonaro, 03:00.313 (5404), p.8)

w) “**Pô**, ele veio dos Estados Unidos pra cá, podia tá muito bem lá. Veio pra cá pra tentar mudar o Brasil a convite do Paulo Guedes, que é amigo dos pais deles. Por coincidência, não é Paulo Guedes? (Jair Bolsonaro, Arquivo 00007.MTS, 09:27.783 (17013), p.56)

## EXEMPLÁRIO DE “PORRA” NA REUNIÃO MINISTERIAL

Uma vez proferido pelo ministro da Economia Paulo Guedes (p.70). Três vezes proferidos pelo atual presidente da Caixa Econômica Federal **Pedro Guimarães** (p. 37 e 38); e Cinco vezes proferido pelo presidente Jair Bolsonaro (p.23, 56 e 58)

a) “Ai a gente faz o maior programa da história da humanidade de inclusão de pessoas que recebiam vinte e cinco por cento ao mês, cobravam, PSDB, PT, PMDB, aquela ... aquele grupo todo. Na hora de privatizar, todo mundo, **porra** .. .com duzentos milhões, trezentos milhões, **pô**. Tem vice-presidente da CAIXA que eu expulsei, dos cento e vinte, cento e cinco eu tirei. E se o senhor precisar, obviamente o meu chefe é o ministro Paulo Guedes, ele decide. Não tem problema. Inclusive, porque o que acontece é o seguinte, se roubar eu vou ligar pro ministro Moro pra prender. Agora se precisar de uma diretoria num sei o que, desde que sejam honestos, o ministro Paulo Guedes é que decide etc. Mas dos cento e vinte eu tirei cento e cinco. E na CAIXA não tem desonestidade, até onde eu saiba. Mas, assim, eu acho que a gente tá levando muita **porrada**, presidente, e ... de novo, eu não to dizendo de ninguém daqui não ... (**Pedro Guimarães**, 11 :00.493 (19791), Arquivo 00004.MTS, p.38)

b) “Desculpa o meu ponto, presidente, quando o senhor falou, **pô**, o ...eu vo ... eu vou me emocionar. O Luiz Lima, que nadou com meu pai, foi atleta olímpico, teve a esposa e a filha de catorze anos presa ontem, no camburão. Que **porra** é essa? Desculpa .. .” (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00004.MTS, 10:00.132 (17982), p.37)

c) “Que **porra** é essa? O cara vai pro camburão com a filha. Se fosse eu, ia pegar minhas quinze armas e .. . ia dar uma ... eu ia se ... eu ia morrer. Porque se a minha filha fosse pro camburão, eu ia matar ou morrer. Que isso? Tava nadando na ... na ... é uma atleta olímpica. Você tira a pessoa, a pessoa tá nadando com catorze anos. Eu tenho uma filha Maria de catorze anos. Se a minha filha fosse pro camburão ou eu matava ou morria. Que isso? (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00004.MTS,10:00.132 (17982), P.37)

d) “ Desculpa o meu ponto, presidente, quando o senhor falou, **pô**, o ...eu vo ... eu vou me emocionar. O Luiz Lima, que nadou com meu pai, foi atleta olímpico, teve a esposa e a filha de catorze anos presa ontem, no camburão. Que **porra** é essa? Desculpa .. .” (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00004.MTS, 10:00.132 (17982), p.37)

e) “É um caso pronto e a gente não tá dando esse passo. Senhor já notou que o BNDE e o ... e o ... e a Caixa que são nossos, públicos, a gente faz o que a gente quer. Banco do Brasil a gente não consegue fazer nada e tem um liberal lá. Então tem que vender essa **porra** logo.” (**Paulo Guedes**, 04:07.664 (7419), P. 70)

f) “E havendo necessidade, qualquer dos poderes, pode, né? Pedir as forças armadas que intervenham pra reestabelecer a ordem no Brasil, naquele local sem problema nenhum. Agora todos, né? Tem que se preocupar com a questão política, e a quem de direito, tira a cabeça da toca, **porra!** Não é só ficar dentro da toca o tempo todo não! “Tô bem, eu tô cuidando da minha imagem, a imagem tá aqui, eu sou bonitinho, e o resto que se exploda” . Não! Tem que fazer a sua parte. Então é isso que eu tento, ten ... te ... tenho falar com vocês, porque depois de wn certo momento, onde chegar a ... na ... na ... a cabeça dessas pessoas, fica difícil voltar atrás. Daí querem uma crise, é urna crise. Não tenho amor por essa ... por essa ... por esse mandato a ... pe ... pe ... pela cadeira de Presidente. Ne ... ne ... zero, zero! Não vou provocar ninguém. E assim corno a defesa faz urna nota muito boa dizendo que vai cumprir a constituição, liberdade, e co ... dez! E não aceita golpe, dez! Também não aceita um contragolpe dos caras, **porra!**” (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS08:00.129 (14386), p.23)

g) “O meu particular funciona. Os ofi... que tem oficialmente, desinforma. E voltando ao ... ao tema: prefiro não ter informação do que ser desinformado por sistema de informações que eu tenho. Então, pessoal, muitos vão poder sair do Brasil, mas não quero sair e ver a minha a irmã de Eldorado, outra de Cajati, o coitado do meu irmão capitão do Exército de ... de ... de ... lá de Miracatu se foder, **porra!** Como é perseguido o tempo todo. Aí a bosta da Folha de São Paulo, diz que meu irmão foi expulso dum açougue em Registro, que tava comprando carne sem máscara. Comprovou no papel, tava em

São Paulo esse dia. O dono do ... do restaurante do ... do pa ... de ... do açougue falou que ele não tava lá. E fica por isso mesmo. Eu sei que é problema dele, né? Mas é a putaria o tempo todo pra me atingir, mexendo com a minha família. Já tentei trocar gente da segurança nossa no Rio de Janeiro, oficialmente, e não consegui! E isso acabou. Eu não vou esperar foder a minha família toda, de sacanagem, ou amigos meu, porque eu não posso trocar alguém da segurança na ponta da linha que pertence a estrutura nossa. Vai trocar! Se não puder trocar, troca o chefe dele! Não pode trocar o chefe dele? Troca o ministro! E ponto final! Não estão aqui pra brincadeira.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00007.MTS,08:05.835 (14557), P.56)

h) “... leva **porrada**, mas o ministro é elogiado. A gente vê por aí. "A, o governo tá, o ... o ministério tá indo bem, apesar do presidente.". Vai pra puta que o pariu, **porra!** Eu que escalei o time, **porra!** Trocamos cinco. Espero trocar mais ninguém! Espero! Mas nós temos que, na linha do Weintraub, de forma mais educada um pouquinho, né? É ... de se preocupar com isso. Que os caras querem é a nossa hemorroida! É a nossa liberdade! Isso é uma verdade. O que esses caras fi zeram com o vírus, esse bosta desse governador de São Paulo, esse estrume do Rio de Janeiro, entre outros, é exatamente isso. Aproveitaram o vírus, tá um bosta de um prefeito lá de Manaus agora, abrindo covas coletivas. Um bosta. Que quem não conhece a história dele, procv-a conhecer, que eu conheci dentro da Câmara, com ele do meu lado! Né?” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00008.MTS, 00:00.150 (1), 58)

i) “E nós sabemos o ... o que, a ideologia dele e o que ele prega. E que ele sempre foi. O que a ... tá aproveitando agora, um clima desse, pra levar o terror no Brasil. Né? Então, pessoal, por favor, se preocupe que o de há mais importante, mais importante que a vida de cada um de vocês, que é a sua liberdade. Que homem preso não vale **porra** nenhuma.” (Jair Bolsonaro, Arquivo 00008.MTS, 00:00.150 (1), p.58)

## EXEMPLÁRIO DE “PORRADA” NA REUNIÃO MINISTERIAL

Duas vezes o termo foi proferido pelo atual presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães (p.39 e 40); cinco vezes proferido pelo presidente Jairo Bolsonaro ( p.21, 24, 58 e 61)

a) “Se ... setenta milhões de brasileiros, não é? A ... os ... lançamos essa camada pros mais frágeis. É, pegamos os idosos. Pegamos as empresas, microcrédito, depois de te ... de ... de zero a dez, de ... a ... trezentos e sessenta mil e depois de trezentos e sessenta mil a dez milhões. Montamos um comitê de bancos, estamos lá com o Montezano agora fazendo justamente a reestruturação. Não vai ter molezinha pra empresa aérea, pra nada disso. É dinheiro que nós vamos botar usando a melhor tecnologia financeira lá de fora. Nós vamos botar dinheiro, e ... vai dar certo e nós vamos ganhar dinheiro. Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos pra salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas. Então, nós tamos fazendo tudo *by the book*, direitinho. Na conversa com os ministros da fazenda lá de fora eu disse que nós tamos com um deficit extraordinariamente es ... alto esse ano. É ... da mesma forma que eles, tá todo mundo na mesma direção, só que nós caímos no chão, tá uma confusão. Tiro, **porrada** e bomba, mas nós não perdemos a bússola. A gente cai, levanta e sabe pra onde nós \_\_\_te mos que ir.” (Paulo Guedes, Arquivo 00008.MTS. 04:56.896 (8894), p. 61)

b) “Presidente Bolsonaro e presidente Pedro irresponsáveis porque abriram. A gente só vai levar **porrada**. Agora, realmente meu ponto é: é inaceitável, foi a primeira vez que aconteceu, eu conheço a, a Milena .. . Milene Comine, atleta olímpica. Quer dizer, uma atleta olímpica, esposa atleta olímpica e a filha de catorze anos num camburão? Eu não sei se e les botaram atrás ou no meio. E aí você solta estuprador? Então acho que realmente tem uma questão e, de novo, o, a, e quero só reforçar uma coisa: o ministro Moro, em um dia, resolveu um problema muito importante, muito obrigado ministro. O que que aconteceu? Os ... é, é ... os guardas, né? O, o, o, os que ficam dentro da agência não poderiam pela legislação ir pra fora. O \_g\_ue que que aconteceu? O ministro em c inco horas

resolve~problema.” (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00005.MTS, 02:04.374 (3721), p.40)

c) “... a gente só leva **porrada**. Agora tem um limite. Desculpa. É, o ... todo lugar que eu vou, as pessoas normalmente são educadas, mas o ... a paciência chega num limite, obviamente não dessa maneira, eu acho que tem um ponto. Nós estamos emprestando cento e cinquenta e quatro bilhões de reais, mas só um ponto que eu acho importante ... Tarcísio é super meu amigo e ele é muito esperto. Qual que é a ... o grande ponto que a gente tem que evitar? O cara que tá quebrado, já estava quebrado antes e quer a nossa molezinha. Então, assim, claramente tem que ajudar e eu concordo, tanto que nós emprestamos quarenta e três bilhões de reais pro segmento imobiliário. Um milhão e meio de pessoas deixaram ... ser demitidas. Agora, não é pra todo mundo não! Aquela empresa que já estava quebrada antes, por que que a gente vai dar molezinha? Então, este ajuste fino é importante, os bancos tem que fazer, por quê? Último ponto que eu falo. Já estou sendo processado também, vamos nós dois juntos pra cadeia, por causa do auxílio emergencial. Sabe que tem? Tem gente do TCU dizendo que a gente tá {dando} muito e tem gente dizendo que a gente tá {dando} pouco. Ferrou! (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00005.MTS, 00:00.233 (1), P. 39)

d) “Agora politicamente ele nunca me deu uma alfinetada e sempre tá defendendo com os problemas que ele tem. Então não é o ministro ir de peito aberto, enfrentar, entrar no covil dos leões, mas não pode, né? Por exemplo, quando se fala em possível impeachment, ação no Supremo, baseado em filigranas, eu vou em qualquer lugar do território nacional e ponto final! O dia que for proibido de ir. .. pra qualquer lugar do Brasil, pelo Supremo, acabou o mandato. E, espero que eles não decidam, ou ele, né? Monocraticamente, querer tomar certas medidas porque daí nós vamos ter um ... uma crise política de verdade. E eu não vou meter o rabo no meio das pernas. Isso daí. .. zero, zero. Tá certo? Porque se eu errar, se achar um dia ligação minha com empreiteiro, dinheiro na conta na Suíça, **porrada** sem problema (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS06:00.076 (10788), p.22)

e) “Ele quer fazer uma videoconferência onde mais de trezentos empresários do Rio, que é um pouquinho abaixo do potencial de São Paulo, pra hipotecar solidariedade a uma ... a ... a ideia que nós temos de reabrir o comércio. A desgraça que vem pela frente, eu acho que o Paulo Guedes tá sendo até legal, hein Paulo Guedes? Eu não sou economista não. Vai ser uma **porrada** muito maior do que você possa imaginar. Não são apenas os informais. Eu acho que já bateu a dez milhões de carteira assinada, foi pro saco. E os governos estaduais não tem como pagar salário pros ca ... não tem. Maio, metade dos estados não te ... não vai ter como pagar salário mais. A desgraça tá aí. Eles vão querer empurrar essa ... essa ... essa trozoba pra cima da gente, esse pessoal aqui do lado vai querer empurrar, e a gente vai reagir porque aqui não é saco sem fundo. Tá? Então essa preocupação vamos ter. Paralelamente a isso tem aí OAB da vida, enchendo o saco do Supremo, pra abrir o processo de impeachment porque eu não apresentei meu ... meu exame de ... de ... de ... de vírus, essas frescurada toda, que todo mundo tem que tá ligado. (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS, 04:00.056 (7191), p.21)

f) “Vai deixar alguns maluco aí, que eles sabem quem são, ficar aí naquela febre de “Ó, o Presidente é irresponsável, ele é maluco, ele é genocida”. Não é assim. Não va ... o que vale prum lado, vale pro outro, o que não vale prum lado, não vale pro outro. Essa é a nossa preocupação que devemos ter. Com isso que tá aqui, o Pró-Brasil, mas também com a questão política. Se nós começarmos a falar com propriedade, e tem gen ... muita gente que fala muito melhor do que eu, e tem um conhecimento muito melhor do que eu, tem que fa lar, **pô!** Discretamente mas tem que falar, pra não deixar subir a temperatura, porque é só **porrada** o tempo todo em cima de mim. E vou continuar indo em qualquer lugar do Brasil e ponto final, é problema meu. Tá certo? Se eu não tiver esse direito de ir e vir. Prefeitinho lá do fim do mundo, um jaguapoca dum prefeito manda prender. Tem que a Justiça se posicionar. .. se posicionar sobre isso, **porra!** Tem que se posicionar sobre isso, abertamente! Não admitimos prisão por parte de prefeitos, e o decreto! (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00002.MTS, 09:00.456 (16194), p.24)

g) “Leva **porrada**, mas o ministro é elogiado. A gente vê por aí. “A, o governo tá, o ... o ministério tá indo bem, apesar do presidente.”. Vai pra

puta que o pariu, **porra!** Eu que escalei o time, **porra!** Trocamos cinco. Espero trocar mais ninguém! Espero! Mas nós temos que, na linha do Weintraub, de forma mais educada um pouquinho, né? É ... de se preocupar com isso. Que os caras querem é a nossa hemorroida! É a nossa liberdade! Isso é uma verdade. O que esses caras fi zeram com o vírus, esse bosta desse governador de São Paulo, esse estrume do Rio de Janeiro, entre outros, é exatamente isso. Aproveitaram o vírus, tá um bosta de um prefeito lá de Manaus agora, abrindo covas coletivas. Um bosta. Que quem não conhece a história dele, procv-a conhecer, que eu conheci dentro da Câmara, com ele do meu lado! Né?" (**Jair Bolsonaro**, Arquivo 00008.MTS, 00:00.150 (1), 58)

## EXEMPLÁRIO DE "POXA" NA REUNIÃO MINISTERIAL

Uma única vez pelo atual presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães (p.39) recorreu a este termo:

"Ou seja, tem gente querendo me prender, porque tá dizendo que a gente tá {dando} muito e tem gente querendo me prender, que são aqueles caras lá que tavam antes, {dando} pouco. Vou acabar sendo preso, mas o que que gente não vai fazer? Deixar trinta, quarenta, cinquenta milhões de pessoas passarem fome. Então, é só o meu recado dizendo o seguinte: a Caixa é o banco de todos os brasileiros. **Poxa**, a gente tá com trinta mil pessoas. Eu passo ligando quarenta e cinco bra ... é ... pessoas na Caixa tiveram coronavírus. Dois fa ... faleceram, um na verdade com setenta anos, que já tava aposentado e outro. A pessoa é ... é ... eu chorei mais do que a pessoa, a mãe. É, uma pessoa em trinta mil que estão o dia inteiro. Eu já falei pra minha esposa: se tiver qualquer coisa vou lo ... tomar um litro de *hidro/orixisquina*, aquelas coisas todas. Então assim, eu acho que a gente tá, só o último ponto, num, numa questão de histeria coletiva. Quer dizer, eu posso ter trinta mil funcionários na Caixa, pagando sete milhões hoje, dois milhões na sex ... é, segunda. Ontem a gente abriu oitocentas agências, vamos abrir no sábado, no domingo, duas horas antes." (**Pedro Guimarães**, Arquivo 00005.MTS, 01 :01.211 (1828), P.39)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei analisar os “coprologismos” “porra” e seus correlatos da reunião ministerial do dia 22/04/2020. No final do estudo, não foi possível responder suficientemente uma pergunta que levantei no início do texto: a que e a quem servem os coprologismos no Governo Bolsonaro? O exemplário do palavreado com “porra”, extraído do vídeo da Reunião Ministerial, parece indicar fortes indícios de radicalização da extrema-direita no discurso político do governo Bolsonaro, postulação que irá requer maior aprofundamento nesse campo de estudo.

## REFERÊNCIAS

ADVOGADO aciona Justiça para anular nomeação de amiga dos Bolsonaros para a chefia do Iphan. Painel, **Folha de São Paulo**, em 26/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/05/advogado-aciona-justica-para-anular-nomeacao-de-amiga-dos-bolsonaros-para-a-chefia-do-iphan.shtml>

BERGAMO, Mônica. 'Tenho todas as experiências do mundo em mim', diz Tunico Pereira. Colunas e Blogs, **Folha de São Paulo**, em 9/9/2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2018/09/tenho-todas-as-experiencias-do-mundo-em-mim-diz-tonico-pereira.shtml>

BRANT, Danielle. Moro diz que se negou a ser papagaio e que Bolsonaro é negacionista sobre coronavírus. Poder, **Folha de São Paulo**, em 24/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/moro-diz-que-se-negou-a-ser-papagaio-e-que-bolsonaro-e-negacionista-sobre-coronavirus.shtml>

BRASIL. Serviço Público Federal.MJSP - Polícia Federal: DITEC-Instituto Nacional de Criminalística. **Laudo nº 1242/2020 - INC/DITEC/PF: Laudo de Perícia Criminal Federal** (Registros de Áudio e Imagens). Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/leia-integra-da-transcricao-do-video-da->

reuniao-ministerial-de-22-de-abril-entre-bolsonaro-e-ministros.ghtml

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Inquérito 4.831 Distrito Federal: Ministro Celso de Mello (Relator)**. <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/decisao4831.pdf>

GREGORIO, Rafael. Paulo Cavalcanti, ex-editor da revista Rolling Stone Brasil, morre aos 57 em São Paulo. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 26/02/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/02/paulo-cavalcanti-ex-editor-da-revista-rolling-stone-brasil-morre-aos-57-em-sao-paulo.shtml>

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão atualizada em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-2/html/index.php#0> (assinantes de Uol)

LEMOS, Iara. Embate para tentar barrar uso da cloroquina ganha força no Senado. Equilíbrio e Saúde, **Folha de São Paulo**, em 24/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/embate-para-tentar-barrar-uso-da-cloroquina-ganha-forca-no-senado.shtml>

SANCHES, Mariana. 'Casos pequenininhos de corrupção podem acontecer em qualquer governo', diz Olavo de Carvalho sobre caso Queiroz. Poder, **Folha de São Paulo**, em 22/05/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/casos-pequeninhos-de-corrupcao-podem-acontecer-em-qualquer-governo-diz-olavo-de-carvalho-sobre-caso-queiroz.shtml>

SENRA, Ricardo e KRIEZIS, Elisa. Paulo Coelho: Vou perder leitores, mas criticar Bolsonaro é compromisso histórico. Ilustrada, **Folha de São Paulo**, em 25/09/2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/paulo-coelho-vou-perder-leitores-mas-criticar-bolsonaro-e-compromisso-historico.shtml>

## IN(CONCLUSÕES)

Assim como são poucos os experimentos e os estudos sobre uma possível vacina contra o vírus causador da Covid-19, há muito também a se estudar e especular sobre os estudos linguísticos na pós-pandemia. De que se ocupará a linguística contemporânea no mundo pós-coronavírus?

O acrônimo Covid-19 merecerá dos linguistas uma maior atenção terminológica para discussão no campo semântico e pragmático uma vez que, doravante, vamos falar, de forma muito recorrente, sobre o coronavírus assim como também vão aumentar nossas preocupações e inquietações humanas, principalmente na área educacional, o medo de que o novo coronavírus sofra mutações e, por isso, venha a ficar mais transmissível de pessoa para pessoa. Não creio que seja a remota ou descartada a possibilidade de mutação do coronavírus nem poderemos conter, doravante, uma onda de novos roteiros de filmes escatológicos ou enredos de livros de ficção científica sobre doenças e pandemias no “Novo Normal”.

Nos tempos de pandemia do coronavírus, observei como os governantes, em reuniões ou entrevistas à imprensa, recorrem às fraseologias, particularmente as locuções, expressões fixas memorizadas na mente dos falantes. Analisamos brevemente a locução “E daí?”, mas evidentemente há muito a investigar quanto às suas acepções viáveis e quanto à construção frasal no discurso político, considerando os diversos contextos de uso.

A preposição “ante” carece ainda de maior robustez de estudo morfológico para se ter uma ideia do seu alcance no discurso. O pronome relativo “cujo” está requerendo de todos os que se dedicam ao domínio da norma padrão uma maior atenção quando do seu emprego na língua escrita. Enfim, as classes fechadas da língua portuguesa estão carecendo de novos estudos morfológicos além da descrição gramatical.

Tratei, nos textos para discussão, do fenômeno do deboche. Sei que já temos muitos estudos sobre o discurso do humor, do ódio e da violência, mas são muito escassas as investigações sobre a linguagem do deboche. Aqui, o baixo calão precisa ser mais bem estudado pelos linguistas que se ocupam dos tabuísmos. Quanto a esse ponto, vale ressaltar que os textos para discussão apresentados destacaram apenas a expressão dos tabus linguísticos no discurso político, sobretudo os palavrões presentes na fala do presidente Jair Bolsonaro, que, ao certo, não envolvem apenas aspectos éticos ou dizem respeito unicamente às boas maneiras e à civilidade, mas a um jogo de encobrir, de fazer de conta, de "não dizer, dizendo" ou de "dizer, não dizendo", lídimos marcadores do discurso político e das diferenças idiossincrásicas e étnico-culturais que, certamente, para serem melhor desveladas pelas linguísticas discursivas, exigirão dos pesquisadores a análise baseada em corpus mais amplo e mais específico.

## SOBRE O AUTOR



Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao

deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação *“Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil”*, sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese **“Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro”**, sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do Curso

de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa **“Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro”** (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre **“Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira”**, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dra. Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e

poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em <http://www.pedrojoaoeditores.com.br/>). Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para [vicente.martins@uol.com.br](mailto:vicente.martins@uol.com.br)

**"Lembrem-se: o inimigo é um só, o Sars-Cov-2, o novo coronavírus";, disse Antonio Barra Torres a deputados ao fim do vídeo, ao receber diagnóstico positivo para o novo coronavírus. Barra é dos aliados do presidente Jair Bolsonaro na área da saúde e o diretor-presidente substituto da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) (Saúde, Folha de São Paulo, em 19/05/2020 )**

**"Com conhecimento suficiente sobre o inimigo —onde ele se esconde, quão rapidamente se move, onde ele é mais ameaçador e quais são suas vulnerabilidades — será possível reenergizar a economia sem colocar vidas adicionais em risco."**  
(Saúde, Folha de São Paulo, 24/04/2020)

**"No entanto, a pandemia também cria uma oportunidade para os opositores do presidente Jair Bolsonaro. Por constituir um inimigo literalmente invisível, o combate ao vírus precisa ser coletivo para ser eficaz."  
(André Singer et ali, Ilustríssima, Folha de São Paulo, 24/04/2020)**



ISBN 978-65-87645-00-1



9 786587 445001 >